

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Gislaine Leoncio Motti

**REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS SOCIAIS DE ENLUTADOS DIANTE DA  
MORTE NO CONTEXTO DA PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS (2020-2022)**

Belo Horizonte

2023

Gislaine Leoncio Motti

**REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS SOCIAIS DE ENLUTADOS DIANTE DA  
MORTE NO CONTEXTO DA PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS (2020-2022)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ingrid Faria Gianordoli Nascimento

Co-orientador: Prof Dr Fabrício Veliq Barbosa

Belo Horizonte

2023

150 Motti, Gislaine Leoncio.  
M922r Representações e práticas sociais de enlutados diante da  
2023 morte no contexto da pandemia no novo coronavírus (2020-  
2022) [manuscrito] / Gislaine Leoncio Motti. - 2023.  
147 f.  
Orientadora: Ingrid Faria Gianordoli-Nascimento.  
Coorientador: Fabrício Veliq Barbosa.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.  
Inclui bibliografia.

1. Psicologia – Teses. 2.Luto - Teses. 3.COVID-19 Pandemia, 2020 - Teses. 4.Cibercultura - Teses. 5.Representações sociais - Teses. I.Gianordoli-Nascimento, Ingrid Faria. II.Veliq, Fabrício. III.Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. IV.Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

### ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE GISLAINE LEONCIO MOTTI

Realizou-se, no dia 14 de fevereiro de 2023, às 14:00 horas, Online, da Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de dissertação, intitulada *Representações e práticas sociais de enlutados diante da morte no contexto da pandemia no novo coronavírus (2020-2022)*, apresentada por GISLAINE LEONCIO MOTTI, número de registro 2020674763, graduada no curso de PSICOLOGIA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em PSICOLOGIA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Ingrid Faria Gianordoli Nascimento - Orientador (UFMG), Prof(a). Fabricio Veliq Barbosa - Coorientador (UFMG), Prof(a). José Carlos Santos Ribeiro (UFBA), Prof(a). Alessandro Vinicius de Paula (UFMT).

A Comissão considerou a dissertação:

( x ) Aprovada

( ) Reprovada

Finalizados os trabalhos, a presente ata, lida e aprovada, vai assinada pelos membros da Comissão.



Documento assinado eletronicamente por **Fabrizio Veliq Barbosa, Usuário Externo**, em 14/02/2023, às 16:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alessandro Vinicius de Paula, Usuário Externo**, em 14/02/2023, às 16:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **José Carlos Santos Ribeiro, Usuário Externo**, em 14/02/2023, às 16:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ingrid Faria Gianordoli Nascimento, Presidente de comissão**, em 14/02/2023, às 17:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2077231** e o código CRC **9AAC27B9**.

## **Agradecimentos**

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela oportunidade de me dedicar integralmente à pesquisa – o apoio oferecido foi essencial para garantir a qualidade da produção científica ao longo do mestrado.

Agradeço aos meus orientadores, Ingrid Faria Gianordoli-Nascimento e Fabrício Veliq, pela paciência em me trazer de volta para a realidade do processo sempre que minhas intenções fugiam do escopo ou do recorte. Embora ainda tenha tentado dar passos maiores do que as minhas pernas, suas considerações atentas foram responsáveis por manter o tema em destaque. Gostaria de estender os agradecimentos a Alessandro Vinícius Paula, que possibilitou um olhar de fora do processo e fez valiosas considerações acerca do material.

Agradeço ao Núcleo de Pesquisa “Memórias, Representações e Práticas Sociais” pela recepção calorosa, ainda na graduação, de uma aluna ansiosa (talvez até em demasia) pela produção de ciência: as oportunidades oferecidas e os conhecimentos adquiridos fizeram toda a diferença na minha jornada profissional e acadêmica. Apesar da importância de todos os membros, gostaria de mencionar alguns em especial: Luiz Vinhal, por me ensinar que é possível pesquisar um tema que você ama, Flaviane Oliveira, por me mostrar que não é sobre acertar na primeira tentativa mas sobre a persistência até obter os resultados satisfatórios. Apesar da virtualíssima trindade estar em hiato, foi um prazer mergulhar nos estudos da cibercultura com vocês. Jaíza Cruz, Sara Angélica, Walter Miez, Míria Moraes – obrigada pelas trocas, pelos conselhos e pelo afeto!

Agradeço ao Grupo de Estudos “Construções coletivas e soluções possíveis” e seus membros por tornar o caminho menos solitário quanto toda e qualquer expectativa sobre a experiência do mestrado foi quebrada pela pandemia. Em particular, gostaria de citar Bruno Martins e sua voz de narrador que apaziguava nossos nervos, Bárbara Maciel e a gentileza em suas considerações, Ana Paula e as preciosas informações administrativas, Elisângela Boggione e a paciência de suas colocações, Cristiane Nunes e sua energia contagiante no dia-a-dia – nunca vou esquecer nossos encontros de quarta-feira!

Agradeço à Bárbara Maciel e Luis Filipe, que compuseram comigo o trio de “desorientandos” – estávamos todos igualmente perdidos em meio a um mestrado pandêmico, mas a jornada se tornou menos desesperadora por tatear esse caminho com vocês.

Agradeço à minha pequena, porém calorosa, comunidade. Produzir conteúdo faz parte da minha vida desde que eu decidi escrever sobre livros na internet aos doze anos, mas eu nunca imaginei que se tornaria um sonho – e que, eventualmente, o sonho poderia se tornar realidade. Vocês me acolheram e me animaram nos momentos mais difíceis e espero algum dia poder retribuir pelo menos um pouco desse amor.

Agradeço aos meus pais, que nunca realmente entenderam o que eu fazia ou o porquê de fazê-lo, mas apesar disso nunca duvidaram do meu potencial.

Agradeço aos meus amigos em geral, por não desistirem da minha pessoa apesar da minha ausência constante e da minha presença monotemática – juro que aprendi que meu objeto de pesquisa pode não ser uma boa ideia em festas. Vocês me provaram, de diferentes maneiras, que se importam. E isso vale tudo.

Agradeço à Hully Fernanda, por ter acompanhado literalmente cada sentença do anteprojeto conforme esta pesquisa nascia. Embora você (ainda) não tenha lido a dissertação, sua paciência e consideração foram cruciais para que eu confiasse na minha escrita o suficiente para não precisar te enviar cada versão de cada parágrafo.

Agradeço ao Artur Campos, por nunca me interromper nos longos monólogos sobre o fim da vida – apesar de seu medo irracional diante da ideia da morte. Devo admitir que meu fascínio era tão irracional quanto, mas dividir as primeiras reflexões com você possibilitou transformar um interesse ligeiramente mórbido em objeto de pesquisa científica.

Agradeço ao Luciano Starling, por compensar minha ansiedade e nervosismo com comida – você pode fazer o melhor brigadeiro do mundo, mas não se esqueça de que fui eu quem te ensinei. A vida tem um jeitinho todo especial de bagunçar planos alheios, mas jamais esquecerei das noites de RPG regadas a vinho barato porque foram os momentos em que eu percebi que não tinha nada de errado em ser eu mesma.

Agradeço ao Juan Thalles, por todas as vezes que sutilmente me intimou a parar de trabalhar – eu nunca obedeci, mas me sinto verdadeiramente grata pela preocupação. Apesar de não acompanhar meu raciocínio em metade das nossas conversas sobre pesquisa, você sempre foi o melhor de todos os ouvintes. Obrigada por confiar em mim nos momentos em que eu mesma duvidei.

E, por fim, agradeço ao Loki. Pode parecer pouco convencional, mas resgatei meu gatinho quase ao mesmo tempo em que iniciei a pesquisa – e eu realmente não sei se teria resistido aos percalços do mestrado sem o chamego (e o caos) diário desse bichano.

"A morte não é terrível. Passa-se ao sono e o mundo desaparece – se tudo correr bem. Terrível pode ser a dor dos moribundos, terrível também a perda sofrida pelos vivos quando morre uma pessoa amada. Não há cura conhecida. Somos parte uns dos outros. (...) A morte não tem segredos. Não abre portas. É o fim de uma pessoa. O que sobrevive é o que ela ou ele deram às outras pessoas, o que permanece nas memórias alheias." (Norbert Elias, 1982/2001, p. 76-77)

## Resumo

Motti, Gislaine L. (2023). *Representações e práticas sociais de enlutados diante da morte no contexto da pandemia no novo coronavírus (2020-2022)*. (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais).

A pandemia de COVID-19, causada pelo popularmente denominado “novo coronavírus”, rapidamente tornou-se pauta de alerta tanto devido à acelerada disseminação geográfica quanto à alta incidência de contágio e de óbitos. As medidas para contenção da COVID-19, como as restrições na realização de velórios e as despedidas por videochamada em hospitais, alteraram os rituais fúnebres tradicionais brasileiros. Nesse sentido, emergem alguns questionamentos: como a pandemia de COVID-19, considerada uma situação de desastre nos termos do protocolo de saúde mental e atenção psicossocial, afetou as representações e práticas sociais diante da morte? Quais as mudanças nas estratégias de luto diante das limitações impostas às práticas sociais fúnebres tradicionais e suas possíveis repercussões no processo de elaboração do sujeito? Esta pesquisa, de caráter exploratório, teve como objetivo principal compreender as representações e práticas sociais de pessoas enlutadas acerca do processo de elaboração do luto no contexto brasileiro da pandemia de COVID-19 a partir de relatos publicados espontaneamente no Twitter. O procedimento metodológico adotado se caracteriza como uma pesquisa documental longitudinal utilizando em conjunto a análise lexical e a análise de conteúdos para compor “redes de conteúdo”. A forte correlação identificada entre os conteúdos acionados nos relatos aponta para a impossibilidade de considerar os temas individualmente: existem conexões intrínsecas que não poderiam ser compreendidas em toda sua complexidade ao analisar separadamente cada um dos elementos que constitui as especificidades do luto pandêmico – ou da “dupla morte”, como denominada por parte da população afetada. Nesse sentido, a partir da construção teórica e dos resultados analíticos apresentados, identificou-se que a dimensão política e o compartilhamento social do enlutamento constituem as especificidades do luto por familiares vítimas de COVID-19. A percepção da relação aspectos sociopolíticos e a subjetividade permite o delineamento de estratégias de manejo do luto coletivo vivenciado pela população brasileira na pandemia de COVID-19.

**Palavras-chave:** experiência do luto; enlutamento; cibercultura; teoria das representações sociais; COVID-19.

## Abstract

Motti, Gislaine L. (2023). *Social representations and practices of bereaved toward death in coronavirus pandemic context (2020-2022)*. (Master's thesis, Federal University of Minas Gerais).

The COVID-19 pandemic, instigated by the widely recognized "new coronavirus," swiftly emerged as a pressing concern due to its rapid geographic dissemination and its significant rates of transmission and mortality. Measures implemented to mitigate COVID-19, such as restrictions on traditional funeral ceremonies and the adoption of virtual farewells in hospital settings, have disrupted customary funeral practices in Brazil. Consequently, several inquiries arise: How has the COVID-19 pandemic, acknowledged as a crisis situation regarding mental health and psychosocial support protocols, influenced societal perceptions and behaviors concerning death? What adaptations in grieving processes have occurred in response to the constraints imposed on traditional funeral customs, and how might these changes impact individuals' coping mechanisms? This exploratory study aims to explore the representations and social practices of individuals experiencing bereavement amidst the COVID-19 pandemic in Brazil, drawing on spontaneously published accounts on Twitter. Employing a longitudinal documentary research approach, the study integrates lexical and content analyses to construct "content networks." The discerned strong correlations among the narratives suggest the interconnectedness of various themes; understanding the complexity of pandemic mourning necessitates examining these elements collectively rather than in isolation. Termed by some as "double death," the unique challenges posed by pandemic mourning encompass both personal loss and broader societal implications. Through theoretical frameworks and analytical findings, the study identifies the intertwining of political dimensions and communal grieving processes in mourning for COVID-19 victims. Recognizing the interplay between sociopolitical factors and individual experiences enables the development of strategies to address the collective mourning experienced by the Brazilian population amidst the COVID-19 pandemic.

**Keywords:** grief; mourning; cyberculture; social representations theory; COVID-19.

## Lista de figuras

<b>Figura 1.</b> Caminhões do Exército transportam caixões de vítimas de COVID-19 na Itália	<b>42</b>
<b>Figura 2.</b> Valas informais para vítimas de COVID-19 às margens do Rio Ganges, na Índia	<b>43</b>
<b>Figura 3.</b> Valas coletivas para vítimas da COVID-19 no Brasil	<b>44</b>
<b>Figura 4.</b> Fila de parentes de pacientes hospitalizados para conseguir oxigênio em Manaus	<b>45</b>
<b>Figura 5.</b> Esquema ilustrativo da continuidade relacional entre virtual e atual	<b>59</b>
<b>Figura 6.</b> Frequência de tweets ao longo do tempo de coleta	<b>81</b>
<b>Figura 7.</b> Análise de especificidades da variável temática “conteúdo”	<b>84</b>
<b>Figura 8.</b> Dendrograma de classes sobre o processo de elaboração do luto por COVID-19	<b>87</b>
<b>Figura 9.</b> Frequência de entradas (tweets e replies) por categoria temática	<b>91</b>
<b>Figura 10.</b> Diagrama de relações entre categorias temáticas	<b>101</b>
<b>Figura 11.</b> Processo de levantamento e avaliação de artigos para revisão de literatura	<b>129</b>
<b>Figura 12.</b> Correspondências entre eventos públicos e manifestações privadas de luto	<b>143</b>

## Lista de tabelas

<b>Tabela 1.</b> Distribuição de relatos nas etapas analíticas por característica da coleta	<b>69</b>
<b>Tabela 2.</b> Distribuição de engajamento em tweets de usuários enlutados, por ano	<b>76</b>
<b>Tabela 3.</b> Média de ocorrências de tweets sobre o processo de elaboração do luto, por nível de relação	<b>79</b>
<b>Tabela 4.</b> Duração (em meses) dos relatos de enlutamento por nível de relação	<b>80</b>
<b>Tabela 5.</b> Distribuição percentual de conteúdos ao longo do tempo por categoria temática	<b>100</b>
<b>Tabela 6.</b> Distribuição cronológica de artigos publicados sobre o luto pela COVID-19	<b>134</b>
<b>Tabela 7.</b> Distribuição geográfica de artigos publicados sobre o luto pela COVID-19	<b>135</b>
<b>Tabela 8.</b> Natureza da atuação das instituições vinculadas aos autores de artigos publicados sobre o luto pela COVID-19	<b>136</b>
<b>Tabela 9.</b> Distribuição das áreas de conhecimento dos autores de artigos publicados sobre o luto pela COVID-19	<b>137</b>

## **Lista de quadros**

<b>Quadro 1.</b> Categorização de reações esperadas ao luto	<b>33</b>
<b>Quadro 2.</b> Fatores de proteção e fatores de risco para desenvolvimento do luto complicado	<b>37</b>
<b>Quadro 3.</b> Relatos por relação com a vítima, duração (em dias), quantidade e frequência de tweets	<b>77</b>
<b>Quadro 4.</b> Estatísticas textuais do corpus definitivo	<b>82</b>
<b>Quadro 5.</b> Estudos selecionados para revisão de literatura em luto por COVID-19	<b>130</b>
<b>Quadro 6.</b> Principais eventos públicos relacionados à COVID-19 (2020-2022)	<b>138</b>

## Lista de abreviaturas

APA	American Psychiatric Association (Associação Americana de Psiquiatria)
CHD	Classificação Hierárquica Descendente
COE	Centro de Operações de Emergências em Saúde Pública
COVID-19	Coronavirus Disease (Doença por Coronavírus)
EPI	Equipamentos de Proteção Individual
GOR	Global Overview Report (Relatório de Visão Geral Global)
HIV	Human Immunodeficiency Virus (Vírus da Imunodeficiência Humana)
MEC	Ministério da Educação
MRPS	Núcleo de Pesquisas Memória, Representações e Práticas Sociais
MS	Ministério da Saúde
OMS	Organização Mundial da Saúde
SVS	Secretaria de Vigilância em Saúde
TICs	Tecnologias de Informação e Comunicação
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UTI	Unidade de Terapia Intensiva

## Sumário

<b>Apresentação</b>	14
<b>1 Introdução</b>	16
<b>2 Perspectivas teórico-conceituais</b>	23
2.1 A cultura da morte no ocidente: um breve histórico	23
2.2 Corpo, memória e rituais: aspectos socioculturais do luto	32
2.3 Singularidades do enlutamento por COVID-19	41
2.4 Representações e práticas sociais na cibercultura	55
<b>3 Procedimentos metodológicos</b>	61
3.1 Contexto da pesquisa	64
3.2 Coleta de dados	67
3.3 Análise de dados	70
<b>4 Resultados e discussão</b>	75
4.1 Estatísticas textuais, análise de especificidades e classificação hierárquica descendente	82
4.2 Categorias temáticas e redes de conteúdo	89
4.3 O processo de elaboração do luto por familiares das vítimas de COVID-19	102
<b>5 Considerações finais</b>	111
<b>Referências</b>	114
<b>Apêndice I. Revisão de literatura em luto pela COVID-19</b>	124
<b>Apêndice II. Linha do tempo de eventos públicos</b>	138
<b>Apêndice III. Correspondências entre eventos públicos e manifestações privadas</b>	142

## **Apresentação**

De acordo com Catherine Bell (1992/2009), a investigação de qualquer tópico deve se iniciar com uma exploração dos motivos pelos quais este instiga interesse: afinal, o pesquisador deve ser capaz de compreender as razões pelas quais o tópico constitui um “problema”, pelo menos para ele mesmo. Nesse sentido, considera-se adequado pedir ao leitor licença para inaugurar esta dissertação por meio de um texto, reconhecidamente de teor mais poético do que acadêmico, construído pela autora em diferentes momentos ao longo do percurso do que se tornou um mestrado pandêmico.

A morte faz parte da vida. Cada dia, cada hora e cada minuto são apenas passos no constante processo do morrer. Este caminho, porém, é marcado por instantes efêmeros em que relações são cultivadas, sonhos são germinados e memórias são semeadas. A morte faz parte da vida... mas às vezes esquecemos que ela está ali, apenas aguardando o momento certo de intervir. Quando a morte entra em cena, nos sentimos traídos – mesmo que ela nunca tenha nos dado a sua palavra.

Para dar sentido a essa interrupção da normalidade da vida, o ser humano cria rituais e práticas compartilhadas em uma sociedade: velório, sepultamento, cremação. A elaboração do luto propriamente dito. Lidar com a morte do outro é um processo tão doloroso quanto se conformar com a finitude de si mesmo, visto que traz à tona a consciência de que nós também somos seres mortais.

O que acontece, portanto, quando os rituais tradicionais de morte são abruptamente alterados? O advento da pandemia do novo coronavírus exigiu que as práticas sociais diante da morte fossem adaptadas ao cenário de incerteza: enquanto as despedidas estão restritas ou impedidas de acontecer, inúmeras famílias se percebem diante de um luto ainda mais solitário devido ao distanciamento social. Somos confrontados diariamente, tal qual em outros acontecimentos históricos de grandes proporções (como guerras e desastres), pela possibilidade da nossa própria morte. O que era tabu se tornou assunto cotidiano.

Ainda durante a escrita do anteprojeto para o processo seletivo da pós-graduação, percebi que, via de regra, meu tema de pesquisa gerava certa repulsa. Ninguém queria falar ou ouvir sobre a morte e o morrer. Qual foi minha surpresa quando, em um almoço de domingo, percebi a morte casualmente tornando-se o assunto principal! Não houve constrangimentos ou silêncios preenchidos de estranheza: apenas comentários sobre aqueles

que estiveram doentes e, em especial, sobre aqueles que não sobreviveram para contar a história. Não muito tempo depois, o tema surgiu novamente no emocionante relato de uma parente distante sobre a dor da perda do pai poucos meses antes – o que me impressionou, contudo, foi que seu discurso era permeado de alívio. Alívio porque o pai morrera de outra condição, que não a COVID-19. Alívio porque ele morreu antes de ter o azar de ser contaminado. Alívio por ter podido estar ao seu lado até o último suspiro.

Em Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, a campanha de vacinação contra a COVID-19 teve início no dia 19 de janeiro de 2021. Como profissional da saúde, tive direito à primeira dose da vacina após os grupos prioritários para imunização, alguns meses mais tarde. Nunca vou esquecer a intensidade de emoções que vivenciei enquanto aguardava na fila. Era um momento em que desespero e alegria andavam lado-a-lado: a triagem carregava uma tensão palpável enquanto a sala de espera se assemelhava a um oásis à distância. A memória que guardarei desse dia, contudo, não será o momento em que meu braço foi picado – mas as lágrimas constantes que marcavam o rosto da mulher ao lado, que compartilhou em voz baixa o falecimento do marido há poucos meses, vítima da doença.

Nesse contexto, o espaço virtual emergiu como uma alternativa para lidar com as singularidades do enlutamento pelo novo coronavírus: memoriais virtuais, grupos de apoio e relatos espontâneos foram algumas das soluções de familiares e amigos para contornar a solidão de um luto singular. O principal questionamento que circunda esta pesquisa é, de fato, o papel da publicização para a elaboração desse luto – antes um processo dolorosamente privado e silenciado. Interessa saber as maneiras pelas quais o distanciamento social imposto pela pandemia afetou o modo como elaboramos o luto, a forma como lidamos com a morte do outro e a maneira como pensamos sobre a morte em si. Em suma, compreender como o cenário pandêmico alterou nossas práticas sociais diante da morte. Afinal, contamos mais de meio milhão de mortos. Meio milhão de histórias. Meio milhão de memórias.

Nós precisamos conversar sobre o fim da vida.

## 1 Introdução

Em dezembro de 2019, autoridades sanitárias chinesas notificaram o surgimento de uma nova síndrome respiratória grave com altos índices de transmissão e mortalidade. Denominado popularmente de “novo coronavírus”, o SARS-CoV-2 rapidamente tornou-se pauta de alerta – sendo declarado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), em janeiro de 2020, como uma emergência de saúde pública de interesse internacional (Secretaria de Vigilância em Saúde [SVS], 2020; Freitas, Napimoga e Donalisio, 2020). Pouco depois, em 11 de março de 2020, a instituição intergovernamental elevou o nível de contaminação da COVID-19 à condição de pandemia devido à sua acelerada disseminação geográfica.

Diversas foram as estratégias e atitudes preventivas adotadas, em maior ou menor grau, pelos governos de diferentes países para o enfrentamento da doença. De acordo com Aquino et al. (2020), algumas das intervenções gradualmente implementadas incluem isolamento de casos confirmados, campanhas para a higienização das mãos e uso de máscaras. A implementação de medidas para o distanciamento social, como a restrição de aglomerações e a flexibilização de contratos, se consolidou como uma das estratégias mais comuns para o controle da disseminação do novo coronavírus devido ao impacto direto no fator de contágio e, conseqüentemente, no evitamento do temido colapso dos sistemas de saúde.

Entretanto, os autores levantam duas questões acerca das atitudes preventivas a serem adotadas na lida com a pandemia do COVID-19. Em primeiro lugar, estas medidas foram “implementadas de modo gradual e distinto nos diferentes países, com maior ou menor intensidade, e seus resultados, provavelmente, dependem de aspectos socioeconômicos, culturais, de características dos sistemas políticos e de saúde, bem como dos procedimentos operacionais na sua implementação” (Aquino et al., 2020, p. 2424). Em segundo lugar, alertam que a sustentabilidade e eficácia das medidas de prevenção são diretamente proporcionais às políticas públicas de proteção às populações vulneráveis.

No Brasil, um país marcado por desigualdades socioeconômicas e uma intensa crise política, houve grande resistência à implementação das medidas preventivas adotadas em outros lugares do mundo por recomendação das autoridades sanitárias internacionais, nacionais e até mesmo estaduais (Silva, 2020). De acordo com Lupion (2021), “as diferentes formas como a saúde é gerida no país, bem como as posturas díspares adotadas pelas

autoridades governamentais e políticas deixam a geografia da pandemia no Brasil marcada pelas singularidades nas formas de combater o vírus” (p. 237). A postura adotada pelo Governo Federal diante do cenário pandêmico também resultou em uma série de consequências de ordem política, econômica e social – como, por exemplo, prejuízos nas relações internacionais com outros países (Lima, 2021), alta nas taxas de inflação e desemprego (Alvarenga, Gerbelli & Martins, 2020), impactos na saúde mental da população (Vidale, 2021) e aumento nos índices de violência doméstica (Cruz, 2021).

É possível identificar outros efeitos colaterais indesejáveis relacionados às estratégias de enfrentamento da pandemia, tais como os impactos decorrentes do distanciamento social prolongado na saúde mental da população – relacionados principalmente a quadros depressivos e estresse pós-traumáticos (Lima, 2020; Pereira et al., 2020). Este cenário é potencializado pelas incertezas geradas pela ameaça de uma doença ainda pouco conhecida, que exige dos indivíduos uma mudança súbita de seu estilo de vida, e pela imprevisibilidade das reações do organismo em caso de contaminação. O medo se torna um fator constante.

Segundo Lupion (2021), o cenário pandêmico se caracteriza como uma “desorganização do cotidiano” em todas as dimensões, gerando extrema insegurança devido à sua excepcionalidade. A autora aponta que os rituais de morte são particularmente afetados por esta situação, devido às restrições e limitações estabelecidas nas práticas tradicionais fúnebres – o que pode ocasionar graves consequências no processo de elaboração do luto, tanto individual quanto coletivo, a curto e longo prazo.

Para aqueles que perderam alguém significativo as mudanças são ainda mais expressivas, haja vista que foram levados a vivenciarem duas diferentes formas de luto: uma marcada pela perda da rotina, dos hábitos e da realidade conhecida e outra pela vivência do luto pela perda de um ou mais entes queridos. (Lupion, 2021, p. 246)

Familiares e amigos se vêem impedidos de despedir dos seus entes queridos, quer sejam vítimas do novo coronavírus ou não: a superlotação de cemitérios, os velórios com duração e quantidade de presentes controlados, a completa ausência de adeus ou as despedidas por videochamada em hospitais são apenas algumas características da perda durante a pandemia do novo coronavírus. Outros acontecimentos decorrentes do contágio acelerado chocaram o mundo, tais como os caminhões do exército carregando corpos de vítimas da COVID-19 na Itália (Araújo, 2020) e os corpos enterrados às margens ou flutuando nos rios sagrados na Índia (Pandey, 2021).

O arranjo social de rituais fúnebres cumprem o papel de organização simbólica da morte, esta que ocupa um lugar de mistério, de desconhecido não conceitualizado capaz de gerar ao mesmo tempo angústia e atração (Rabelo e Mahfoud, 2020). O movimento ativo dos rituais se caracteriza como uma solução possível para lidar com a passividade dos sujeitos perante a morte e o morrer, acontecimento inevitável e inerente à condição humana. A impossibilidade de realizar os rituais fúnebres tradicionais durante a pandemia tem sido referida como uma “dupla morte” (Araújo, 2020), pois se caracteriza pela perda simultaneamente de um ser significativo e da possibilidade de se despedir.

De acordo com o psicanalista Christian Dunker, como citado por Araújo (2020), o luto é um processo de ressignificação da dor. A ausência do momento da despedida e da experiência do corpo como morto, portanto, poderia ser comparada com o trauma provocado por situações de guerra – “porque ela produz exatamente essa vala comum, essa impossibilidade de distinguir e valorizar cada vida, que é insubstituível” (s. p.). Em sua matéria, Araújo (2020) aponta que houve outros momentos históricos em que os rituais tradicionais de morte foram alterados por motivos de força maior. A título de exemplo, o jornalista cita a epidemia de HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana), em que os corpos eram enterrados em caixões lacrados e cobertos com uma camada de cal, e a epidemia de ebola na África, na qual diversos corpos foram enterrados em túmulos sem identificação devido ao grande volume de óbitos.

Elias (1982/2001) aponta que a finitude, apesar de ser uma das grandes certezas da humanidade, é negada a qualquer custo na tentativa fantasiosa de afastar o medo do desconhecido. A morte constitui um dos grandes tabus da sociedade contemporânea ocidental: embora seja um fenômeno natural da existência humana, é relegada a uma posição de ruptura (Áries, 1975/2003). Werlang & Mendes (2014) argumentam que o conflito entre a finitude enquanto fenômeno coletivo inevitável e o individualismo como característica marcante da modernidade gera um complexo paradoxo existencial no qual a morte se torna um problema por interromper a “normalidade” da vida.

Devido ao interdito da morte, apontado por Ariès (1977/2014) e Elias (1982/2001), o luto é considerado uma manifestação inconveniente de sofrimento – sendo, portanto, constantemente silenciado para evitar trazer à tona a dolorosa verdade da finitude e da inevitabilidade de perdas na existência humana. Contudo, Ferreira (2020) aponta que o enlutamento se trata de uma resposta esperada para uma perda significativa, quer seja a morte

de um ente querido ou alguma situação vivenciada de forma intensa. Ou seja: apesar de socialmente rejeitado, o luto ocupa lugar fundamental na experiência de vida do sujeito.

A elaboração do luto é um processo intrinsecamente social e, principalmente em situações de desastre e epidemias de grandes proporções<sup>1</sup>, urge a necessidade de compreender o enlutamento para além da perda individual. Afinal, o luto se torna um fenômeno coletivo através da vivência de mudanças incontroláveis na realidade e na organização cultural de uma sociedade – no sentido de que, para além dos laços afetivos, perde-se o sentido da vida<sup>2</sup>. O processo de elaboração desse luto, conseqüentemente, também deve ser coletivo. Perceber o caráter social do luto, no sentido de um rompimento da pretensa normalidade da vida, aponta para a necessidade de compreender a construção de representações e práticas sociais diante da morte que refletem em modos singulares de relação com o morrer.

Em termos de aprofundamento da temática do luto e, especificamente, o luto por COVID-19, cabe destacar o uso de termos específicos na literatura científica em inglês, considerado o idioma da ciência. Luna (2014) explicita que o uso dos termos *grief* e *mourning*, ambos traduzidos como “luto”, tratam de dimensões distintas no processo de elaboração do luto: enquanto *grief* diz respeito a experiência do luto vivida subjetivamente, *mourning* se refere à demanda de expressão e compartilhamento social dessa experiência. Nesse sentido, para fins de clareza, adotou-se a tradução de *grief* como “experiência do luto” e de *mourning* como “enlutamento” para maior clareza na apresentação dos resultados e das discussões decorrentes.

Em um breve apanhado das grandes epidemias da história, Rezende (2009) explana o contexto, a progressão e a dispersão das denominadas “pestes” que impactaram significativamente as estruturas de organização social dos países afetados – sendo um dos maiores exemplos a Peste Negra, do século XIV, que assolou a população europeia em um rastro de mortes e gerou uma série de conseqüências em dimensões sociais, demográficas,

---

<sup>1</sup> De acordo com Franco (2012), desastre pode ser definido como “uma ruptura séria no funcionamento de uma comunidade ou sociedade, causando extensas perdas humanas, materiais, econômicas ou ambientais que excedem a habilidade dos afetados em utilizar seus recursos de enfrentamento (...) uma ocorrência que cause dano, transtorno ecológico, perda de vida humana ou deterioração da saúde e dos serviços de saúde em uma escala suficiente para contar com ajuda externa à comunidade atingida” (p. 55). Nesses casos, o luto será atravessado por elementos coletivos – “como a construção de memoriais, a mobilização política e a conexão com o senso de pertencimento e identidade grupal” (Lopes et al., 2021, p. 4).

<sup>2</sup> Esta discussão foi suscitada em encontro virtual promovido pelo Conselho Regional de Psicologia, em 16 de março de 2021, com o tema “O luto pela COVID-19 é um processo coletivo”. Os convidados foram Bernardo Dolabella Melo e Daphne Rodrigues Ferreira, ambos pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ).

econômicas, culturais e religiosas. De acordo com Werlang e Mendes (2014), “as epidemias das pestes e o alto número de mortes que causaram tiveram influência no modo de pensar e aceitar a ideia da morte no Ocidente, principalmente no estabelecimento dos tempos modernos”<sup>3</sup> (p. 446, tradução nossa).

A pandemia modificou o tabu em torno da morte, pondo a maioria diante da impossibilidade da eternidade, e irrompeu um golpe em nosso narcisismo: não somos tão senhores da nossa vida como acreditamos ser. Tal realidade provocou o encontro, indesejado e estupefato, com a morte. (Lopes et al., 2021, p. 5)

O avanço da pandemia no Brasil exigiu que a população adaptasse seus rituais fúnebres às limitações impostas pelo cenário pandêmico. O distanciamento social impulsionou a criação de projetos sociais em homenagem às vítimas do coronavírus e àqueles que não puderam se despedir adequadamente, como memoriais digitais e rodas de conversa virtuais. O objetivo comum desses projetos é criar uma rede de apoio e de cuidado aos enlutados a partir da construção de uma memória para os que se foram, o que pode caracterizar uma mudança significativa nas práticas sociais diante da morte no contexto da pandemia do novo coronavírus.

As religiões, por sua vez, também se viram obrigadas a reinventar as liturgias tradicionais – utilizando, em sua maioria, de meios tecnológicos como alternativa para oferecer apoio ao enlutamento de familiares e amigos. A virtualização das práticas sociais diante da morte surge como uma solução, ainda que circunstancial, para garantir aos enlutados algum tipo de fechamento de ciclo – em uma tentativa de superar, de certa forma, o estranhamento pela impossibilidade da presença física no momento da despedida.

Lemos (2008) afirma que a cibercultura é um processo "que potencializa aquilo que é próprio de toda dinâmica cultural, a saber, o compartilhamento, a distribuição, a cooperação, a apropriação dos bens simbólicos" (p. 11) Ou seja, a compreensão da cibercultura como um fenômeno que afeta as dimensões de tempo e espaço implica novas configurações da relação entre o ser humano e o mundo, permitindo uma série de reflexões acerca das características específicas da construção da subjetividade contemporânea.

---

<sup>3</sup> No original: “The plague epidemics and the high number of deaths that they caused had an influence on the way of thinking and accepting the idea of death in the West, mainly in the establishment of the modern times”.

De acordo com Lemos (2008), os avanços tecnológicos permitem o rompimento de fronteiras territoriais e temporais, alterando a relação do sujeito com o passado, o presente e o futuro – e, conseqüentemente, refletindo na construção da memória social e no modo como a sociedade lida com o acúmulo de informações. Lévy (1999/2010) aponta que a digitalização dos registros e comunicações gera um “rastros virtual” que permite uma presença em constante atualização. No contexto pandêmico, é possível considerar que os memoriais em ambiente virtual servem ao propósito de manutenção da memória do falecido, contribuindo para a elaboração de um luto restrito pelas condições de distanciamento social.

Nesse sentido, emergem importantes questionamentos. Como a pandemia de COVID-19, considerada uma situação de desastre nos termos do protocolo de saúde mental e atenção psicossocial, afetou as representações e práticas sociais diante da morte? E, ainda, as limitações impostas às práticas sociais tradicionais acarretaram mudanças nos modos de lidar com a morte e o morrer? Se sim, quais seriam essas mudanças e suas possíveis repercussões no processo de elaboração do luto?

Esta pesquisa, de caráter exploratório, teve como objetivo geral compreender as representações e práticas sociais de pessoas enlutadas acerca do processo de elaboração do luto no contexto brasileiro da pandemia de COVID-19, através de relatos publicados espontaneamente no Twitter. Cabe mencionar que foram elencados como objetivos específicos: a) descrever as principais temáticas e perspectivas de estudo relacionadas tanto à experiência do luto quanto ao enlutamento; b) compreender as especificidades do processo de elaboração do luto de familiares enlutados por vítimas da COVID-19.

Assim sendo, a dissertação se estruturou da seguinte maneira:

Esta primeira seção, introdutória, contextualiza a pandemia do novo coronavírus em âmbito global e nacional. Além do risco de uma doença desconhecida, esta situação ocasionou diversas conseqüências de ordem social e psicológica em decorrência das estratégias de enfrentamento da pandemia, como o isolamento social e a limitação dos rituais fúnebres. Considerando o enlutamento como um processo intrinsecamente social, introduz a questão dos efeitos desse cenário no processo de elaboração do luto das pessoas afetadas por aquilo que estudiosos caracterizam como uma situação de desastre.

A segunda seção explora as principais perspectivas teórico-conceituais que sustentaram a pesquisa, por meio de três tópicos intitulados: “A cultura da morte no ocidente: um breve histórico”, “Corpo, memória e rituais: aspectos socioculturais do luto” e

“Singularidades do enlutamento por COVID-19”. Os tópicos foram constituídos para proporcionar um afinamento do pensamento, visto que representam, respectivamente, uma visão ampla da questão da morte como fenômeno psicossocial, o conceito e as implicações do luto e, por último, as características singulares do luto por vítimas do novo coronavírus.

A terceira seção descreve os procedimentos metodológicos adotados para a investigação. Optou-se por abordar algumas das especificidades do contexto da pesquisa para justificar uma série de escolhas tomadas pela pesquisadora ao longo do processo de pesquisa, a partir da compreensão de que os “bastidores” da ciência devem ter tanto destaque quanto seus produtos. Além disso, a seção contém uma descrição minuciosa do processo de coleta de dados realizado em ambiente digital, percorrendo tanto suas potencialidades quanto seus entraves, e as estratégias adotadas para análise dos dados obtidos.

A quarta seção, referente aos resultados e à discussão, explora em profundidade o material coletado ao longo da pesquisa. Este material foi composto por meio do uso conjugado de métodos quantitativos, para caracterização do banco de dados, e qualitativos, para identificar nós temáticos que marcam a subjetividade dos sujeitos enlutados por familiares vítimas do novo coronavírus. Após a descrição objetiva dos dados, o último tópico apresenta narrativamente os principais aspectos identificados no processo de elaboração do luto por familiares vítimas de COVID-19.

E, por último, as considerações finais retomam brevemente as discussões abordadas pela pesquisadora ao longo da dissertação. Além disso, indicam limitações da pesquisa e caminhos frutíferos para investigação futura. Os apêndices, contidos ao final do material, complementam o debate proposto de maneira independente – e podem servir de subsídios para discussões posteriores sobre a temática.

## 2 Perspectivas teórico-conceituais

### 2.1 A cultura da morte no ocidente: um breve histórico

Para compreender o enlutamento e a experiência do luto, principalmente em meio ao processo de configuração de novas representações sociais provocado pela pandemia do novo coronavírus, é preciso retomar a história das atitudes do ser humano ocidental diante da morte. Philippe Ariès (1975/2003, 1977/2014), historiador francês que se dedicava ao estudo das mentalidades na “vida diária comum”, aponta em sua obra o caráter eminentemente social das maneiras pelas quais os sujeitos concebem a morte e se comportam em relação ao morrer. De acordo com o autor, a morte interdita da atualidade encontra subsídio em processos como a medicalização, a hospitalização e a mercantilização da morte, que serão abordados mais detidamente em breve.

Norbert Elias, sociólogo alemão cujas obras têm por foco a relação entre poder e comportamento, localiza na contemporaneidade o deslocamento do protagonismo do morrer do moribundo para outras instâncias sociais, como a família e a equipe médica – sendo delegado ao doente a obrigação de morrer com “dignidade”, ou seja, de modo a não causar o constrangimento de convocar as fortes emoções ligadas à perda e à finitude (Elias, 1982/2001). Além disso, o autor critica duramente a falsa dicotomia estabelecida entre indivíduo e sociedade na construção do pensamento de alguns estudiosos de meados do século XX, concluindo por uma construção efetivamente sócio-histórica do fenômeno: “[a experiência da morte] é variável e específica segundo os grupos; não importa quão natural e imutável possa parecer aos membros de cada sociedade particular: foi aprendida” (Elias, 1987/1994, p. 11). Nesse sentido, a era da técnica altera não somente o papel do moribundo na cena, mas também o caráter do momento em si: o que era tido como um evento essencialmente social, compartilhado pela comunidade como um acontecimento natural e esperado, torna-se um embaraço – a morte, quando ocorre, é considerada como fracasso médico.

Embora sejam referências imprescindíveis para os estudiosos da morte, deve-se levar em conta o fato de que ambos os autores tomam seus próprios países de origem como foco de análise – apesar de estabelecer diálogo com outras regiões da Europa e da América. Considerando o argumento de que as particularidades estruturais da organização social e do

período histórico repercutem no modo como o ser humano vivencia a finitude, torna-se necessário localizar a especificidade dos contextos culturais para as discussões propostas neste estudo. Segundo Nogueira e Nascimento (2014, p. 26):

As representações simbólicas e sociais que norteiam o significado da morte e do morrer na modernidade e como foram historicamente construídas determinam os modos de expressão da dor da pessoa que perdeu um ente querido no contexto de uma dada sociedade. Certamente, estes significados e representações passam por variações culturais e se modificam de acordo com os grupos, podendo estas modificações acontecer nos limites de uma mesma sociedade.

Na introdução de *“História da Morte no Ocidente”*, primeiro fruto da pesquisa que se estendeu ao longo de quinze anos, Philippe Ariès (1975/2003) afirma que a morte como objeto de estudo histórico oferece um grande desafio devido ao caráter lento das modificações ocorridas no modo como as sociedades se organizam simbolicamente acerca da finitude. De acordo com Ariès (1975/2003), esta característica do fenômeno exerce forte influência na tendência de considerar secular o tabu que cerca o tema da morte na atualidade – além de reforçar a ilusão de que a morte e o morrer sempre foram vivenciados aos modos contemporâneos. No entanto, os diversos costumes fúnebres ao longo da história da humanidade revelam que a morte nem sempre foi alvo de silenciamento: ou, pelo menos, não de um que se prestasse à função de supressão da própria finitude.

Ariès (1975/2003) propõe a retomada de simbolismos, rituais, costumes e discursos sobre a morte desde a Idade Média até o século XX, com o objetivo de compor um quadro da morte e suas representações ao longo do tempo – além de identificar os fatores sócio-históricos possivelmente associados às mudanças na maneira como o ser humano processa a finitude. O autor conceitualiza a existência de “atitudes diante da morte”, ou seja, fases marcantes em termos sócio-históricos para a compreensão da posição da sociedade ocidental cristã diante do morrer, denominando-os: a morte domada, a morte de si mesmo, a morte do outro e, contemporaneamente, a morte interdita (Ariès, 1975/2003). Cada uma dessas atitudes será explorada nas páginas a seguir, em diálogo com outras contribuições teóricas relevantes para a breve contextualização histórica proposta. Importante esclarecer, contudo, que as representações da morte não apresentam uma progressão linear: ora com elementos inovadores, ora retomando origens primitivas, cada atitude reflete em diferentes maneiras dos envolvidos – o moribundo, a família, os amigos e a comunidade em geral – lidarem com a morte e com o morrer.

Norbert Elias (1982/2001) alerta, contudo, que as postulações do historiador francês – especialmente aquelas que referenciam tempos medievais – não devem ser levadas em consideração sem ressalvas. O sociólogo alemão tece duras críticas ao estudo desenvolvido por Philippe Ariès. Em primeiro lugar, Elias (1982/2001) aponta que os materiais utilizados pelo historiador francês como fontes não são confiáveis como um reflexo do comportamento da sociedade da época – visto que ele se baseia principalmente em produções artísticas, há que se considerar que indicam mais a expectativa de comportamento ideal do que a realidade do fenômeno em si.

Em segundo lugar, o autor indica certo nível de ingenuidade de Ariès em relação às atitudes diante da morte durante a Idade Média, período em que não havia a possibilidade de apaziguamento do sofrimento e da dor do moribundo pelo progresso técnico dos tempos atuais. Elias (1982/2001) classifica como maniqueísta a comparação estabelecida pelo historiador entre uma morte pacífica no passado e uma morte angustiante no presente, considerando que o medo da morte sempre esteve presente nas sociedades ocidentais – embora se apresente de maneiras diferentes em cada contexto.

Por fim, o sociólogo acusa Ariès de ignorar as peculiaridades da relação entre a atitude diante da morte e o sentido estipulado por cada indivíduo à sua própria vida: nesse sentido, embora argumente que os comportamentos relacionados à finitude sejam de caráter social, Norbert Elias admite a implicação de aspectos individuais no fenômeno. Estes apontamentos se revelam especialmente oportunos para o aprofundamento do debate acerca das proposições do historiador francês, que serão expostas a seguir.

De acordo com Philippe Ariès (1975/2003, 1977/2014), a morte era considerada como um processo natural e familiar ao longo da Idade Média – atitude fortemente influenciada por fatores como a relação estabelecida pelos indivíduos com a natureza e sua comunidade, a alta taxa de mortalidade e as limitações da medicina no período. Uma das características da “morte domada” é o protagonismo do moribundo no direcionamento dos rituais fúnebres, considerados como uma cerimônia pública que envolvia todos os membros da comunidade ao invés de serem restringidos aos familiares. O ritual era composto pelo ato da lamentação da vida, pela concessão de perdão aos vivos e pelo recebimento da absolvição. Tendo cumprido seus deveres, que não possuíam caráter dramático ou trágico, o moribundo aguardava em silêncio pela morte. Após o falecimento, familiares e membros da comunidade participavam do cortejo e do enterro – providências tomadas com antecedência pelo próprio moribundo – para garantir que seu espírito não retornaria até o dia do Juízo Final.

O período compreendido entre o século XIII e meados do século XVIII é marcado por um processo gradual de tomada de consciência acerca da própria finitude que, aliado à lenta ascensão do individualismo<sup>4</sup>, constitui a atitude nomeada pelo historiador como a “morte de si mesmo”. O reflexo desses elementos é identificado nas representações imagéticas do momento da morte, em que o moribundo seria julgado pelos atos em vida: a batalha entre o “bem” e o “mal” se daria no leito de morte, de forma cruamente íntima, não mais da forma relativamente coletiva preconizada no Dia do Juízo Final. A tentativa de racionalização e organização simbólica do morrer resulta em certa desconfiança direcionada ao outro no que diz respeito às providências a serem tomadas após o falecimento do moribundo – dessa forma, ocorre um processo simultâneo de laicização dos testamentos e dessacralização da finitude (Ariès, 1975/2003). Apesar da aparente separação entre aspectos práticos e sensíveis, a morte é vivenciada de modo mais dramático do que no período anterior: a emoção toma conta dos familiares, que não aceitam a perda do ente querido sem grandes demonstrações de dor e sofrimento.

Esta dificuldade de aceitar a perda atinge seu ápice no final do século XVIII, inaugurando a atitude denominada como “morte do outro” (Ariès, 1975/2003). As três principais características deste período são os rituais cumpridos pelos familiares durante o período de luto, definidos pela liturgia; a popularização de cemitérios e sepulturas, que adquiriram a função de marcar um local para sentimentos como dor e saudade; e, por último, mas não menos importante, a forte associação entre a morte e o sexo – o tema, anteriormente tido como tabu social, marca significativamente as produções artísticas deste período. O conjunto destes elementos representa um movimento de romantização dos impulsos violentos da sexualidade e da agressividade da morte, descritos por Ariès (1977/2014, p. 524) como os “pontos fracos” na muralha erigida pela sociedade humana contra o caráter irrefreável da natureza – nesse sentido, a expressão desses impulsos ou são reprimidas ou se expandem demasiadamente, exigindo a intervenção da repressão. A ruptura ocasionada pelo afastamento dos indivíduos da garantia de continuidade da coletividade em tempos medievais exige, neste momento, uma tentativa de elaboração dos impulsos primitivos que escapam do domínio estabelecido sobre a natureza.

---

<sup>4</sup> De acordo com Norbert Elias (1987/1994), o avanço da individualização foi consequência de uma reestruturação específica das relações humanas e, portanto, trata-se de um fenômeno reticular de mudança das pessoas em relação umas às outras e através de relação mútua.

A substituição da interdição do sexo pela interdição da morte já havia sido indicada por Geoffrey Gorer, antropólogo britânico que se dedicou à análise do luto na história contemporânea da morte devido a uma série de experiências pessoais inquietantes. No ensaio denominado *The pornography of death*, publicado em 1955, o autor associa a modificação dos tabus às modificações nos sistemas de crenças religiosas. Segundo Gorer (1955), o abandono gradual das liturgias reflete de forma significativa na atitude diante da morte da sociedade inglesa da época: “a crença na vida futura como ensinada na doutrina cristã é muito incomum hoje (...) e sem tal crença a morte natural e a decomposição física se tornaram horríveis demais para serem contempladas ou discutidas” (p. 51, tradução nossa)<sup>5</sup>.

Norbert Elias, por sua vez, discute a questão da substituição do tabu da sexualidade pelo tabu da morte a partir da perspectiva das relações de poder estabelecidas em estruturas sociais particulares. De acordo com o autor, as normas que previam as barreiras e os limites aceitáveis do comportamento sexual serviam às instituições estatais e clericais como instrumentos de dominação – no entanto, sua função era limitada às relações de poder específicas de certos grupos hegemônicos, como as estabelecidas entre monarcas e súditos ou homens e mulheres (Elias, 1982/2001). Nesse sentido, o autor sugere que tabu da moral sexual perde relevância devido ao surgimento de distribuições ligeiramente menos desiguais de poder, que possibilitaram “experimentar outros padrões de comportamento no campo sexual, e assim também outros padrões de autocontrole compatíveis com um modo mais equilibrado de vida em comum, permitindo uma relação menos frustrante entre o controle dos instintos e sua realização” (p. 50).

Enquanto o tabu do sexo percebe um lento apaziguamento ao longo do tempo (o que eventualmente abre espaço para o diálogo), há uma tendência aumentada para o isolamento e ocultamento da morte – para Elias (1982/2001), o constrangimento do encontro com o moribundo é comparável à reação da sociedade vitoriana aos aspectos íntimos da vida sexual. O autor teoriza que uma das principais razões para a maior resistência da sociedade em tratar abertamente da morte se deve à diferença no grau de risco envolvido.

O perigo que a sexualidade irrestrita ou super-restrita representa é, pode-se dizer, um perigo parcial. (...) Comparada a essa ameaça, a da morte é total. A morte é o fim

---

<sup>5</sup> No original: “belief in the future life as taught in Christian doctrine is very uncommon today (...) and without some such belief natural death and physical decomposition have become too horrible to contemplate or to discuss”.

absoluto da pessoa. Assim, a maior resistência a sua desmitologização talvez corresponda à dimensão do temor experimentado. (Elias, 1982/2001, p. 53)

De acordo com o sociólogo, é possível perceber uma forte tendência na contemporaneidade de afastar tudo aquilo que possa remeter à finitude – o tratamento reservado aos idosos e aos doentes seria, na sua perspectiva, apenas outro reflexo do medo da morte (Elias, 1982/2001). Embora denuncie o embotamento afetivo perante o moribundo na contemporaneidade, o autor sugere que as sociedades ocidentais também demonstram maior solidariedade uns para com os outros devido à predominância de processos identificatórios. Norbert Elias (1982/2001) exemplifica este argumento ao mencionar que execuções públicas já não são consideradas como entretenimento pela população, contudo cabe questionar em que medida os noticiários não tomaram para si esta função de espetacularização e banalização da morte.

Segundo Negrini (2011), “no caso da apresentação da morte no jornalismo de televisão, torná-la espetacular é deixá-la mais urgente e fascinante” (p. 3). Ainda sobre esta questão, Geoffrey Gorer (1955) argumenta que as mortes violentas seriam rodeadas de construções fantasiosas que servem como defesa contra o medo da finitude, enquanto as mortes de causas naturais seriam consideradas em si um tabu para a sociedade. Ademais, quanto à assunção do sociólogo alemão de que se sofre mais diante da morte na contemporaneidade devido à suposta maior solidariedade entre os seres humanos, pode-se questionar se tal sofrimento não se deve ao enraizamento da individualidade – já apontado por Ariès (1975/2003) como um aspecto a se considerar quando tomamos por objeto de investigação a atitude diante da morte.

Norbert Elias (1982/2001) postula que a sociedade ocidental lida com uma morte “recalcada”, nos níveis individual e social. Na dimensão individual, este “recalcamento” consistiria no que o autor nomeia como fantasias de imortalidade: o sujeito tem ciência de que a morte é natural, mas se convence de que nunca será uma de suas vítimas. Ou seja, há a ilusão de que a morte é uma ameaça externa com acesso restrito ao universo interno do indivíduo – portanto, passível de ser subjetivamente evitada. Na dimensão social, por outro lado, os principais indícios do “recalcamento” seriam os processos de medicalização e hospitalização, além do silenciamento que envolve os assuntos acerca da finitude, classificados como mórbidos. O desejo de evitar o sofrimento psíquico anunciado pela separação que se aproxima exige um distanciamento emocional que retira “os mortos” do

campo social compartilhado pelos viventes: a comoção causada pela morte é tida como constrangedora e inconveniente tanto para os familiares e amigos do moribundo quanto para a equipe médica que lhe presta cuidados (Ariès, 1977/2014; Elias, 1982/2001).

Em um esforço para compreender os comportamentos relacionados ao grau de recalçamento da finitude em diferentes sociedades, Norbert Elias (1982/2001) lista algumas características da estrutura social que seriam responsáveis pela “peculiaridade da imagem da morte”. Seriam elas: 1) a extensão da vida individual, considerando que uma maior expectativa de vida diminuiria os riscos percebidos pelos indivíduos; 2) a experiência da morte como estágio final de um processo natural, embora a inevitabilidade da finitude seja encoberta pelos processos de hospitalização e medicalização; 3) o grau de pacificação interna, que ressalta a importância da coerção externa do Estado sob a estrutura de consciência individual para evitar atos de violência entre os membros da sociedade; e 4) o grau e padrão específicos do processo de individualização.

De acordo com Ariès (1977/2014), os primeiros indícios dos episódios de inversão que levaram à atitude da “morte interdita” surgem a partir do século XIX, sendo eles: a cumplicidade da mentira, o silenciamento do morrer e o ocultamento do moribundo. Contudo, o historiador aponta que esta mudança não ocorreu de forma uniforme e se direciona, especificamente, para a morte de causas naturais. A função atribuída à morte era praticamente a mesma em toda a extensão da civilização ocidental até a Primeira Guerra Mundial – momento em que há o rompimento desta relativa unidade e os países de primeiro mundo abandonam as atitudes tradicionais diante da morte enquanto os países predominantemente rurais permanecem fiéis a elas por diferentes períodos de tempos (Ariès, 1977/2014).

Devido aos rompantes de emoção que marcaram a morte romântica dos séculos anteriores, surge o desejo de poupar o moribundo de seu real estado para evitar a perturbação da suposta normalidade da vida. No entanto, Philippe Ariès (1977/2014) esclarece que esta mentira não ocorre sem algum nível de cumplicidade do moribundo, que frequentemente possui clareza de sua condição mas nada revela – um acordo silencioso para a manutenção da cena. Ocorre, neste período, uma mudança significativa na cultura do “bom morrer”: enquanto as sociedades medievais consideravam a morte despercebida algo terrível, por impossibilitar a realização dos lutos coletivos tradicionais, as sociedades ocidentais contemporâneas marcadas pelo interdito da morte acreditam que a morte digna é aquela que

não se anuncia para o outro (e, muitas vezes, nem para si mesmo). É a morte do sono, que não gera comoção pelos seus constrangimentos.

Além disso, os avanços obtidos na medicina levantaram questionamentos acerca da assepsia dos tratamentos prestados à época – o que, conseqüentemente, intensifica o processo de medicalização da morte e a transferência dos moribundos para o hospital, onde a sujeira da morte deixa de ser um problema para os familiares em processo de luto. Não obstante, o ocultamento do moribundo nos hospitais gera um efeito no enlutamento e na experiência de luto de amigos e familiares. As manifestações de dor e sofrimento passam a ser encaradas como indecentes e repugnantes, especialmente quando acontecem em público ou após determinado período considerado “razoável” após o falecimento. Segundo Ariès (1977/2014, p. 782):

É bem evidente que a supressão do luto não se deve à frivolidade dos sobreviventes, mas a um constrangimento impiedoso da sociedade; essa se recusa a participar da emoção do enlutado: uma maneira de recusar, de fato, a presença da morte, mesmo que se admita, em princípio, sua realidade. (...) Agora, as lágrimas do luto se equiparam às excreções da doença. Uma e outras são repugnantes. A morte é excluída.

No Brasil, de acordo com Lupion (2021), a publicação da Carta Régia nº 18 em 14 de janeiro de 1801 indica a emergência de certa preocupação em território nacional acerca do corpo morto como poluente de recursos naturais, tais como o ar, o solo e a água. O documento proibia a realização de sepultamentos nas igrejas e instituiu a construção de cemitérios fora das cidades – porém as normatizações nunca foram cumpridas devido à resistência por parte da população. Os projetos de urbanização, elaborados a partir do século XIX, incluíram os cemitérios como parte do equipamento de “civilização do império”, sendo sua construção fora das cidades parte do processo higienista do governo. Os cemitérios foram, conseqüentemente, institucionalizados e submetidos às normas sanitárias estabelecidas (Reis, 1991, como citado por Lupion, 2021).

Considerados como campos-santos, no entanto, mais do que espaços nos quais corpos inanimados são dispostos, os cemitérios encerram entre seus muros sensibilidades que se iniciam a partir do momento em que a morte é constatada e são representadas por rituais de despedida nos quais se mesclam tanto elementos religiosos quanto normativos. (Lupion, 2021, p. 240)

Concomitantemente, percebe-se um movimento de mercantilização da morte, que incentiva uma suposta “desmistificação” da finitude. Um exemplo desta prática é a utilização de propagandas com teor humorístico para incentivar o consumo de produtos relacionados a um “bem morrer” no mercado fúnebre (Pereira & Bezerra, 2014; Silva, Martins & Bragança, 2017). Entretanto, Veras (2014) aponta que o espaço que tem sido cedido à vivência da morte “não é ligado a um lugar vivencial, mas a um lugar na vitrine” – oculta-se a “experiência de dor, paralisação, sofrimento, reflexão, impotência ou ressignificação” (p. 64-65).

Nesse sentido, Maria Júlia Kóvacs (2003) reconhece na passagem do século XX para o século XXI a emergência da “morte escancarada”. Segundo a autora, psicóloga brasileira coordenadora do Laboratório de Estudos Sobre a Morte, trata-se da “morte que invade, ocupa espaço, penetra na vida das pessoas a qualquer hora (...) a morte escancarada é brusca, repentina, invasiva e involuntária” (p. 148) – sendo representada principalmente por mortes violentas e por mortes veiculadas pelos noticiários. No entanto, apesar de sua presença permanente (ou, talvez, justamente devido a essa característica) a morte escancarada é imbuída de banalização e afastamento, ou seja, não parece afetar pessoalmente aqueles que não estão diretamente envolvidos com o morto.

Pode-se cogitar a morte por COVID-19 como um novo protótipo representativo das características desta atitude diante da morte, considerando a extrema vulnerabilidade de suas vítimas e a sensação de entorpecimento que tomou a população conforme os números de aumentavam diariamente. Ao longo da pandemia, o recorde diário de mortes foi normalizado e se tornou um fato esperado – o que escancarou a necessidade de intervenções para compreensão da gravidade da situação.

Entendemos que as convergências e divergências entre os estudiosos da atitude diante da morte desembocam em uma mesma questão primordial: a necessidade de uma reflexão minuciosa acerca de novas respostas práticas para os desdobramentos sociais ocasionados pela inevitabilidade do morrer. Nesse sentido, Kovács (2003, 2011) propõe ações educacionais para preparar os profissionais que lidam diretamente com a morte, especialmente das áreas da saúde e da educação. A autora defende que estimular a busca por conhecimento e discussão sobre a temática pode influenciar positivamente na maneira como lidamos com a própria finitude: entender as peculiaridades das representações sociais da morte em diferentes grupos e contextos, portanto, é uma das tentativas possíveis de tornar mais compreensível fenômeno de tal complexidade na existência humana.

## 2.2 Corpo, memória e rituais: aspectos socioculturais do luto

O luto pode ser compreendido como um processo natural que ocorre em resposta ao rompimento de vínculos significativos para o sujeito, podendo ser ocasionado tanto pela perda real de alguém ou pela perda ideal de algo – como, por exemplo, o emprego ou a rotina. Entretanto, para além desta caracterização geral, o luto pela morte de um ente querido apresenta particularidades devido ao seu caráter irreversível (Lopes et al., 2021).

Em “Luto e Melancolia”, obra clássica da abordagem psicanalítica sobre o tema, Sigmund Freud se dedica à conceitualização do luto e à sua diferenciação da melancolia<sup>6</sup>. Segundo o autor (1917/2011):

O luto, via de regra, é a reação à perda de uma pessoa querida ou de uma abstração que esteja no lugar dela, como pátria, liberdade, ideal etc. É também digno de nota que nunca nos ocorre considerar o luto como estado patológico, nem encaminhá-lo para tratamento médico, embora ele acarrete graves desvios da conduta normal da vida. Confiamos que será superado depois de algum tempo e consideramos inadequado e até mesmo prejudicial perturbá-lo. (p. 7)

De acordo com Gorer (1965), como citado por Ariès (1977/2014), é possível distinguir três categorias de enlutados a partir do seu comportamento perante a perda: aquele que esconde completamente a dor, aquele que disfarça o sofrimento em âmbito público e aquele que vivencia o enlutamento abertamente. No primeiro caso, o enlutado se esforça por adotar uma postura neutra e dar continuidade à normalidade da vida sem interrupções – esta indiferença pretendida pode ser alcançada, segundo Ariès (1977/2014), tanto pela via do interdito (negação) quanto pela via técnica (dessensibilização). No segundo caso, considerado modelo ideal pela sociedade, o enlutado lida com a experiência do luto na particularidade de

---

<sup>6</sup> “Freud afirma que esta pode apresentar diversas formas clínicas e que seus traços mentais característicos são: desânimo profundamente penoso, pouco ou nenhum interesse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar, inibição de atividades, além de uma diminuição dos sentimentos de auto-estima a ponto de encontrar expressão em auto-recriminação que pode levar a uma expectativa delirante de punição. Tais traços estão, também, presentes no luto, com exceção da perturbação da auto-estima. Para Freud, a melancolia pode, como o luto, ser uma reação à perda de um objeto amado, porém ele a coloca como uma perda de natureza mais ideal. A melancolia estaria relacionada a uma perda do objeto retirada da consciência, enquanto o luto, a perda não teria características inconscientes. Na melancolia, a inibição e a perda de interesse são explicadas pela absorção do ego, entretanto, essa perda é enigmática, pois não se pode ver o que absorve tão completamente. Uma diferença presente entre luto e melancolia é o fato de que na melancolia, o ego se torna pobre e vazio, e no luto, esse processo ocorre com o mundo externo.” (Simionato, 2011)

sua vida privada sem permitir que o sofrimento afete o convívio social com seus pares. Já no terceiro caso, o enlutado tende a ser considerado como inapropriado ou, mais recentemente, perceber sua experiência diagnosticada como luto patológico. Segundo Philippe Ariès, este cenário implica a existência de uma “quarentena do enlutado” – como se a dor da perda se tornasse uma doença contagiosa e perigosa que deve ser evitada a qualquer custo.

Alguns dos efeitos da supressão do luto podem ser identificados no estudo de Nogueira e Nascimento (2014) sobre os processos identitários na relação entre maternidade e morte, através de relatos de mães que perderam seus filhos por causas violentas ou acidentais. Os dados, obtidos por meio de entrevistas, indicam que a experiência de luto dessas mulheres é fortemente marcada pela necessidade de esconder a dor e o sofrimento decorrentes do enlutamento, a fim de evitar gerar incômodo ou constrangimento àqueles ao redor e “conservar a imagem pública de que a perda foi superada” (p. 33).

Após uma perda, as reações emocionais são normais e esperadas visto que se refletem uma reação do organismo a situações traumáticas. Nesse contexto, sentimentos negativos podem ser potencializados e evidenciar comportamentos como desejo de ficar sozinho, a sensação de falta de energia, a ausência de motivação para as tarefas cotidianas, entre outros. Segundo Worden (2013), seria possível organizar as reações esperadas no processo de elaboração do luto em quatro categorias: sentimentos, cognições, sensações físicas e comportamentos. O quadro 1 lista algumas das reações típicas que compõem as categorias propostas.

### Quadro 1

#### *Categorização de reações esperadas ao luto*

<b>Sentimentos</b>	Tristeza, raiva, culpa, ansiedade, solidão, fadiga, desamparo, choque, saudade, libertação, alívio e torpor
<b>Cognições</b>	Descrença, confusão, preocupação, sensação de presença e alucinações
<b>Sensações</b>	Vazio no estômago, aperto no peito, aperto na garganta, hipersensibilidade a ruídos, sensação de despersonalização, dificuldade em respirar, fraqueza muscular, falta de energia e boca seca
<b>Comportamentos</b>	Distúrbios de sono, distúrbios de apetite, ausência de pensamento,

	isolamento social, sonhos com a pessoa que morreu, evitação das lembranças, procurar e chamar pela pessoa, suspiros, hiperatividade e agitação, choro, visita a lugares e/ou carregar objetos que lembrem o falecido, valorização dos objetos do morto.
--	---

Fonte: Worden (2013)

Elisabeth Kubler-Ross (1969/1996), psiquiatra suíça pioneira nos estudos sobre a morte, sugere cinco estágios no processo de elaboração do luto: negação, revolta, barganha, depressão e aceitação. Estes estágios podem ser agrupados entre a fase combativa do luto, que representa a ativação dos mecanismos de defesa do sujeito, e a fase de ordenamento, que consiste na elaboração da perda propriamente dita. Em um breve resumo, pode-se definir os estágios do luto de Kübler-Ross da seguinte maneira:

Durante a fase combativa, é possível identificar os estágios da negação, da revolta e da barganha. A negação serve como um mecanismo de defesa temporário para lidar com o impacto da notícia, sendo frequentemente acompanhado de pensamentos sobre a impossibilidade da morte. A revolta, por sua vez, se caracteriza como uma passagem da introspecção intensa (representada pela negação) para a externalização de sentimentos de raiva – os sujeitos podem se tornar agressivos e buscar culpados, no intuito de aliviar o sofrimento. Já o estágio da barganha trata-se de uma tentativa ilusória de retorno ao estado das coisas anterior ao evento causador do luto: ou seja, uma tentativa de negociar consigo mesmo, com os outros ou mesmo com entidades superiores em busca de intervenções na situação.

A fase de ordenamento, por outro lado, pode ser caracterizada pelo estágio da depressão, que representa o momento em que o sujeito entra em contato com a sua perda após atravessar as fases de natureza mais combativa, e o estágio da aceitação, ou seja, o momento em que as pessoas encaram os sentimentos suscitados pela perda e buscam expressá-los de maneira mais clara para si mesmos e para os outros ao seu redor. Considerando a singularidade já apontada do enlutamento, é importante ressaltar que estes estágios não necessariamente constituem um padrão universal ou ocorrem de maneira sucessiva: os estágios do luto se configuram, portanto, como meros facilitadores na compreensão do processo pelo qual o moribundo e seus familiares estão vivenciando.

Os estágios do luto de Kubler-Ross também estão presentes no luto antecipatório. Este fenômeno – mais frequentemente vivenciado em situações de conflito, como guerras ou

desaparecimentos políticos, ou em casos de doenças com prognóstico de cura inviável – é caracterizado por Kóvacs (1992) como um processo de luto da pessoa ainda viva, em que se elabora “sua perda como companheiro para uma série de atividades, daquele que cuida, do parceiro sexual, do colega de trabalho” (p. 155). Neste caso, contudo, seria adicionado o sentimento de esperança ao longo dos estágios visto que, apesar do estado de adoecimento, ainda há alguma possibilidade de que o moribundo se recupere.

O modelo do processo dual, desenvolvido por Margaret Stroebe e Henk Schut, descreve o processo de elaboração do luto de maneira menos linear (Stroebe & Schut, 1999). Para os autores, o enlutado vivencia um processo dinâmico de construção de significado por meio da oscilação contínua entre dois estados: o enfrentamento orientado para a restauração, que se refere aos ajustamentos do cotidiano em decorrência da perda ou à reorganização da vida, e o enfrentamento orientado para a perda, que se constitui pelo foco nos aspectos relacionados à pessoa falecida ou à expressão da dor. De acordo com Gonzaga e Peres (2012): “o enlutado percebe que muito do passado continua a ser importante para a vivência do presente e o planejamento do futuro, de modo que, para além do rompimento concreto do vínculo, é possível mantê-lo simbolicamente” (p. 12). Ou seja, nessa perspectiva o luto se caracteriza como um processo cognitivo de construção de estratégias para o gerenciamento da experiência da perda (Lopes et al., 2021; Mazorra, 2009).

Embora tais elaborações teóricas sejam úteis para análise e elaboração de estratégias de cuidado, é importante ressaltar que o luto constitui uma experiência subjetiva e singular vivenciada de maneira única por cada indivíduo, na medida em que sua dimensão e seu significado são proporcionais ao vínculo existente entre a pessoa e aquilo que foi perdido. O processo de elaboração do luto, portanto, é multideterminado por aspectos individuais, sociais e culturais. De acordo com Lopes et al. (2021), entende-se que “a elaboração do luto é constante e há uma transformação contínua do vínculo com a pessoa amada, de modo que o vínculo presencial é rompido, mas este existe com as memórias e com a lembrança do ente querido” (p. 3).

Apesar disso, há situações em que o enlutamento apresenta características que ultrapassam os limites do que é considerado socialmente aceitável – por exemplo, quando perdura por um período maior do que o comum ou quando apresenta elementos que perturbam a retomada da normalidade da vida (Silva, Rodrigues & Aisengart, 2021; Lopes et al., 2021). O luto patológico (ou luto complicado) é um conceito amplamente debatido na

comunidade científica, devido às polêmicas em torno da tentativa problemática de quantificar níveis “saudáveis” de sofrimento na ocasião de uma perda.

Pode-se identificar o ponto de partida para tais debates na representação do luto em materiais como o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), documento elaborado pela Associação Americana de Psiquiatria (APA) e utilizado em grande escala mundialmente objetivando padronizar critérios diagnósticos de transtornos mentais. Em sua quarta edição, publicada em 1994, o dispositivo identifica o luto como diagnóstico diferencial do Transtorno Depressivo Maior<sup>7</sup> – o que leva à conclusão de que sintomas depressivos podem ser considerados “normais” em situações de perda por morte ou abandono. Contudo, o texto também estabelece que caso estas manifestações persistam por um período maior do que dois meses o quadro pode se caracterizar como “luto complicado”.

A quinta edição do manual, publicada em 2013, mantém o luto como diagnóstico diferencial – embora atualize os critérios de duração para doze meses. Para diagnóstico das manifestações graves de luto além do período considerado aceitável, o documento indica o denominado “Transtorno do Luto Complexo Persistente” como uma condição para o estudo posterior. Mais recentemente, em março de 2022, foi publicada uma edição revisada do manual (DSM-5-TR) que garante novas referências e alterações baseadas nos avanços obtidos pela literatura científica. Embora a pesquisadora não tenha obtido acesso ao texto na íntegra, é válido constatar alguns pontos de interesse sobre a publicação.

Paul Appelbaum (2022) afirma que a decisão pela revisão do material, ao invés da elaboração de um novo volume, foi baseada no objetivo principal da organização – qual seja, incorporar ajustes de linguagem em relação à diversos transtornos (por exemplo: autismo, episódio maníaco, transtorno de ajustamento, delírio, entre outros) e de aspectos socioculturais, tais como gênero e raça, para um texto mais inclusivo. Além disso, destaca-se a inclusão do Transtorno do Luto Prolongado, novo diagnóstico clínico que surge em resposta

---

<sup>7</sup> “O DSM-IV define que a depressão maior requer a) pelo menos duas semanas de humor deprimido ou a perda de interesse ou prazer em quase todas as atividades, acompanhado de b) pelo menos quatro sintomas adicionais de depressão a partir de uma lista que inclui alterações em apetite, peso, sono (insônia ou hipersonia) ou atividade psicomotora (retardo ou agitação observados); energia diminuída; sentimentos de inutilidade ou culpa inadequada; dificuldade de pensar, concentrar-se ou de tomar decisões; ou pensamentos recorrentes de morte ou ideação, planos ou tentativas suicidas. Tais sintomas devem c) ter surgido recentemente ou ter piorado claramente em comparação ao estado prévio ao episódio da pessoa. Os sintomas devem d) persistir durante a maior parte do dia, em quase todos os dias, por pelo menos duas semanas consecutivas, e e) causar sofrimento ou prejuízo clinicamente significativos nas áreas social, ocupacional ou outras áreas importantes de funcionamento. Além disso, f) os sintomas não devem ser causados pelo luto, abuso de substâncias ou por uma condição clínica.” (Parker & Brotchie, 2009, p. 54)

às demandas emergentes do contexto pandêmico e da necessidade de melhor diferenciação em relação aos quadros depressivos. O transtorno seria caracterizado pela persistência, por um período superior a seis meses para crianças e doze meses para adultos, de sintomas intensos de enlutamento que afetem o funcionamento cotidiano do sujeito (Gehart, 2022).

Independente da edição, há muitos anos a classificação diagnóstica do luto tem sido objeto de perspectivas controversas e conflitantes (Lopes et al., 2021). Enquanto a inclusão do luto nos manuais possibilita maior capacitação clínica para identificar indícios precoces do luto complicado para manejo especializado, tal categorização nosológica também pode reforçar uma patologização potencialmente prejudicial para o processo de elaboração dos sujeitos enlutados. No entanto, apesar da polêmica que cerca o tema, o luto complicado tem sido amplamente estudado por profissionais da saúde na tentativa de compreender seus fatores de risco e identificar as melhores estratégias para o manejo clínico (Braz e Franco, 2017).

Em um desses estudos, Braz & Franco (2017) discorrem acerca dos fatores de proteção e fatores de riscos para o desenvolvimento do luto complicado. A análise dos fatores listados pelas autoras indica que alguns elementos podem se constituir tanto como fator de proteção quanto como fator de risco, dependendo de sua caracterização na singularidade da experiência do sujeito. São eles: o tipo de apego estabelecido pelo enlutado, a qualidade do vínculo com o morto, o apoio percebido subjetivamente pelo enlutado, a possibilidade de realização dos rituais fúnebres, a vivência do luto antecipatório, o tipo de morte, o reconhecimento do luto e a resiliência individual (Quadro 2). Assim sendo, é possível afirmar que alguns aspectos do desenvolvimento do luto complicado devem ser tratados mais como uma escala do que uma lista de sintomas diagnósticos.

## Quadro 2

*Fatores de proteção e fatores de risco para desenvolvimento do luto complicado*

Fatores de proteção	Fatores de risco
<i>Tipo de apego</i>	
Apego seguro, maior capacidade de integrar novas informações e ativar mecanismos de resiliência	Apego inseguro, sujeitos mais desorganizados e contraditórios, padrões comportamentais de fracasso

<i>Qualidade do vínculo</i>	
Relação sem conflitos e pendências, evita ambivalências danosas ao processo de elaboração do luto	Relação marcada por conflitos e pendências ou existência de dependência emocional com o falecido
<i>Apoio percebido</i>	
Adequado e suficiente, apoio saudável e consistente	Insuficiente ou inadequado, comunicação comprometida ou famílias disfuncionais
<i>Realização de rituais</i>	
Realização dos rituais de acordo com as tradições do enlutado, possibilidade de despedida e fechamento de ciclo	Impossibilidade de realizar os rituais fúnebres, não localização ou visualização do corpo morto
<i>Luto antecipatório</i>	
Tempo para despedidas e resolução de pendências, início do processo de ressignificação	Afastamento do moribundo, perda da oportunidade de resolver pendências, pode gerar sentimento de culpa
<i>Tipo de morte</i>	
Mortes por doença crônica, sem sofrimento, ou situações em que houve tempo para se despedir	Morte repentina, violenta, doença aguda, suicídio, entre outros casos de morte sem despedidas.
<i>Reconhecimento do luto</i>	
Luto reconhecido pelo enlutado e pela sociedade, valorização da própria dor e a dor do outro	Luto não reconhecido pelo enlutado (estado de negação) e pela sociedade, quebra da empatia pela não valorização da dor
<i>Resiliência</i>	
Capacidade individual de criar alternativas possíveis, personalidade flexível e criativa	Dificuldade de adaptação a condições novas ou transtornos psiquiátricos

Fonte: Adaptado de Braz & Franco (2017)

Para além das categorias expostas acima, as autoras elencam fatores de risco adicionais para o desenvolvimento do luto complicado como: a manutenção do vínculo de forma idolatrada; a história de vida do enlutado, em casos de perdas múltiplas e sucessivas; a proximidade do vínculo estabelecido com a pessoa que faleceu, sendo que a morte de um cônjuge é considerada um efeito estressor maior do que a morte de um parente próximo; e a interrupção do ciclo vital, ou seja, morte de crianças e jovens (Braz & Franco, 2017).

Embora todos os fatores listados exerçam um grau de influência no desenvolvimento do luto complicado, a realização dos rituais fúnebres emerge como tema de maior interesse – afinal, esse elemento possui fortes implicações no contexto pandêmico que configura o recorte da pesquisa. Nesse sentido, parece justo direcionar os esforços para a compreensão do papel dessas práticas sociais diante da morte na subjetividade dos enlutados, conforme identificado pela literatura científica abordada a seguir.

Lupion (2021) utiliza o conceito de “gestão social do corpo” para se referir à compreensão do corpo como “um elemento inserido numa cultura e, portanto, passível de sofrer interferências diretas e indiretas desse campo” (p. 238). Ou seja, o corpo se constitui como um elemento sociocultural passível de intervenções na medida em que é marcado por referenciais simbólicos, espaciais e temporais. Nesse sentido, a autora destaca que corpos mortos também são geridos socialmente, tanto pela esfera religiosa quanto pela esfera institucional.

O zelo com a morte por meio de sepultamentos, identificados desde a pré-história, se tornou não apenas uma forma dos seres humanos olharem de frente para esse elemento comum a todo ser vivo, mas, principalmente um fato capaz de demonstrar os passos dados no sentido da humanização. (Lupion, 2021, p. 239-240)

Embora a teoria dos rituais possua diversas vertentes, como explicitado pelo estudo clássico de Catherine Bell (1992/2009), há certo consenso sobre o caráter universal da experiência dos rituais na humanidade. Nesse sentido, Lupion (2021) indica que a importância dos rituais fúnebres ultrapassa a mera aceitação da ausência do falecido pois, sendo um marco da humanização do morrer, cumpre um papel central no processo de significação da morte.

O estudo sistemático de Arnold van Gennep (1909/2011) possibilitou identificar uma estrutura básica dos ritos de passagem, composta por três fases: a separação, a margem e a agregação. Além disso, no caso específico dos rituais fúnebres, pode-se considerar que as fases se organizam em dois momentos distintos: tanto na separação quanto na margem, o foco se localiza no corpo morto – as providências necessárias para a realização dos rituais fúnebres e os aspectos práticos da preparação para a despedida final; na agregação, por sua vez, o elemento central é a elaboração da dimensão subjetiva associada à perda e a eventual recomposição dos enlutados em suas posições sociais (Silva, Rodrigues & Aisengart, 2021). Sendo assim, a prática dos rituais de morte se relaciona diretamente às mudanças no próprio

ciclo vital do indivíduo – visto que os ritos de passagem demarcam o atravessamento de uma posição para a outra (Giamattey et al., 2022).

Os ritos fúnebres coincidem com a fase inicial do luto. É possível encará-los como espaços potentes para a elaboração da perda, contribuindo para o bem estar psíquico, pois, mesmo sofrendo com a perda, o ritual auxilia na organização psíquica da vida sem o ente querido. Além disso, o ritual em si é organizado de tal maneira que a despedida possa ser feita em conjunto por todos que estabeleceram algum tipo de vínculo afetivo com a pessoa que faleceu. (Giamattey et al., 2022, p. 3)

Embora apresente singularidades em diferentes contextos culturais, os rituais fúnebres são considerados uma manifestação universal da humanidade ao longo do processo de elaboração do luto (Silva, Rodrigues & Aisengart, 2021; Lupion, 2021; Giamattey et al., 2022). De acordo com Silva, Rodrigues e Aisengart (2021), pode-se compreender as “cerimônias fúnebres como práticas que visam ressignificar a morte, inserindo o morto numa nova condição social e dando aos vivos um espaço-tempo de compartilhamento das emoções” (p. 216). Em outras palavras, o ritual promove a elaboração individual e coletiva da perda por meio de práticas que simbolizam a transformação dos vínculos estabelecidos entre mortos e vivos ao longo da existência terrena.

Segundo Louis-Vincent Thomas (1983), como citado por Silva, Rodrigues e Aisengart (2021), é possível identificar algumas características compartilhadas nos procedimentos que constituem a ampla diversidade de rituais fúnebres. O sociólogo e antropólogo francês, apontado como um dos fundadores da tanatologia, identifica três funções principais dos rituais de morte ao longo de seus estudos etnográficos. Em primeiro lugar, o autor afirma que os rituais são dedicados aos mortos na mesma medida em que são dedicados aos vivos. A segunda função elencada pelo autor é a de proporcionar aos vivos uma possibilidade de expressão emocional diante da finitude. Por último, mas não menos relevante no processo de elaboração do luto, os rituais fúnebres constituem uma ferramenta para recompor uma comunidade fragilizada pela perda de um membro.

Considerando a relação existente entre a dimensão sociocultural e a estruturação de rituais, é possível identificar as implicações do interdito da morte nos mecanismos burocráticos que cercam os ritos fúnebres na contemporaneidade urbana. Conforme Giamattey et al. (2022):

O significado, as explicações, os rituais de passagem entre a vida e a morte e o processo de enlutamento variam conforme cada sociedade e suas diferenças culturais, cosmológicas e religiosas, bem como as circunstâncias em que as mortes ocorrem. Cada sociedade é responsável por estabelecer os códigos culturais aceitáveis para o estabelecimento de rituais fúnebres de seus entes queridos, que envolvem desde cerimônias de despedida, homenagens, até modos diversos de tratamento dos corpos, como o enterro ou a cremação. (p. 2)

Segundo Silva, Rodrigues & Aisengart (2021), “a morte, a inumação e o luto são processos interligados, que finalizam um ciclo”, sendo assim, a “supressão ou redução de uma etapa pode acarretar consequências para os enlutados” (p. 224). Os rituais de morte, que abrangem desde a dimensão objetiva do corpo até a dimensão subjetiva do luto, constituem um elemento intrínseco do processo de elaboração da perda individual e coletiva devido ao acionamento das redes de relações sociais. Nesse sentido, a interrupção ou restrição de determinadas etapas do ritual no contexto da pandemia de COVID-19 acarreta desafios significativos para o processo de elaboração da perda e, conseqüentemente, em um possível aumento nos casos de lutos considerados patológicos.

### **2.3 Singularidades do enlutamento por COVID-19**

A gestão dos corpos se torna um dos grandes desafios diante de uma doença de alto índice de transmissibilidade que infectou e matou milhões de pessoas pelo mundo. Durante os primeiros meses de pandemia, diversas cidades foram afetadas pela mortalidade em massa e pelo conseqüente colapso do sistema de saúde – neste cenário, a ausência de rituais fúnebres não incide apenas no processo de elaboração da perda individual mas também na experiência do luto coletivo. De acordo com Lupion (2021):

Até a chegada do coronavírus no Brasil, os rituais de despedida seguiam protocolos variados sendo possível que velórios acontecessem em ambientes diversos e com duração, por vezes, de mais de 24 horas. Nesse período considerava-se possível que parentes distantes pudessem se deslocar com tempo hábil para se despedir do ente querido; que orações pudessem ser feitas em função da alma do falecido e, sobretudo, que os familiares e amigos pudessem dispor de mais alguns instantes para se prepararem para o último adeus. Além disso, o período permitia que os trâmites legais fossem realizados de forma calma e respeitando o luto dos familiares. Com a pandemia, no entanto, os ritos funerários foram drasticamente alterados. O tempo de duração dos velórios foi reduzido e, nos casos em que a morte ocorreu devido a Covid-19, sequer eram realizados no início do quadro pandêmico. (p. 240)

Segundo Lynteris e Evans (2019), como citados por Silva e Stellita-Lins (2021), em contextos pandêmicos o corpo morto passa a ser interpretado “não somente como um objeto a ser administrado, mas como um processo, um agente disruptivo em produção e disputa, de modo que se possam considerar as demandas que esses fazem para a sociedade” (p. 279). Ou seja, ele é imbuído de significados e sentidos relacionados aos efeitos estigmatizantes dos rituais funerários – a necessidade dos caixões lacrados e a impossibilidade das despedidas são fatores que contribuem para uma representação do corpo como um vetor do risco.

A velocidade devastadora do aumento dos números da pandemia do novo coronavírus, em conjunto com as notícias de calamidade pública ao redor do mundo, foram as principais responsáveis por intensificar a sensação de medo e de ansiedade na população. Algumas situações, ilustradas nas figuras abaixo, marcaram o imaginário coletivo acerca da COVID-19.

### **Figura 1**

*Caminhões do Exército transportam caixões de vítimas de COVID-19 na Itália*



Fonte: Araújo, 2020

Bérgamo, abril de 2020. A província italiana, epicentro da pandemia no continente europeu, contabilizava tantos mortos em decorrência do novo coronavírus que não era capaz de sepultar os mortos em tempo hábil. Devido à superlotação dos necrotérios dos hospitais, os corpos foram armazenados em locais improvisados, como uma pista de patinação e salões de igrejas, até que pudessem ser transportados por caminhões do exército para a cremação (Araújo, 2020).

## Figura 2

*Valas informais para vítimas de COVID-19 às margens do Rio Ganges, na Índia*



Fonte: Pandey (2021)

Uttar Pradesh, maio de 2021. As águas do rio Ganges, considerado o mais sagrado da Índia, são tomadas por corpos flutuantes em diferentes estados de composição. Centenas de valas improvisadas foram encontradas nas areias às suas margens, possivelmente destinadas a vítimas de COVID-19 cujas famílias não puderam arcar com os custos do tratamento médico ou sequer da cremação formal (Pandey, 2021).

O fato de que outros continentes sejam palco dessas cenas pode contribuir para tornar a realidade da doença distante. Contudo, é preciso lembrar que a população brasileira também

enfrentou situações traumáticas na lida com a pandemia do novo coronavírus – tais como as evidenciadas pelas figuras 3 e 4.

### Figura 3

*Valas coletivas para vítimas da COVID-19 no Brasil*



Fonte: Jimenéz (2020)

São Paulo, abril de 2020. Em algumas cidades brasileiras, o número de mortos é tão alto que são adotadas medidas extremas para o enterro dos corpos: cemitérios adotam a prática de valas coletivas, chamadas de "trincheiras", devido à incapacidade dos serviços funerários de atenderem o alto número de óbitos em curto tempo causados pela COVID-19 (Giamattey et al., 2022).

### Figura 4

*Fila de parentes de pacientes hospitalizados para conseguir oxigênio em Manaus*



Fonte: Prestes (2021)

Manaus, janeiro de 2021. Diversos hospitais da rede pública, com leitos lotados de pacientes de COVID-19, se vêem de mãos atadas quando acaba o estoque de oxigênio. O desespero da situação, que era de ciência do Estado Federal há semanas, gera comoção pública e diversos artistas se reúnem para ajudar o município com doações de tanques de oxigênio e dinheiro em espécie (Prestes, 2021).

A Portaria nº 188, publicada no dia 3 de fevereiro de 2020, decretou estado de emergência em saúde pública e estabeleceu diretrizes para ações iniciais de gestão da crise. Dentre as resoluções, a portaria estabelece o Centro de Operações de Emergências em Saúde Pública (COE), sob responsabilidade da Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS), como mecanismo nacional para resposta coordenada à emergência representada pela pandemia. Poucas semanas depois, o COE divulgou um manual que estabelece uma série de protocolos para o manejo de corpos no contexto do novo coronavírus, com o objetivo de evitar o contágio tanto de profissionais da saúde quanto de familiares das vítimas.

Considerando que o vírus SARS-CoV-2 é transmitido por meio do contato entre pessoas e que pode permanecer em superfícies por algum período de tempo, há possibilidade de infecção pelo manejo dos corpos das vítimas – embora a probabilidade seja baixa. Nesse

sentido, o manual utiliza as informações disponíveis à época acerca do potencial de transmissibilidade da doença para argumentar tanto pela não recomendação de velórios e funerais quanto pela contraindicação da realização de autópsias<sup>8</sup>. A orientação para os profissionais de saúde é estabelecer comunicação constante com os familiares e responsáveis das vítimas do novo coronavírus, fornecendo explicações e instruções acerca das medidas adotadas.

A cartilha prescreve medidas de manejo de corpos em casos de ocorrência de óbitos em contextos hospitalares, domiciliares e públicos, além de fornecer diretrizes para a atuação nos serviços de verificação de óbitos. Dentre as medidas listadas, constam: a) limitar o reconhecimento do corpo a um único familiar ou responsável, mantendo o distanciamento de dois metros e o uso de equipamentos de proteção individual (EPI), ou por meio de fotografias para evitar a exposição; b) proibir a realização das práticas de tanatopraxia<sup>9</sup>; c) embalar os corpos em três camadas plásticas e identificar o saco externo de transporte por meio de etiqueta; d) lacrar a urna antes da entrega aos familiares ou responsáveis. A análise deste material suscita algumas questões, conforme discutido a seguir.

Em primeiro lugar, é válido citar as frequentes denúncias acerca da supressão quase completa dos funerais e velórios, exposta tanto pelos noticiários quanto pelos relatos de enlutados, apesar das diretrizes indicarem apenas restrições em casos confirmados ou suspeitos da doença. Além disso, não houve nenhuma recomendação específica nos documentos oficiais em relação ao sepultamento ou cremação imediatos das vítimas de COVID-19 – prática amplamente utilizada pelas autoridades sanitárias e altamente criticada pela população, devido à desconsideração a determinados contextos culturais específicos (Silva & Estellita-Lins, 2021).

---

<sup>8</sup> A contraindicação da realização de autópsias se caracteriza como um elemento relevante para a compreensão das especificidades do processo de elaboração do luto por COVID-19 no Brasil. Esta medida gerou uma série de conflitos, tanto em termos subjetivos, representado pela dificuldade da aceitação da morte pelos enlutados que exigem saber o motivo do falecimento, quanto em termos políticos, visto que esta diretriz foi utilizada como argumento por grupos que questionavam a veracidade das mortes por “suspeita de COVID” – considerando estas ocorrências como uma estratégia da oposição para inflacionar os números da pandemia.

<sup>9</sup> A tanatopraxia consiste em um conjunto de técnicas e procedimentos para higienização e conservação do corpo, realizada por meio da injeção de componentes químicos líquidos que evitam fluidos e odores decorrentes da decomposição por um maior período de tempo. De acordo com Cintra e Kiel (2013), a decisão da família se pauta em dois eixos principais: o desejo de prorrogar o momento da separação e a preservação da imagem viva do ente querido – ambos negados aos enlutados por vítimas do novo coronavírus devido às medidas de biossegurança adotadas. Na sociedade ocidental contemporânea, a tanatopraxia cumpre uma função na realização dos rituais fúnebres e sua proibição (ainda que temporária) pode gerar impactos no processo de elaboração do luto.

Em segundo lugar, é possível identificar uma série de divergências entre as informações prestadas pela Secretaria de Vigilância em Saúde em comparação àquelas divulgadas pela Organização Mundial da Saúde. Existem três documentos oficiais de autoria da OMS sobre o manejo de corpos no contexto do novo coronavírus, considerados como recomendações provisórias visto que estariam sujeitas à revisão em face de novas evidências. Na primeira publicação, datada de 18 de março, a organização admite a incerteza sobre os fatores de contágio da doença, afirmando que a “transmissão de doenças infecciosas associada ao manejo de cadáveres pode ocorrer e pode ser potencializada pelo não cumprimento de normas e precauções relativas à transmissão” (OMS, 2020a, p. 1). Alguns dias depois, em 24 de março, esta informação é ratificada por meio da constatação de que, exceto em casos de febres hemorrágicas e cólera, os cadáveres geralmente não são infecciosos – embora exista a possibilidade de contágio por meio do processamento inadequado dos pulmões durante a necropsia (OMS, 2020b, p. 1). Por fim, a mais recente publicação referente ao manejo seguro de cadáveres é datada do dia 4 de setembro e constata que “a probabilidade de transmissão durante o manuseio de restos mortais é baixa” (OMS, 2020c, p. 1).

Além disso, os documentos estabelecem medidas de biossegurança significativamente menos rígidas do que aquelas da cartilha nacional: não há necessidade de embalar corpos ou de lacrar urnas, se limitando a orientar que os enlutados respeitem os protocolos de higiene e não tenham contato físico com o falecido. As recomendações indicam que “a dignidade dos falecidos, suas tradições culturais e religiosas e suas famílias devem ser respeitadas e protegidas durante todo o processo (...) o que inclui evitar uma destinação apressada do corpo de uma pessoa que faleceu de COVID-19” (OMS, 2020c, p. 1).

De acordo com Lupion (2021), à medida que as características da COVID-19 se tornam mais conhecidas “muito do extremismo relativo aos velórios, ou seja, quanto ao ato de velar o corpo e as cerimônias de enterramento ou sepultamento estão sendo revistos e flexibilizados” (p. 238). No entanto, os rituais ainda se vêem limitados em comparação ao período anterior à pandemia, quando um velório poderia se estender por dias segundo as práticas tradicionais diante da morte de determinados grupos sociais. De acordo com a autora,

o corpo morto gerido pelos protocolos estabelecidos pelo Ministério da Saúde não pertence mais aos familiares. Ele é, sobretudo, um cadáver passível de contaminação e, relegando a segundo plano a individualidade no tratamento com o morto, são estabelecidas normas institucionalizadas que visam o atendimento ao coletivo

principalmente em relação à contenção do contágio. Com a pandemia, portanto, a gestão dos corpos mortos passa por reconfigurações orquestradas pelas autoridades sanitárias nas quais as sensibilidades ligadas aos ritos funerários foram suprimidas em favor dos serviços funerários. (Lupion, 2021, p. 240-241)

Silva, Rodrigues e Aisengart (2021) apontam a manipulação do corpo como elemento fundamental nos rituais de morte, independente da singularidade dessa manifestação em contextos culturais diversos, devido ao seu potencial de produzir uma transformação simbólica do lugar social do falecido. Nesse sentido, diversos pesquisadores alertam para graves consequências das medidas de biossegurança prescritas pelo Ministério da Saúde (MS) no processo de elaboração individual e coletivo da COVID-19 no Brasil (Lopes et al., 2021; Silva, Rodrigues e Aisengart, 2021). Retirar dos familiares a possibilidade de ver e tocar o corpo do ente amado inviabiliza a materialidade da permanência da separação, visto que “além de impossibilitar uma aceitação do novo status do falecido, acarretando um processo vivido a partir de uma sensação de irrealidade, houve situações em que os enlutados duvidaram da identidade do corpo” (Silva, Rodrigues e Aisengart, pp. 226-227).

Delineamentos propostos por uma "antropologia das epidemias" destacam o modo como os protocolos universais e as ações emergenciais de combate aos surtos epidêmicos, ao inscreverem as doenças infecciosas em uma linguagem de medo e risco, acabam por normalizar técnicas e práticas administrativas que tomam os indivíduos infectados, vivos e mortos, como uma ameaça ao ordenamento público. (Silva & Estellita-Lins, 2021, p. 279)

Segundo Silva, Rodrigues e Aisengart (2021), o ritual funerário urbano é constituído por três etapas: o cerimonial, a procissão e o despojo do corpo. Independente das diferenças religiosas e culturais, pode-se interpretar estas etapas como uma rerepresentação contemporânea das fases dos ritos de passagem preconizadas por Van Gennep (1909/2011). Considerando a especificidade de algumas vivências particulares de enlutamento no contexto pandêmico, abordaremos nos próximos parágrafos dois exemplos de rituais fúnebres que foram impactados pela crise sanitária: as práticas do candomblé no âmbito religioso e os rituais do povo indígena Yanomami no âmbito cultural.

A marginalização das práticas religiosas afro-brasileiras representa um desafio adicional no processo de elaboração de luto de grupos sociais minoritários. O temor das consequências do não-cumprimento dos ritos fúnebres é materializado na iniciativa adotada pela Associação Brasileira de Preservação da Cultura Afro-ameríndia (AFA) que, tão logo

foram anunciados os primeiros casos do novo coronavírus em território nacional, enviou ofício ao Ministério Público Federal solicitando normativas para garantir que as crenças religiosas do candomblé fossem respeitadas (Hortélio, 2020). De acordo com os preceitos da religião, os iniciados devem ser enterrados em contato direto com o solo para que o ciclo de vida seja encerrado corretamente – o processo de decomposição do corpo seria uma reintegração à natureza, desfazendo os vínculos terrenos para liberar o espíritos das obrigações do mundo dos vivos. Nesse sentido, Silva, Rodrigues e Aisengart (2021) apontam que práticas fúnebres como a cremação ou o depósito em gavetas poderiam “causar problemas espirituais e psicológicos para familiares do iniciado” (p. 217) visto que o rompimento de um preceito da religião geraria desequilíbrio da energia vital.

Além da religião, uma esfera vivencial de extrema relevância na cultura brasileira, há que se considerar outros fatores que perpassam a vivência do processo de elaboração do luto – como, por exemplo, a desigualdade social de grupos étnicos minoritários. De acordo com os dados do Censo IBGE 2010, a população indígena no Brasil é composta por mais de trezentos povos e representa aproximadamente 0,47% da população total do país. Embora habitassem o território brasileiro muito antes da chegada dos colonizadores, a população indígena sofre constantes decréscimos tanto devido ao extermínio incentivado por interesses exploratórios quanto ao contágio por doenças desconhecidas levadas por invasores de suas terras.

Silva e Estellita-Lins (2021) expõem a vulnerabilidade e a violência que marcam a Terra Indígena Yanomami. O território, lar de cerca de 26.000 indígenas distribuídos em mais de trezentas aldeias, é continuamente invadido por garimpeiros em busca de ouro – o que, em plena pandemia do novo coronavírus, ocasionou o contágio da população. Segundo Elaine Brum (2020), o descaso com a população indígena reflete em casos polêmicos que ilustram a gravidade da situação: ainda nos primeiros meses de pandemia, quando pouco se sabia sobre a doença, os corpos dos filhos de três mães Yanomami desapareceram após a suspeita de morte por COVID-19. Os bebês teriam sido, supostamente, enterrados no cemitério da cidade – no entanto, as autoridades falharam em fornecer informações sobre o local e se recusaram a exumar os corpos devido aos protocolos sanitários de biossegurança.

Como se não bastasse a violência subjetiva do sepultamento negado a estas famílias, a situação foi agravada devido à ruptura de uma crença fundamental dos intrincados rituais fúnebres daquela cultura: os corpos não devem ser enterrados, mas cremados em um processo que pode levar meses para ser encerrado. Segundo Brum (2020), o “ritual faz o morto morrer

também como memória, para que os vivos possam viver. Se o ritual não for realizado, o morto não poderá ser esquecido nem se deixará esquecer, o que provoca muito mal a seus parentes e a toda a comunidade”. Ou seja, a complexa simbologia dos rituais funerários Yanomami representa o desenlace dos vínculos à comunidade e à terra construídos em vida pelo indivíduo – o que Silva, Rodrigues e Aisengart (2021) nomeiam como um “processo de dissolução do ser social” (p. 219).

Sobretudo, o *reahu* [rito funerário] permite o esquecimento. Fazer desaparecer as cinzas e a memória do morto é conjurar a possibilidade de sua permanência no mundo dos vivos e de um possível retorno para atrair seus parentes para si, levando-os à doença e à morte. Desse modo, o enterro biosseguro ao fazer permanecer o morto, além de ser um fato revoltante e uma dor profunda para os parentes, representa um desequilíbrio perigoso entre o mundo dos vivos e dos mortos, atualizado na agência patogênica da saudade e dos *pore* [almas-fantasmas]. (Silva & Estellita-Lins, 2021, p. 271)

De acordo com Silva & Stellita-Lins (2021), o perigo da aplicação universal dos protocolos de biossegurança pode ir além do desrespeito à humanidade garantida pela realização dos rituais fúnebres tradicionais de uma cultura. Os autores argumentam que este cenário fomenta uma série de questionamentos acerca da insalubridade de práticas funerárias, em particular de povos originários – ocasionando impactos políticos e sociais significativos devido à estigmatização colonialista.

Ao explorar a relação entre os mitos fundadores de determinadas crenças e os rituais fúnebres, Silva, Rodrigues e Aisengart (2021) apontam que o processo de elaboração do luto está intimamente conectado com o contexto e as condições sociais – não apenas em grupos minoritários específicos, tais como praticantes de religiões afro-brasileira ou povos indígenas, mas em escopo geral. Nesse sentido, o impedimento da realização de rituais fúnebres tradicionais pode acarretar em dificuldades e desafios no processo de elaboração individual e coletiva do luto.

A importância dos rituais ligados aos velórios e aos sepultamentos envolve mais do que a aceitação da ausência do outro, falecido. Como eventos que marcam o processo de humanização, os sepultamentos registram um dos momentos em que os seres humanos desenvolveram a capacidade de significar fatos que lhe são alheios. (Lupion, 2021, p. 245)

Além da retirada de elementos, do abreviamento ou da supressão de etapas do ritual fúnebre, a literatura científica aponta outros desafios que podem repercutir no processo de elaboração do luto em contexto pandêmico – como as particularidades na experiência do luto antecipatório e a falta de comunicação entre familiares e pacientes. De acordo com Lopes et al. (2021), “a família, que antes poderia participar dos cuidados, mesmo por meio de visitas ou diálogos com equipe, hoje encontra-se mais ausente, fator que inviabiliza a construção de narrativas do processo de morrer, essencial para elaboração da despedida” (p. 5).

O luto antecipatório, considerado um possível fator de proteção ou de risco para o desenvolvimento do luto complicado (Braz & Franco, 2017), possui especificidades quando vivenciado por familiares de vítimas de COVID-19. De acordo com Lopes et al. (2021), a comunicação limitada dos pacientes e seus familiares após a internação poderia cumprir o papel de preparação para a possibilidade real da morte. No entanto, dependendo da gravidade do caso clínico, esta internação pode não durar tempo suficiente para elaboração subjetiva da família – incorrendo na vivência de uma morte repentina, que também constitui um fator de risco para o luto complicado.

Giamattey et al. (2022) alertam para outro aspecto que deve ser considerado acerca do luto antecipatório na pandemia do novo coronavírus. Os autores relatam que, devido ao alto número de óbitos após procedimentos de internação realizados em casos mais graves, as Unidades de Tratamento Intensivo (UTIs) são imbuídas de peso simbólico, como se tratassem de um “ponto sem retorno”. Porém, em alguns casos, o paciente sobrevive após um longo tempo de internação – e esta inesperada recuperação também pode ocasionar sofrimento psíquico.

O luto antecipatório tradicionalmente é uma resposta normal que ocorre com um paciente ou família diante de um diagnóstico terminal e costuma favorecer o preparo emocional. Porém, a pandemia tem contribuído para circunstâncias cada vez mais difíceis e o potencial para uma configuração de um luto antecipatório amplificado. Essa condição de ‘luto amplificado’ é derivada da consciência diária, através dos veículos midiáticos e redes sociais, dos mapas globais de contágio e número de mortos que podem contribuir para a sensação de que o vírus ‘está chegando’ perto, aumentando o sofrimento por antecipação. (Giamattey et al., 2022, p. 7)

Outro desafio na elaboração do luto pelo novo coronavírus é a ocorrência de múltiplos casos de contaminação e morte de membros de uma mesma família em um curto espaço de tempo. Os lutos sequenciais dificultam o processo de adaptação do sujeito diante da ausência

de diversos vínculos significativos, considerando o histórico de vida do enlutado como um possível fator de risco para o desenvolvimento do luto complicado, além de fragilizar a rede de apoio do enlutado. Além disso, a exploração midiática contínua contribui para um processo de banalização da morte – o fenômeno da morte escancarada, como anteriormente apontado por Kóvac (2013) – e para a composição de um cenário de desvalorização da dor do outro (Lopes et al., 2021).

De acordo com Silva, Rodrigues e Aisengart (2021), este conjunto de ocorrências propicia aos sobreviventes “uma experiência fúnebre desorganizada e frustrada” (p. 221). Nesse sentido, diversos pesquisadores se dedicaram a estudar as principais estratégias adotadas tanto pelas equipes profissionais de saúde quanto pelos familiares enlutados para garantir alguma forma de elaboração do luto individual e coletivo.

A necessidade da realização dos rituais fúnebres para a elaboração do luto exigiu da sociedade a criação de estratégias para minimizar os impactos da ausência dos rituais tradicionais em homenagem aos entes queridos – como os velórios virtuais, orações religiosas por videochamada e grupos de apoio online. Este “novo” luto durante a pandemia seria “um modo de aproximar afetivamente as pessoas e permitir a despedida” (Giamattey et al., 2022, p. 3), ou seja, configura uma possibilidade válida para concretizar esta etapa do processo de elaboração do luto.

(...) o investimento na organização dos rituais, mesmo no formato online, pode amenizar possíveis sentimentos conflituosos, sendo este momento necessário para a elaboração psicológica, por ter contribuições saudáveis como: ajudar o indivíduo a se confrontar com a perda, permitir socialmente a entrada no processo de luto, possibilitando manifestar e compartilhar o seu sofrimento. (Giamattey et al., 2022, p. 7)

Em artigo de revisão narrativa da literatura científica, Estrela et al. (2021) compilam uma série de estratégias imediatas e de longo prazo para auxiliar pessoas enlutadas pela morte de familiares pela COVID-19 a lidarem com a perda. Enquanto as estratégias imediatas se relacionam ao processo objetivo de morte e às medidas de facilitação de contato com o moribundo, as medidas de longo prazo visam fornecer auxílio especializado durante a vivência do luto para evitar o surgimento de complicadores patológicos.

Dentre as estratégias imediatas, as alternativas mais comuns nos países em que as visitas hospitalares foram restringidas foram chamadas telefônicas, gravações de áudio, envio

de cartas e fotos de familiares. Além disso, há indicação do uso das tecnologias de informação e comunicação para celebrar cerimônias religiosas – seja para orações que possibilitem o apoio mútuo na vivência do luto antecipatório ou para os rituais fúnebres virtuais, como uma maneira de garantir alguma homenagem ao familiar morto (Estrela et al., 2021, Lopes et al., 2021). Embora estas estratégias sejam relevantes para a manutenção da saúde mental dos familiares e do próprio moribundo, a implementação se mostrou um desafio devido à sobrecarga do sistema de saúde em escala global nos primeiros meses da pandemia. De acordo com Lopes et al. (2021), a humanização no suporte de pacientes e familiares que enfrentam a terminalidade da COVID-19 é um desafio, visto que depende da condição clínica dos pacientes. Os autores recomendam que, quando não for possível o contato virtual, os familiares sejam informados diariamente acerca do estado de saúde do paciente e acionados imediatamente em caso de mudanças significativas.

Dentre as estratégias de longo prazo, o cuidado intersetorial contínuo se torna uma alternativa possível para a reabilitação e o aconselhamento especializado aos pacientes enlutados. Estrela et al. (2021) apontam a predominância de planejamentos que recomendam “uma atuação mais diretiva por parte dos profissionais de psicologia e de assistência social por meio de um acompanhamento mais prolongado, com vistas à viabilização do retorno desses familiares enlutados ao convívio social harmônico” (p. 6). Nesse sentido, Lopes et al. (2021) alertam que a assistência psicossocial em situações de desastre não deve se restringir aos momentos iniciais – enfatizando a importância de políticas públicas para atenção ao luto de base sociocomunitárias em articulação com serviços especializados, considerando diferentes níveis de risco e de necessidade de suporte entre as famílias enlutadas.

Há uma grande preocupação, apontada pela literatura científica e compartilhada pela OMS, em relação a uma crise global de saúde mental devido ao contexto pandêmico – um fenômeno já batizado por alguns autores como “pandemia do luto”. A revisão da literatura indica que os familiares enlutados por vítimas da COVID-19 que não tiveram oportunidade de se despedir apresentaram uma série de alterações psicológicas, como quadros depressivos ou transtorno de estresse pós-traumático (Estrela et al., 2021; Lopes et al., 2021). No entanto, apesar da óbvia importância das estratégias de longo prazo para cuidado psicossocial da população, ainda não existem diretrizes claramente estabelecidas pelas organizações de saúde para sua implementação.

Além disso, Lopes et al. (2021) apontam a importância de iniciativas como os memoriais virtuais dedicados para as vítimas do COVID-19: além de possibilitar aos

enlutados expressar suas narrativas de luto, os memoriais se configuram como um esforço contínuo contra a banalização da morte ao humanizar as vítimas do novo coronavírus. Ou seja, os memoriais virtuais também exercem a função de eternizar a memória daqueles que se foram para além dos números que representam no cenário pandêmico. Alguns dos projetos como, por exemplo, o Santinho<sup>10</sup>, o Relicário<sup>11</sup> e o Inumeráveis<sup>12</sup>, surgiram nas primeiras semanas da pandemia e se mantiveram até o encerramento desta pesquisa. Di Nola (2007), como citado por Silva, Rodrigues e Aisengart (2021), aponta que “é fundamental uma construção de caminhos para uma superação daquela morte, conservando a memória do falecido e possibilitando sua transformação de status em antepassado” (p. 224).

A publicização do luto nas redes sociais digitais é um fenômeno emergente na cibercultura, cujos efeitos têm sido timidamente discutidos pela comunidade acadêmica – embora não substituam os rituais funerários tradicionais, a possibilidade de interação social e apoio mútuo pode contribuir para atenuar a dor da perda. Ramos (2015), por exemplo, debate a sobrevivência das identidades digitais após a morte do corpo biológico através da funcionalidade de memorial do Facebook, uma rede social digital baseada no compartilhamento de fotos e pensamentos. Aos usuários que ativaram a função, é possível transformar o perfil pessoal em uma página de memorial após a notificação de sua morte por um perfil de confiança indicado em vida – eternizando seus rastros digitais na plataforma e possibilitando o envio de mensagens pelos amigos após o falecimento, como um túmulo virtual.

Essas expressões de condolências, afeto e espiritualidade ressignificadas no contexto da pandemia, no entanto, não substituem os rituais funerários tradicionais. Mas, auxiliam nos processos de resolução da aceitação do luto uma vez que ajudam a lidar com a situação de perda (...) (Lupion, 2021, p, 247-248)

---

<sup>10</sup> O projeto Santinho foi criado pelas psicanalistas Marília Velano e Erica Azambuja e pelo ilustrador Laurindo Feliciano, com o objetivo de mediar as despedidas virtuais por meio de homenagens (sejam elas na forma de fotos, poemas ou cartas). Link para acesso: <https://www.santinho.org>

<sup>11</sup> O projeto Relicários foi criado pela antropóloga Débora Diniz, que publica imagens do artista Ramon Navarro para homenagear mulheres mortas pela COVID-19. O objetivo é tirar do anonimato as vidas, as histórias e as memórias perdidas em decorrência da pandemia. Link para acesso: <https://www.instagram.com/reliquia.rum/>

<sup>12</sup> O projeto Inumeráveis foi idealizado pelo artista Edson Pavoni, em colaboração com Rogério Oliveira, Rogério Zé, Alana Rizzo, Guilherme Bullejos, Gabriela Veiga, Giovana Madalosso, Rayane Urani, Jonathan Querubina. A equipe também conta com jornalistas, estudantes e revisores voluntários para a redação e revisão das histórias baseadas nos questionários submetidos por amigos e/ou familiares sobre as vítimas do novo coronavírus. Link para acesso: <https://inumeraveis.com.br>

A pandemia do novo coronavírus impactou significativamente a vivência da morte e o processo de elaboração do luto, tanto individual quanto coletivo. De acordo com Lopes et al. (2021), “o momento convoca a repensar conceitos e (re)criar compreensões acerca da morte na sociedade contemporânea e do luto diante de tantas mudanças” (p. 9). Embora seja possível identificar desde já alguns efeitos advindos do cenário pandêmico na subjetividade dos enlutados por vítimas do COVID-19, apenas um acompanhamento de longo prazo poderá apreender a dimensão das consequências geradas pela incerteza frente uma doença desconhecida, pela impossibilidade de despedidas devido à supressão dos rituais fúnebres e pelo luto coletivo sobre a normalidade da vida.

Importante ressaltar que, embora seja aparente a importância dos rituais fúnebres para a simbolização da perda individual e coletiva, não é possível inferir que pessoas que não puderam vivenciar esta experiência estariam de alguma forma estagnadas no processo de elaboração do luto. Assim como os rituais fúnebres, a relação do sujeito com sua perda apresenta diversas formas e singularidades.

#### **2.4 Representações e práticas sociais na cibercultura**

Há uma grande variedade de perspectivas no campo da Psicologia Social na abordagem de fenômenos humanos. Por muito tempo, as pesquisas dividiram o seu foco de investigação entre os aspectos cognitivos e os aspectos culturais macrossociais de seu objeto de pesquisa. A Teoria das Representações Sociais, postulada por Serge Moscovici (2000/2009), emerge como uma alternativa para superar essa dicotomia ao desenvolver um estudo voltado para a imbricação fundamental entre os processos cognitivos e a partilha de informações, ideias, pertencas e construções coletivas das sociedades.

Assim, as representações sociais convencionalizam e prescrevem a realidade dos membros de um determinado grupo (Moscovici, 2000/2009; Vala, 2004) – o que não equivale a dizer que funcionam como determinantes invariáveis de comportamentos ou pensamentos. Apesar de serem influências que regulam as práticas sociais, de forma imperceptível e naturalizada, a Teoria das Representações Sociais leva em conta a pluralidade e mutabilidade de um sistema em constante interação, produção, reprodução e transformação (Vala, 2004). Trata-se de um modo intrínseco de pessoas e grupos se comunicarem cotidianamente, promovendo uma construção ativa de conhecimento por meio da apropriação

de conceitos e práticas. Moscovici (2000/2009) estabelece que a familiarização é a finalidade última de uma representação social. Nas palavras de Cabecinhas (2009):

Enquanto sistemas de interpretação, as representações sociais regulam a nossa relação com os outros e orientam o nosso comportamento. As representações intervêm ainda em processos tão variados como a difusão e a assimilação de conhecimento, a construção de identidades pessoais e sociais, o comportamento intra a intergruppal, as acções de resistência e de mudança social. (p. 4)

As investigações das representações sociais devem considerar considerar tanto seu caráter contextual, visto que estas serão são sempre de alguém acerca de alguma coisa (Sá, 1998), quanto seu caráter processual, que se revela a partir dos mecanismos de gênese e transformação conceitualizados por Moscovici (2000/2009) no par objetivação e ancoragem.

A objetivação é o processo a partir do qual ideias e esquemas conceituais tomam uma forma, uma existência no mundo, ao constituir elementos que dão materialidade às representações sociais. Tais referências figurativas possibilitam trocas e negociações em torno das representações em pauta. A ancoragem, por sua vez, é o processo através do qual elementos novos não-familiares são classificados e nomeados, tornando-se cognoscíveis a partir dos referenciais preexistentes e compartilhados socialmente (Vala, 2004). Importante reforçar que a divisão entre estas categorias de processos é meramente didática, visto que não acontecem isoladamente ou de maneira estanque: são interdependentes e compõem aspectos complementares das mesmas transformações e produções sociais, fomentados e promovidos pelas trocas comunicativas da realidade social.

A proposta de um estudo de representações e práticas sociais se apoia na convicção de que as teorias propiciam um potente instrumento para a investigação de zonas de sentido da realidade cotidiana dos sujeitos e suas transformações (Jodelet, 2005; Sá, 1998). A aplicação da Teoria das Representações Sociais no objeto da morte mostra-se pertinente por possibilitar uma proposta de investigação que não intenciona prescindir da relevância de diferentes níveis de análise – podendo ir desde experiências sociocognitivas até a comunicação em massa e a cultura de uma coletividade.

Embora as práticas sociais não sejam um fenômeno de interesse exclusivo da Teoria das Representações Sociais, diversos pesquisadores (Abric, 2000; Campos, 2017; Rouquette, 1998) indicam a relação representação-prática como elemento fundamental da construção teórica. Apesar disso, as práticas sociais ainda são abordadas de forma difusa nas produções

da psicologia social – o que reflete em algumas questões problemáticas: a própria dificuldade na definição do conceito resulta em um uso indiscriminado e ambíguo entre os pesquisadores (Almeida, Santos & Trindade, 2000).

Há que se ter cuidado tanto com uma definição estrita do conceito de práticas sociais, devido à heterogeneidade das abordagens na psicologia social, quanto com uma indefinição daquilo que se fala (Almeida, Santos & Trindade, 2000). Portanto, cabe dizer que este projeto de pesquisa se alinha à definição de Abric (2000), que considera as práticas sociais como sistemas de ação socialmente estruturados, sistemas de ação-representação, que estão ligadas – implícita ou explicitamente – ao campo dos papéis sociais.

O caráter da relação estabelecida entre as representações sociais e as práticas sociais também emerge como um ponto de debate entre os pesquisadores do conceito: seriam as práticas determinadas pelas representações ou as representações determinadas pelas práticas? Ou, ainda, as representações e as práticas se influenciariam mutuamente? Abric (2000) propõe que esta relação depende fortemente da natureza da situação abordada, levando em consideração dois fatores: a autonomia do ator naquele contexto específico e a presença ou ausência de elementos afetivos e/ou ligados à manutenção da memória social.

O autor apresenta três hipóteses para compreender as relações entre práticas e representações sociais, com diferentes níveis de interação e determinação entre os conceitos a depender das características da situação: 1) as representações determinam as práticas sociais nas situações de forte carga afetiva em que a referência à memória coletiva não é necessária para manutenção da identidade grupal; 2) as representações e as práticas exercem um papel igualmente determinante nas situações em que o autor possui autonomia nas obrigações derivadas ou nas relações de poder; 3) as práticas determinam as representações sociais nas situações que dependem do entorno físico ou de relações de poder social. A teorização em si é uma fonte rica de reflexões, porém as hipóteses carecem de sustentação em exemplos aplicados – o que indica a necessidade de posteriores pesquisas neste campo para aprofundamento da discussão.

Outros pesquisadores tendem à posição de que se a situação for ambígua ou complexa, o sujeito está mais propenso a acessar o saber do grupo para lidar com o fenômeno; em situações com “margem de manobra”, por outro lado, as representações sociais têm uma maior influência no comportamento apresentado pelo sujeito (Campos, 2017; Wolter & Sá, 2013). Campos (2017) usa a expressão "Situações Sociais Complexas" para evidenciar

o modo como as representações sociais influenciam as práticas (e vice-versa). Nas situações sociais "reais" de interação, os sujeitos constroem "Sistemas Representacionais" para orientar suas ações. Esses sistemas são compostos de quatro elementos: as representações sociais de si mesmo, dos outros, da tarefa e do contexto imediato.

Ao interrogar se a Teoria das Representações Sociais seria aporte teórico suficiente para explicar a complexidade da relação entre o pensar e o agir dos grupos sociais, Campos (2017) aponta que o procedimento padrão de investigação das representações de um grupo sobre um objeto específico carecem do "olhar psicossocial" das dinâmicas do campo social e sugere que as pesquisas comportem pelo menos dois "estudos": um que abranja o significado e outro que abarque o contexto.

Embora esta perspectiva seja útil em termos de interpretação dos dados coletados ao longo da pesquisa, a escolha teórica deste trabalho se alinha à construção argumentativa de Rouquette (1998). O autor considera que a relação entre as práticas e as representações é dialética: ou seja, nem determinação, nem reciprocidade. Nesse sentido, as representações seriam *condições* para as práticas sociais enquanto as práticas seriam as *ações transformadoras* das representações sociais.

Rouquette (1998) define as práticas sociais como a combinação entre a realização de uma ação, a conduta efetiva e a frequência da ação, ou familiaridade. Esses aspectos são, posteriormente, decompostos em quatro elementos centrais: a passagem ao ato, a recorrência, a maneira de fazer e o cálculo das consequências. O autor estabelece ainda, que existem diferentes níveis (de prática e de discurso) nas variáveis e decompõe os elementos que compõem a prática social em variáveis independentes contextualizadas. Nesse sentido, integrá-las resultaria em um modelo propriamente psicossocial, como aquele idealizado por Campos (2017).

Apesar das representações e práticas sociais serem amplamente discutidas nas pesquisas do campo da psicologia social, a possibilidade de aplicação das teorias à cibercultura ainda constitui uma questão em construção – principalmente ao considerar que as características psicossociais da sociedade ocidental contemporânea na chamada “era da informação” (Castells, 2007, p. 15) são marcadas pela constante retroalimentação estabelecida entre a tecnologia e a cultura.

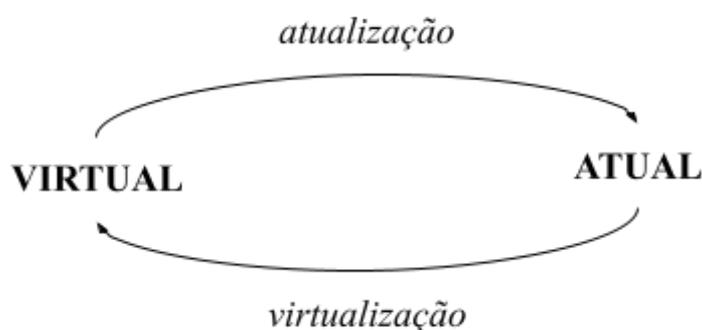
De acordo com Lemos (2008), a construção do ser humano como um ser social possui uma relação inerente ao surgimento da técnica: a criação de instrumentos para lidar com

problemas práticos, de teor meramente evolutivo, aos poucos se tornou um processo de artificialização da natureza em si. É possível identificar esta lógica ao longo da história no contínuo esforço dos seres humanos de prolongar sua existência por meio da continuidade de sua memória – utilizando, para tal fim, de recursos sociais e simbólicos como a tradição oral e o desenvolvimento da escrita, por exemplo (Le Goff, 1988/1996; Lemos, 2007; Lévy, 1993/2010).

Pierre Lévy (1993/2010, 1999/2010), filósofo que se dedica ao estudo da inteligência coletiva e do ciberespaço, considera estes suportes da memória como formas de virtualidade. O autor argumenta que a oposição entre o virtual e o real é meramente ilusória: o virtual, nessa perspectiva, seria meramente um modo de realidade que surge como potência, não como ato em si. O autor propõe que a divisão adequada seria entre virtual e atual, sendo o virtual percebido como uma entidade desterritorializada geradora de infinitas manifestações que podem ser constantemente materializadas no espaço e tempo por meio do processo da atualização (Figura 5).

### Figura 5

*Esquema ilustrativo da continuidade relacional entre virtual e atual*



O surgimento da internet potencializa estas formas de virtualidade visto que modifica os tipos de registro da comunicação humana: para além da oralidade e da escrita, a tecnologia possibilitou meios como a impressão, a comunicação de massa e, por fim, a era digital. De acordo com Santaella (2005), não é possível dissociar a compreensão dos aspectos sociais, políticos e econômicos de uma sociedade da concepção de seus meios de comunicação – ou seja, cada avanço é acompanhado de mudanças nas formas de interação social.

De acordo com Silva (2001), a internet “é um espaço de espaços onde o público e o privado, o local e o global, o material e o virtual coabitam, o que conduz à geração de novas sociabilidades e reorganização das sociabilidades tradicionais” (p. 159). A falsa sensação de anonimidade nas interações mediadas pelo computador podem culminar no esquecimento, mesmo que temporário, de que as redes sociais digitais se tratam de um espaço limítrofe entre o público e o privado: seu uso produz inúmeros rastros digitais, cujo acesso geralmente está fora do controle do usuário. Ademais, Oliveira (2019) argumenta que “estas redes não reproduzem apenas estruturas de redes sociais offline como complexificam relações sociais que ultrapassam o ambiente virtual” (p. 76-77).

O aspecto interativo das interações virtuais, que tornam-se suporte de memória e de sociabilidade, desafia a dimensão de grupo social (Mazzotti & Campos, 2011) na medida em que ampliam as relações desterritorializadas – que ocorrem, em diversas situações, de forma completamente virtual. Em suma, os espaços virtuais têm sido ocupados por sujeitos que promovem interações, fortalecem vínculos de pertencimentos e fortalecem a construção de identidades sociais (Ribeiro, 2001).

Denominado como “cibercultura”, este cenário é marcado por alterações profundas de práticas sociais complexas (Mazzotti & Campos, 2011) e pelo surgimento de novas estruturas simbólicas (Santaella, 2003) – o que faz emergir questões acerca do estudo de conceitos clássicos como as representações e as práticas sociais no ambiente virtual. A psicologia social pode contribuir para a leitura crítica dos fenômenos da cibercultura, considerando seus reflexos em esferas como a produção e o acesso às informações em circulação, as dimensões de tempo e espaço e as relações de pertencimento grupal.

### 3 Procedimentos metodológicos

O paradigma positivista é baseado nos postulados da constância, da estabilidade, da ordem e das relações causais dos fenômenos – o que possibilita identificar, por meio da estrutura, leis invariáveis e conclusões predizíveis acerca dos eventos naturais. Chizzotti (2000) relembra que, considerado um marco da ciência moderna, a orientação positivista influenciou o delineamento de pesquisas nas ciências humanas e sociais que buscavam comprovar sua validade científica à época. No entanto, a hegemonia deste paradigma foi amplamente questionada, visto que as relações interpessoais e sociais apresentavam inúmeras complexidades e contradições cujos significados não poderiam ser compreendidos por meio de uma estrutura fixa.

Os pesquisadores que adotaram este posicionamento se dedicaram a análise dos significados atribuídos pelos indivíduos às suas ações, constituindo a pesquisa qualitativa por meio de pressupostos contrários ao modelo experimental vigente. De acordo com Kripka, Scheller e Bonotto (2015), “os estudos qualitativos se caracterizam como aqueles que buscam compreender um fenômeno em seu ambiente natural, onde esses ocorrem e do qual faz parte” (p. 243). Sendo assim, a pesquisa qualitativa pressupõe certa preocupação do pesquisador com o contexto social, histórico e cultural das experiências narradas pelo sujeito, conforme afirma Chizzotti (2000):

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objetivo não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações. (p. 79)

Nesse sentido, optou-se pela realização de uma pesquisa de caráter qualitativo para, conforme Minayo e Sanches (1993), valorizar as construções de sentidos, significados, crenças e valores dos sujeitos acerca do tema de estudo. A pesquisa qualitativa possibilita diversos percursos, tanto em termos de instrumentos para constituição de dados quanto em possibilidades analíticas para o conjunto de informações coletadas. Para atender aos objetivos propostos, o procedimento metodológico adotado para esta investigação se caracteriza como

uma pesquisa documental longitudinal de caráter exploratório, considerando a natureza primária da fonte de coleta de dados e o recorte específico de um fenômeno social ainda em construção. Cabe mencionar a originalidade desta estratégia na psicologia social, visto que investigações que objetivam analisar variações nas características dos mesmos elementos amostrais ao longo de um longo período não constituem a norma nesta área de conhecimento.

A pesquisa documental visa compreender os fenômenos estudados por meio de procedimentos e técnicas para apreensão de informações contidas em materiais que não foram produzidos ou utilizados para fins de análise. Ou seja, a pesquisa documental aborda o desenvolvimento de processos sócio-históricos indiretamente, por meio das traduções e perspectivas produzidas pelo autor de um texto a partir de sua vivência subjetiva na relação com o fenômeno social investigado. Considerando a diversidade de caminhos metodológicos possíveis para a realização de uma investigação, o pesquisador deve compreender o método para além de sua aplicabilidade: é essencial ter clareza das vantagens e desvantagens do procedimento adotado em relação às alternativas metodológicas para abordagem do objeto de estudo elencado.

Kripka, Scheller e Bonotto (2015), em estudo teórico acerca de conceitos e características da pesquisa documental, discutem alguns delineamentos do procedimento metodológico para compreensão da realidade social na pesquisa qualitativa. As autoras abordam os tipos de fontes para coleta e algumas possibilidades de análise dos dados, além de fornecerem indicações acerca das etapas para a realização da pesquisa documental.

Como aspectos positivos, Kripka, Scheller e Bonotto (2015) listam: a) documentos constituem uma fonte não reativa, ou seja, as informações podem ser obtidas após longos períodos de tempo sem serem comprometidos por mudanças comportamentais dos sujeitos; b) possibilita a estruturação de uma linha do tempo de posicionamentos acerca de um fenômeno ao longo do período em que ocorreu; c) as produções documentais possibilitam ao pesquisador acesso às maneiras singulares como os sujeitos se expressam acerca da temática de interesse, para além das informações objetivas sobre o fenômeno em questão.

Por outro lado, as autoras também reúnem algumas das principais desvantagens no uso do método: a) documentos são amostras não-representativas dos fenômenos estudados, o que não permite que o pesquisador faça inferências exclusivamente a partir do material coletado; b) as informações obtidas podem ser questionadas em termos de credibilidade e objetividade, considerando que são produzidos por sujeitos imersos no fenômeno

investigado; c) por limite de recursos, os dados por vezes são submetido à seletividade do pesquisador que se vê incapaz de coletar, tratar e analisar todo o montante de documentos disponível sobre a temática (Kripka, Scheller & Bonotto, 2015).

De acordo com as autoras, os dados podem ser obtidos tanto em materiais que ainda não foram objetos de análise quanto naqueles que, previamente investigados, ainda apresentem potencial para novas interpretações ou para obtenção de informações complementares. No entanto, cabe refletir sobre a caracterização deste material no contexto da pesquisa documental. Afinal, o que são documentos? Quais registros podem ou não ser considerados como fonte de coleta de dados?

As discussões sobre a definição de documento remontam às origens da própria metodologia, utilizada primordialmente nas investigações de interesse histórico. Nesse contexto, o documento era entendido como uma marca do passado, uma “prova” sob perspectiva daquilo que foi vivenciado em uma cultura, um testamento acerca de um acontecimento específico. Por este motivo, há uma grande preocupação nas pesquisas documentais tradicionais quanto à autenticidade do documento analisado: o rigor metodológico visava dar conta da veracidade das informações prestadas.

Contudo, o uso da pesquisa documental nos estudos psicossociológicos de outras áreas do conhecimento nas ciências humanas exigiu uma nova caracterização do conceito. Segundo Nunes, Simeão e Pereira (2020), “[para a psicologia] é válido afirmar que o mais realista é observar o documento como informação objetiva, e mesmo como *realia*, trata-se de um registro afetado por todas as possibilidades de seu contexto” (p. 342). Nesse sentido, os documentos seriam um suporte para a formação da memória, garantindo sentido e rumo aos acontecimentos vivenciados.

Enquanto tradicionalmente só poderiam ser considerados documentos escritos ou manuscritos, atualmente outros tipos de documentos são considerados válidos para a compreensão do mundo e da vida do ser humano em sociedade. Rodrigues e França (2010) listam, como algumas das possíveis fontes para obtenção de informação sobre o objeto de estudo, “livros, revistas, correspondências, diários, noticiários de rádio, televisão, filmes, internet, produções iconográficas, testemunhos orais” (p. 56), entre outros.

Além disso, é preciso considerar as possibilidades de pesquisa documental proporcionadas pelo rápido avanço das tecnologias de informação e comunicação (TICs). Parte-se do pressuposto de que as relações que emergem na cibercultura, baseadas na

interatividade e sociabilidade mediadas por dispositivos, são uma extensão das relações “tradicionais”. Considerando que interações em ambientes virtuais são estabelecidas entre sujeitos imersos em contextos sócio-históricos, é possível observar a transposição de certos fenômenos da cultura analógica para a cultura digital – embora, possivelmente, com características singulares próprias do contexto da cibercultura. Assim, a coleta de materiais em ambientes virtuais constitui uma fonte de dados de grande relevância para a compreensão de fenômenos sociais.

O tabu da morte e o silenciamento do sofrimento, característicos da temática na sociedade ocidental contemporânea, constituem um grande desafio na tentativa de acesso aos conteúdos das vivências do luto. Santana (2010) buscou contornar este cenário por meio da criação de endereço eletrônico específico para coleta de relatos espontâneos sobre a experiência da perda de um ente querido – proposta que influenciou amplamente o delineamento metodológico desta dissertação.

Kripka, Scheller e Bonotto (2015) apontam que a pesquisa documental se constitui como um método não-intrusivo para a compreensão de realidades sociais – o que, no recorte desse estudo, representa uma vantagem significativa para abordagem da temática do luto. A pesquisa documental realizada nesta pesquisa, cujo percurso será detalhado nas seções por vir, constituiu-se por meio de relatos de luto publicados espontaneamente por familiares de vítimas do novo coronavírus nas redes sociais. O objetivo foi compreender a vivência daqueles que perderam um ente querido no contexto pandêmico, por meio do acompanhamento de publicações desde o momento do diagnóstico até os meses de luto posteriores ao falecimento. Estas manifestações, limítrofes na relação público-privado, podem ser consideradas como elementos significativos do processo de elaboração do luto.

De forma complementar, considerando a especificidade do recorte da pesquisa, foi produzida uma revisão da literatura em luto pela COVID-19 (Apêndice I) com o objetivo de mapear as principais temáticas e perspectivas de estudo acionadas pela comunidade científica no cenário pandêmico. Além das contribuições teóricas, este estudo colaborou para contextualização dos relatos públicos e aprofundamento das análises produzidas sobre o material.

### **3.1 Contexto da pesquisa**

Antes de descrever os procedimentos metodológicos propriamente ditos, consideramos relevante especificar duas características do contexto de desenvolvimento da dissertação que influenciaram as escolhas da pesquisadora.

Em primeiro lugar, a pandemia do COVID-19 se constituiu não apenas como recorte do objeto de estudo mas também como cenário do percurso do mestrado – tal situação implica uma série de novos desafios metodológicos que precisaram ser contornados ao longo do processo.

Em segundo lugar, o luto é um tema sensível que requer cuidados adicionais como objeto de estudo até mesmo em situações cotidianas – e, ao tratar do luto por COVID-19, uma experiência recente e ainda desconhecida em termos de representação, esta atenção deve ser redobrada. Nesse sentido, houve preocupação da pesquisadora quanto aos impactos psicológicos do uso de metodologias que exigissem certo grau de elaboração subjetiva dos participantes.

Considerando estas pontuações, optou-se pela realização da pesquisa em ambiente virtual, visto que a cibercultura oferta em suas especificidades inúmeras potencialidades para compreensão de fenômenos sociais. O reconhecimento da cibercultura enquanto fonte, instrumento e objeto de pesquisa relevante na área de conhecimento da Psicologia Social (Oliveira et al., 2017) incentiva há anos a produção de estudos de caráter exploratório no núcleo de pesquisa Memórias, Representações e Práticas Sociais (MRPS) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – composto por estudantes de graduação e pós-graduação da psicologia.

Em nível de mestrado, as pesquisas utilizaram o ambiente virtual como fonte de pesquisa ao coletar materiais de caráter documental, como acervos on-line de revistas (Oliveira, 2013; Moreira, 2017), publicações de blogs (Breugelmans, 2016; Póvoa, 2017; Faleiro, 2018) e interações em redes sociais (Vinhai, 2019). Em nível de doutorado, os estudos investigaram a construção da memória social e a elaboração de representações sociais em plataformas digitais (Oliveira, 2019).

Em geral, as pesquisas abordam a cibercultura em interação com outros temas de estudo caros para a Psicologia Social, como os efeitos psicossociais da ditadura militar e as questões de gênero em contextos diversos. Este percurso possibilitou ao núcleo de pesquisa uma compreensão do ambiente virtual como espaço de produção de conhecimentos e de relações intergrupais, não mais como mera fonte de dados – o que, por si só, amplia as

possibilidade de compreensão dos diversos fenômenos a partir da visão integrada das esferas online e offline. Deste modo, o estudo das práticas sociais em interface com a cibercultura possibilita a proposta desta pesquisa, qual seja averiguar as características do processo de elaboração do luto no cenário pandêmico brasileiro.

Chizzotti (2000) afirma que a delimitação e a formulação do problema em pesquisas qualitativas deve ser realizada “em campo, onde a questão inicial é explicitada, revista e reorientada a partir do contexto e das informações das pessoas ou grupos envolvidos na pesquisa” (p. 89), considerando que a imersão do pesquisador fará emergir novas experiências e percepções acerca da situação investigada. Nesse sentido, o pré-campo da pesquisa abarcou uma série de possibilidades que eventualmente culminaram na escolha definitiva da fonte de dados para o estudo proposto.

A plataforma do Twitter, fundada em 2006, foi elencada como melhor escolha para atender aos objetivos da pesquisa devido ao seu dinamismo característico, baseado em comunicações curtas e rápidas em tempo real. A rede social simula um microblog, em que os usuários registrados dispõem de 280 caracteres para compartilhar constantemente o que estão pensando, fazendo ou sentindo. Estas publicações são chamadas de tweets e, por padrão, são de acesso livre a qualquer usuário da rede social – independente de ser ou não um seguidor do usuário. Existem três possibilidades de interação com tweets publicados: a) replies, ou respostas, que são comentários realizados diretamente na postagem do usuário original; b) retweets, que permitem a republicação do tweet original de terceiros no perfil pessoal do usuário, com ou sem comentários adicionais; e c) likes, ou curtidas, que indicam que o usuário gostou do conteúdo da publicação. A rede social permite acesso tanto por meio da interface web quanto pelo aplicativo mobile.

Em 2022, o Global Overview Report (GOR)<sup>13</sup> indicou que o Twitter contava com 436 milhões de usuários, sendo a décima quinta rede social mais utilizada no mundo – embora ocupe a sétima posição em ordem de preferência dos usuários. A comunidade brasileira é a quarta maior da plataforma, com mais de 19 milhões de usuários ativos. O pódio é ocupado por Estados Unidos da América (76,9 milhões de usuários), Japão (58,9 milhões de usuários) e Índia (23,6 milhões de usuários).

---

<sup>13</sup> Relatório anual sobre o universo online, incluindo padrões comportamentais de uso das redes sociais e índices de crescimento comparativo de plataformas (Kemp, 2022). As análises dos dados são produzidas pela organização Data Reportal.

Inicialmente, a proposta metodológica da pesquisa se pautava na coleta de relatos em diferentes redes sociais devido à compreensão de que cada plataforma possui particularidades em termos de comunicação – afinal, cada contexto social possui uma gama diversificada de possibilidades de transmissão da mensagem por parte do emissor e de interação por parte dos receptores. Contudo, tanto pela limitação de tempo quanto pelo volume de material identificado, constatou-se vantagens significativas na coleta de dados em uma única rede social.

Algumas das alternativas que, embora rejeitadas para a investigação atual, são consideradas frutíferas para estudo posterior: os materiais publicados em memoriais digitais para vítimas da COVID-19; os registros de enlutamento no Facebook, tanto em grupos fechados para notificação de mortes (como o Profiles de Gente Morta)<sup>14</sup>, quanto em páginas de usuários falecidos; e as discussões anônimas sobre luto no Reddit, onde os usuários se debruçam sobre aspectos existenciais e subjetivos da morte.

### **3.2 Coleta de dados**

Chizzotti (2000) esclarece que a coleta de dados não é um processo acumulativo e linear, sendo construído na interação do pesquisador com os sujeitos participantes. Ao longo desse processo, emergem novas perspectivas de leitura e análise dos dados que proporcionam uma compreensão profunda das circunstâncias investigadas. Considerando os objetivos da pesquisa, a coleta foi realizada por meio do acompanhamento longitudinal de perfis pessoais de acesso público que relataram um processo individual de elaboração do luto, conforme a disponibilidade do material na plataforma. Embora não se configure como observação participante em ambiente digital por excelência, este delineamento possibilita perspectivas relevantes ao traçar paralelos na aplicabilidade de procedimentos metodológicos tradicionais à cibercultura.

Segundo Kripka, Scheller e Bonotto (2015), “o investigador é o instrumento principal por captar as informações, interessando-se mais pelo processo do que pelo produto” (p. 243).

---

<sup>14</sup> Profiles de Gente Morta (PGM) é um grupo criado em 2014 no Facebook, mas sua existência remonta a plataformas anteriores, tais como Orkut. Oficialmente, o grupo tem a finalidade de ser obituário online, para notificação da data e causa da morte de usuários da rede social. Embora não seja toleradas quaisquer publicações que exponham o cadáver, em respeito à vítima e aos seus familiares, o perfil do morto é compartilhado para acesso dos membros do grupo. Link para acesso: <https://www.facebook.com/groups/pgmreal>

Sendo assim, tanto os desafios quanto os potenciais da pesquisa documental dependem fortemente da capacidade do pesquisador de selecionar, tratar e interpretar os dados coletados para alcançar uma compreensão significativa da interação entre o conteúdo da fonte e o objeto de estudo. Tais apontamentos teóricos sustentam a escolha da pesquisadora pela realização da coleta manual, apesar do volume do material e do tempo despendido, ao invés da utilização de recursos como a raspagem de dados – pode-se identificar, no contato inicial com os dados, a importância de um olhar subjetivo e empático para identificar elementos e temáticas associados ao processo de elaboração do luto nas narrativas coletadas.

Os usuários foram selecionados por meio de três estratégias diferentes: a) espontâneo (n=2), relatos que foram identificados por meio das notificações do aplicativo e deram origem ao pré-campo; b) busca ativa (n=25), utilizando o termo indutor “luto por covid” na busca de tweets mais recentes; c) referência cruzada (n=8), localizados por meio de retweets ou replies no relato original de outros participantes da pesquisa. A coleta inicial, portanto, era composta por 35 relatos.

O acompanhamento consistiu na leitura de todos os tweets publicados pelos usuários participantes, considerando a aba de “tweets e respostas” para amplo acesso aos relatos e às interações com outros usuários da plataforma, sendo selecionados os tweets que fizessem referência ao objeto de estudo. A atualização, realizada mensalmente no perfil de todos os usuários, era encerrada em duas situações: a) usuário enlutado tornou o perfil privado, bloqueando o acesso para usuários que não fossem seguidores; b) usuário enlutado não fez qualquer tweet relacionado ao processo de elaboração do luto por um período maior do que três meses. A coleta de dados teve início em março de 2021 e os relatos de todos os usuários foram atualizados até setembro de 2022, sendo que o acompanhamento de três usuários enlutados (ID02, ID16, ID31) ainda não tinha sido finalizado pelos critérios elencados acima.

Inicialmente, os dados coletados foram organizados em uma tabela contendo as colunas de código identificador do usuário enlutado, link do tweet, data do tweet e conteúdo da publicação<sup>15</sup>. Após leitura exaustiva do material, a tabela foi submetida a um processo minucioso de conferência e complementação dos dados para garantir a assertividade da análise posterior. O banco de dados final possui, adicionalmente, as seguintes informações:

---

<sup>15</sup> Em casos de publicações acompanhadas por arquivos de mídia, como fotos ou vídeos, foi realizada a descrição dos elementos visualizados. Considerando que a análise semiótica escapava do recorte metodológico delineado pela pesquisadora, as transcrições de conteúdo imagético para linguagem verbal não foram utilizadas no corpus definitivo – porém, subsidiaram o percurso interpretativo do processo de elaboração do luto dos sujeitos da pesquisa.

código identificador do tweet, número de likes, número de retweets e principais respostas. Este procedimento se deve ao interesse, que despontou após o contato com os dados, de compreender a repercussão das publicações sobre o luto por vítimas da COVID-19 e as características das interações geradas pelo tema na plataforma. As respostas foram selecionadas levando em consideração o objetivo da pesquisa, ou seja, mensagens cujo conteúdo reflete de alguma forma o processo de elaboração do luto.

Após a conferência dos dados obtidos na coleta inicial, três relatos foram excluídos de todas as análises: dois por não estabelecem diretamente o COVID-19 como causa da morte (ID18, ID35) e um por se tratar de conta falsa suspensa pela plataforma<sup>16</sup> (ID30). O banco de dados utilizado para as análises quantitativas, portanto, levou em consideração os 32 relatos restantes. Na etapa das análises qualitativas, porém, dois relatos foram desconsiderados devido ao fato de que os usuários enlutados eram amigos ou colegas de vítimas de COVID-19 (ID04, ID22) – e, conforme a interação da pesquisadora com material, pode-se concluir que estas relações escapavam ao recorte específico da pesquisa. Assim sendo, o corpus definitivo foi composto por 30 relatos do processo de elaboração do luto de familiares das vítimas do novo coronavírus.

**Tabela 1**

*Distribuição de relatos nas etapas analíticas por característica da coleta*

Característica	Coleta inicial		Banco de dados		Corpus definitivo	
	Freq	%	Freq	%	Freq	%
Espontâneo	2	5,71	2	6,25	2	6,66
Busca	25	71,42	24	75	22	73,33
Referência	8	22,85	6	18,75	6	20
<b>Total geral</b>	<b>35</b>	<b>100</b>	<b>32</b>	<b>100</b>	<b>30</b>	<b>100</b>

<sup>16</sup> O relato de um dos usuários (ID30) levantou suspeitas de ser uma conta falsa, devido ao conteúdo repetitivo de suas postagens. Na ocasião da conferência da coleta, houve a notificação de que a conta foi suspensa como uma medida protetiva mais rigorosa. Para mais informações sobre as diretrizes da plataforma, consultar: <https://help.twitter.com/pt/rules-and-policies/notices-on-twitter>

Posteriormente, em uma fase inicial da análise dos dados, os tweets originais foram categorizados segundo o teor do conteúdo, a temporalidade do luto e o tipo de entrada. A categoria “conteúdo” se refere à principal temática do tweet, sendo dividida em sete variáveis: adoecimento, morte, luto, vacinação, burocracias, política e funeral. A categoria “tempo” diz respeito ao período do luto pela morte, sendo dividida em seis variáveis: antes do falecimento, 1 a 3 meses, 4 a 6 meses, 7 a 9 meses, 10 a 12 meses e mais de um ano. A categoria “tipo”, por sua vez, se refere ao formato da entrada dentre as possibilidades da plataforma: tweet, retweet, reply e mídia.

Considerando que este estudo utiliza documentos de caráter público e de livre acesso à população de modo geral como fonte de coleta de dados, a submissão ao Comitê de Ética em Pesquisas Envolvendo Seres Humanos não foi necessária. A justificativa é sustentada nos termos da Resolução 510, de 07 de abril de 2016 e em conformidade com a Lei 12.527/2011, uma vez que a pesquisa utiliza informações de acesso e domínio público. No entanto, todas as orientações e normas éticas foram aplicadas no contexto da coleta, organização e análise dos dados para garantir o anonimato dos usuários enlutados.

Alguns usuários tornaram o perfil privado durante o período de acompanhamento dos perfis (ID05, ID06, ID16, ID20, ID27), o que gerou uma série de debates no grupo de pesquisa acerca dos aspectos éticos do uso de materiais que não seriam de livre acesso no momento da publicação embora estivessem disponíveis publicamente no momento da coleta. A decisão de manter os relatos mencionados no corpus definitivo, apesar de impossibilitar o acesso completo a dados como o número de likes e retweets, se baseia no fato de que a plataforma oferece ao usuário a opção de revogar o acesso público ao seu perfil a qualquer momento – ou seja, há uma certa característica intrínseca de impermanência nesse tipo específico de documento. Cabe ressaltar que as possibilidades e limitações das metodologias científicas aplicadas ao ciberespaço ainda surgem como uma questão em constante construção para os pesquisadores, sendo este percalço um elemento importante para compreender plenamente o caráter experimental e exploratório deste tipo de investigação.

### **3.3 Análise de dados**

Dados não podem ser tidos como acontecimentos isolados: é preciso descobrir os significados contidos além das impressões iniciais, visto que “[os dados] se manifestam em

uma complexidade de oposições, de revelações e de ocultamentos” (Chizzotti, 2000, p. 84). Assim sendo, os dados coletados foram analisados por meio do uso conjugado da análise lexical e da análise de conteúdo – uma estratégia analítica amplamente inspirada na exposição de Nascimento e Menandro (2006) acerca das possibilidades e dos limites de tal procedimento. Esta análise apresenta vasto potencial para acesso a conteúdos latentes contidos nas entrelinhas do conteúdo manifesto – o que se torna especialmente relevante no caso dos relatos espontâneos sobre o processo de elaboração de luto, visto que o objeto é marcado pelo não-dito da morte mas emerge em outros elementos significativos para a compreensão do fenômeno. Afinal, como apontado por Chizzotti (2000):

Na pesquisa qualitativa todos os fenômenos são igualmente importantes e preciosos: a constância das manifestações e sua ocasionalidade, a frequência e a interrupção, a fala e o silêncio. É necessário encontrar o significado manifesto e o que permaneceu oculto. (...) Procura-se compreender a experiência que [os sujeitos] têm, as representações que formam e os conceitos que elaboram. Esses conceitos manifestos, as experiências relatadas ocupam o centro de referência das análises e interpretações, na pesquisa qualitativa. (p. 84)

Para a etapa da análise lexical, utilizou-se o *software* livre IRaMuTeQ com auxílio do manual organizado por Salviati (2017): a formatação do corpus definitivo para processamento adequado abrangeu a eliminação de sinais proibidos, a substituição de letras maiúsculas, a padronização de gírias ou abreviações e a eliminação de expressões desnecessárias (como onomatopéias ou repetição de letras). Além disso, utilizou-se como variáveis temáticas: o identificador do relato, o código do tweet, o tipo de entrada, a categorização do conteúdo, a temporalidade do luto e o nível de relação do enlutado com a vítima de COVID-19.

O uso do computador em pesquisas, seja de caráter quantitativo ou qualitativo, é uma estratégia para "hipertrofiar" recursos humanos, o que aumenta a eficiência das investigações (em comparação à análise manual dos métodos tradicionais) e viabiliza a realização de estudos que seriam impossibilitados por limitações da capacidade humana. De acordo com Salviati (2017), o “uso de novas técnicas para manipular e apresentar grandes volumes de dados leva a novas possibilidades de análise – pois construir uma representação, naturalmente, é propor uma interpretação” (p. 4).

Por ser um *software* extremamente quantitativo, o IRaMuTeQ constitui um desafio para a área da psicologia na medida em que é necessário compreender a lógica por trás dos

resultados obtidos através da ferramenta. Existem benefícios e riscos na facilidade em gerar indicadores e representações gráficas: as interpretações e análises realizadas requerem extremo cuidado para evitar cometer equívocos graves. Em decorrência destas características, Sousa (2021) aponta que constituiria um lapso metodológico a caracterização do método como puramente qualitativo ou quantitativo. O pesquisador opta por descrever a análise lexical como um método qualitativo quanto à natureza dos dados (significados, discursos, sentido, crença, representação, percepção, vivência, ou seja, objetos qualitativos) e quantitativo quanto aos procedimentos de análise.

A abordagem aplica métodos quantitativos (estatística descritiva e inferencial) a dados qualitativos (textos em uma noção ampla) com o objetivo de realizar observações sobre as características de um conjunto de comunicações (aspectos semânticos-lexicais e pragmáticos). (Sousa, no prelo)

A análise lexical parte do pressuposto de que uma língua possui um repertório de formas linguísticas (ou léxico) volumoso e heterogêneo e, portanto, o vocabulário de um texto/enunciado/discurso é sempre um recorte limitado do léxico. Embora o vocabulário não seja o único aspecto relevante de uma manifestação linguística, ele é, precisamente, o fundamento material de uma análise estatística de texto. Os locutores do texto “escolhem” as palavras que utilizam para se comunicar a partir de diferentes condições de produção e os enunciados disponíveis em dado espaço e tempo (Sousa, 2021).

Conforme discutido no segundo capítulo, a morte é um tema marcado pelo interdito na medida em que constitui um tabu na sociedade ocidental. Não se fala sobre a morte ou, quando é citada, "usam-se vocábulos para substituir e amenizar o real sentido como passagem, descanso, ou então expressões populares ora atreladas à religião e espiritualidade como ‘bateu as botas’, ‘foi dessa para uma melhor’, ‘descansou, está com Deus’, ‘está em paz’, dentre outras" (Giamattey et al., 2022). Nesse sentido, o uso da análise lexical emergiu como uma estratégia metodológica possível para abordar o objeto de estudo elencado.

Embora existam algumas diferenças significativas entre os procedimentos metodológicos, principalmente quanto ao papel da quantificação e o potencial de replicabilidade das etapas analíticas, Bardin (1977/2009) nomeia a lexicometria como um dos tipos de análise de conteúdo. A autora aponta situações em que pode ser especialmente útil, quais sejam: quando a unidade de registro é a palavra e o indicador principal é a sua frequência; quando a análise é complexa e multivariada, o que exige um tratamento

simultâneo de categorias e unidades de registro; quando se deseja analisar a co-ocorrência de palavras em unidades de contexto; quando a investigação possui etapas sucessivas e a análise demanda tratamentos estatísticos complexos.

Posteriormente, os dados foram submetidos à análise de conteúdo temática – utilizando como referências teóricas a produção de Bardin (1977/2009) e o manual de pesquisa qualitativa de Bauer e Gaskell (2008). Segundo Chizzotti (2000), “o objetivo da análise de conteúdo é compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas” (p. 98). De forma geral, este procedimento analítico pode ser caracterizado a partir de sucessivas fragmentações de um texto com o objetivo de identificar possíveis regularidades em sua constituição.

Buscando identificar a pluralidade temática presente num conjunto de textos, ao mesmo tempo em que pondera a frequência desses temas dentro do mesmo conjunto, a Análise de Conteúdo pode proporcionar, numa comparação entre os elementos do corpus (palavras ou sentenças), a constituição de agrupamentos de elementos de significados mais próximos, possibilitando a formação de categorias mais gerais de conteúdo. (Nascimento e Menandro, 2006, p. 79)

Por considerar o material como um todo, o método ainda possibilita contornar algumas limitações impostas ao tratamento realizado pelos *softwares* de análise lexical, tais como a frequência mínima. Segundo Nascimento e Menandro (2006), a análise de conteúdo deve ser composta por cinco etapas:

- 1. Primeira leitura do corpus.** A familiaridade do pesquisador com o material de sua pesquisa é de suma importância para possibilitar análises contundentes sobre o objeto de estudo. Na leitura inicial, é indicado que sejam feitas anotações sobre as impressões gerais do pesquisador acerca dos elementos recorrentes nos dados.
- 2. Segunda leitura do corpus.** A partir das impressões iniciais acerca do material, será realizada a pré-categorização e contagem parcial dos elementos identificados na primeira leitura. O objetivo, neste momento, é confirmar ou contestar categorias gerais – além de identificar possíveis novas categorias.
- 3. Terceira leitura do corpus.** Nesta etapa, os autores indicam a construção de “grades de categorias” contendo o tema geral, as palavras e algumas frases relacionadas ao tema.

4. **Agrupamento de elementos** (palavras ou frases) da categoria geral em subcategorias, com o objetivo de caracterizar e diferenciar as categorias elencadas.
5. **Contagem da frequência final** dos elementos nas subcategorias e nas categorias gerais.

De acordo com Nascimento e Menandro (2006), “as categorias gerais resultantes do procedimento apontam linhas gerais de temas e avaliações recorrentes nos dados analisados, incluindo identificação de elementos e sua avaliação” (p. 80). No entanto, os elementos significativos do texto obtidos ao final desse processo ainda não expressam com clareza as características relacionais do conteúdo. A proposta dos autores é a construção, a partir dos resultados obtidos tanto na análise lexical quanto na análise de conteúdos, de “redes de conteúdo” – uma representação gráfica dos sentidos contidos no material textual em que a junção de categorias com sentidos confluentes constitui os nós. Por fim, os autores explicitam que os nós das redes de conteúdo devem ser sustentados pela lógica do referencial teórico do autor para proporcionar uma análise significativa dos dados da pesquisa.

#### 4 Resultados e discussão

A caracterização dos dados descrita nos parágrafos seguintes se refere à análise quantitativa realizada sobre o banco de dados composto por trinta e dois relatos válidos, ou seja, não se trata do corpus definitivo utilizado para as análises qualitativas propostas pelo delineamento metodológico da pesquisa. A escolha pela descrição minuciosa deste material se deve aos desafios teórico-metodológicos já apontados na pesquisa em cibercultura no campo da psicologia social – dessa maneira, pretende-se contribuir para o desenvolvimento de estratégias para investigações posteriores em redes sociais digitais. Cabe ressaltar ainda que estes dados não refletem uma amostra representativa dos enlutados por familiares das vítimas de COVID-19, dado os recortes específicos da coleta realizada.

As metodologias aplicadas ao ciberespaço devem ser adaptadas ao contexto específico de pesquisa, visto que cada plataforma possui uma “cultura” própria na qual os usuários são socializados e com a qual se relacionam. No Twitter, rede social escolhida para esta investigação, foi possível notar que os usuários enlutados apresentam a tendência de publicizar seu luto ao longo de toda *via-crúcis*: o choque inicial do diagnóstico, o doloroso processo de adoecimento e os desdobramentos posteriores à morte em si. Ou seja, há um diferencial no formato da plataforma que incentiva o compartilhamento constante dos sentimentos e pensamentos dos usuários – e, embora essa prática esteja presente em outras plataformas, apresenta características diversas principalmente em termos de continuidade e frequência. Além disso, alguns usuários da rede social utilizam o relato de luto de outros usuários para desabafarem sobre o próprio processo de enlutamento – apesar de, na maior parte dos casos, não terem publicado em seus perfis pessoais acerca dessa vivência. Este comportamento pode ser um indicativo das práticas sociais de solidariedade e de reconhecimento público da dor da perda, própria e do outro.

Pode-se mencionar, como ponto de partida, dois aspectos relacionados ao algoritmo da plataforma observados nos primeiros meses da coleta de dados. Em primeiro lugar, a plataforma apresentou uma forte tendência de notificar um grupo significativo de pessoas acerca de tweets sobre a morte de um ente querido – independente de existir ou não qualquer interação ou relação entre o usuário alvo da notificação e o perfil do usuário fonte do relato. Em segundo lugar, as estatísticas de engajamento indicam que as narrativas de luto atingiram números inflados de curtidas, comentários e retweets em comparação às médias do mesmo

usuário em publicações anteriores e posteriores sobre outros tópicos. Ou seja, uma quantia mínima de tweets recebeu um engajamento anormalmente elevado, o que reflete em uma discrepância significativa entre os valores da média e da mediana nas interações dos usuários enlutados (Tabela 2). Ambos fenômenos foram identificados e apontados por alguns usuários, que decidiram excluir seus relatos após se sentirem invadidos pelo súbito fluxo de interações de desconhecidos em seus desabafos pessoais.

**Tabela 2**

*Distribuição de engajamento em tweets de usuários enlutados, por ano*

Ano	Tweets	Likes			Retweets		
		Soma	Média	Mediana	Soma	Média	Mediana
2020	13	11.886	914	46	1.282	99	0
2021	428	275.083	643	31	15.604	36	0
2022	120	53.348	444	14	4.701	39	0
<b>Total</b>	561	340.318	607	28	21.587	38	0

*Nota.* O valor total de tweets não corresponde ao volume completo do corpus definitivo, visto que os relatos de usuários que privaram seus perfis não possuem dados relativos ao número de likes e retweets.

Considerando que os relatos analisados tratam de temas sensíveis da intimidade dos sujeitos, os nomes dos usuários participantes da pesquisa foram substituídos por nomes de flores para preservar sua identidade (Quadro 3). O esquema abaixo relaciona os codinomes aos números identificadores dos relatos, além de expor algumas informações qualitativas interessantes para a descrição da amostra – tais quais as datas do primeiro e do último tweet do relato, a duração em dias do processo de enlutamento descrito, o número total de tweets coletados e a média de ocorrência de tweets sobre o tema de interesse (obtido por meio da divisão do número total de tweets pela duração do relato em dias).

Ou seja: Amarílis, relato coletado espontaneamente, mencionou o adoecimento de seus familiares pela primeira vez no dia 7 de março de 2021 tendo elaborado algum conteúdo relacionado ao luto pela última vez em 26 de dezembro do mesmo ano. Considerando que Amarílis publicou 31 tweets relacionados ao enlutamento no período de 295 dias, houve, em

média, um tweet a cada 9,5 dias sobre o processo de elaboração do luto. Em outras palavras: quanto menor o número indicado na média de ocorrência, maior a constância de publicação tweets relacionados ao luto pelos usuários participantes.

Inicialmente, a variável de relação foi dividida em quatro categorias: família nuclear (n = 13); família extensa (n = 11); amigos ou colegas (n = 2); e múltiplas perdas (n = 6). Para esta pesquisa, a família nuclear seria composta por pai, mãe e irmãos, enquanto a família extensa seria representada por avós, tios, primos e outros parentes. Cabe ressaltar que esta categorização foi realizada de forma meramente objetiva, desconsiderando os aspectos subjetivos implicados nas relações interpessoais familiares. A categoria de “múltiplas perdas” se refere aos usuários enlutados por pessoas que se encaixavam em mais de uma das relações elencadas – Amarílis, por exemplo, relata o luto pela morte da avó, do pai e da mãe.

### Quadro 3

*Relatos por relação com a vítima, duração (em dias), quantidade e frequência de tweets*

ID	Codínome	Relação	Início	Fim	Dur.	Qtd.	Ocor.
01	Amarílis	Múltiplas	07/03/21	26/12/21	295	31	9,5
02	Azaleia	Nuclear	12/04/21	31/08/22	507	202	2,5
03	Antúrio	Nuclear	06/05/21	30/09/21	148	5	29,6
04	Begônia	Amigos	13/09/21	13/09/21	1	1	1
05	Calêndula	Múltiplas	13/09/21	09/11/21	58	4	14,5
06	Camélia	Extensa	06/09/21	06/09/21	1	1	1
07	Cravina	Extensa	02/09/21	30/12/21	120	8	15
08	Dália	Nuclear	08/09/21	09/09/21	2	2	1
09	Gardênia	Nuclear	14/07/21	09/12/21	149	24	6,2
10	Gerânio	Extensa	10/04/21	17/12/21	252	9	28
11	Girassol	Nuclear	14/09/21	14/09/21	1	1	1
12	Hibisco	Extensa	14/09/21	14/09/21	1	1	1
13	Hortênsia	Nuclear	04/03/21	29/12/21	301	15	20,1

14	Íris	Extensa	12/09/21	01/01/22	112	2	56
15	Jacinto	Múltiplas	06/04/20	10/10/21	553	5	110,6
16	Lavanda	Nuclear	16/05/21	07/09/22	480	96	5
17	Lírio	Múltiplas	08/02/21	16/11/21	282	8	35,3
19	Lótus	Múltiplas	17/03/21	08/08/21	145	6	24,2
20	Kalanchoê	Nuclear	23/08/21	13/02/22	175	43	4,1
21	Magnólia	Nuclear	21/02/22	21/02/22	1	3	0,3
22	Margarida	Amigos	18/02/22	18/02/22	1	1	1
23	Moréia	Nuclear	26/10/21	29/05/22	216	12	18
24	Narciso	Extensa	12/09/21	06/12/21	86	5	17,2
25	Orquídea	Extensa	18/03/21	15/09/21	182	5	36,4
26	Papoula	Extensa	12/09/21	12/09/21	1	1	1
27	Peônia	Extensa	20/04/21	15/09/21	149	7	21,3
28	Prímula	Extensa	25/12/21	26/03/22	92	5	18,4
29	Rosa	Múltiplas	13/06/21	04/06/22	357	26	13,7
31	Tagetes	Nuclear	22/05/21	14/08/22	450	88	5,1
32	Torênia	Nuclear	27/09/20	15/03/22	535	50	10,7
33	Verbena	Extensa	31/12/20	17/03/22	442	16	27,6
34	Violeta	Nuclear	14/07/21	17/03/22	247	30	8,2

*Nota.* Conforme descrito anteriormente (seção 3.1), alguns relatos foram suprimidos no decorrer das etapas metodológicas. Portanto, este quadro representa o banco de dados utilizado para análises quantitativas – ou seja, não contém a totalidade da coleta.

A análise destes dados possibilita algumas inferências iniciais sobre diferenças no processo de elaboração do luto segundo o nível de relação estabelecido com a vítima de COVID-19, como a frequência de tweets sobre o luto e a duração média da publicização do enlutamento<sup>17</sup>.

---

<sup>17</sup> É válido ressaltar que todas as análises que se referem à duração dos relatos dizem respeito à *publicização* do luto dos usuários participantes, não ao processo de enlutamento em si. Considerando que os documentos acessados foram aqueles que os sujeitos espontaneamente compartilharam em seus perfis, não é possível

O procedimento utilizado para obter as médias de ocorrência individuais de tweets, qual seja, a divisão da quantidade de tweets pela duração em dias do relato, foi aplicado sobre o conjunto de dados como um todo. Assim sendo, a soma total da duração em dias dos relatos ( $n = 6340$ ) foi dividida pela quantidade de tweets em cada categoria de relação, revelando uma média de ocorrência significativamente maior de tweets de usuários que tiveram perdas na família nuclear ( $f = 5,6$ ), enquanto os enlutados por múltiplas perdas ( $f = 21,2$ ) e pela família extensa ( $f = 23,9$ ) apresentaram um ritmo semelhante de postagens sobre o luto vivenciado (Tabela 3).

Esses dados corroboram com as pontuações de Braz e Franco (2017), discutidos na seção 2.2, que argumentam a proximidade do vínculo com o falecido e o histórico de vida do sujeito, em casos de perdas múltiplas e sucessivas, como possíveis fatores de risco para o desenvolvimento do luto complicado.

**Tabela 3**

*Média de ocorrências de tweets sobre o processo de elaboração do luto, por nível de relação*

<b>Nível de relação</b>	<b>Duração</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Ocorrência</b>
<i>Família nuclear</i>	3212	571	5,6
<i>Família extensa</i>	1438	60	23,9
<i>Múltiplas perdas</i>	1690	80	21,1
<b>Total</b>	6340	711	7,6

*Nota.* Nesta análise, os relatos de enlutados por amigos e colegas foram desconsiderados pois ambos apresentam duração e quantidade de tweets igual a 1, consequentemente a frequência obtida por este cálculo não seria representativa da realidade.

Além da ocorrência significativamente maior de tweets sobre o processo de elaboração do luto, os enlutados pela família nuclear tornam seu luto público por um período maior de tempo. A tabela 4, abaixo, apresenta a duração (em meses) do acompanhamento realizado pela pesquisadora a partir da notificação da morte, utilizando como variável de interesse o nível de relação do usuário com a vítima de COVID-19.

---

estender essas interpretações para o luto vivenciado subjetivamente – visto que este pode ter ocorrido de forma privada.

Em relação à temporalidade do luto, pode-se inferir que os primeiros seis meses após o falecimento é o período que suscita mais elaborações visto que o acompanhamento de mais da metade dos usuários enlutados ( $n = 19$ ) foi encerrado após esse período pela ausência de novas manifestações. Dentre os usuários enlutados pela família nuclear, 23,1% mantiveram os relatos por mais de um ano – embora menos prevalentes, também houve relatos duradouros de usuários que sofreram múltiplas perdas (16,7%) e de enlutados pela família extensa (9%).

Os relatos de enlutados por amigos ou colegas, como apontado anteriormente, não tiveram representatividade em termos de duração do relato: nenhum desses usuários elaboraram o luto vivenciado para além da notificação da morte propriamente dita. O conjunto dos dados apresentados indica que, embora seja possível um enlutamento de longo prazo por relacionamentos mais distantes, são esparsas as comunicações ao seu respeito. Estas percepções da análise quantitativa sustentam a escolha da pesquisadora de suprimir a categoria relacional de amigos ou colegas dos relatos que compõem o *corpus* definitivo, para garantir uma análise mais homogênea do processo de elaboração do luto.

**Tabela 4**

*Duração (em meses) dos relatos de enlutamento por nível de relação*

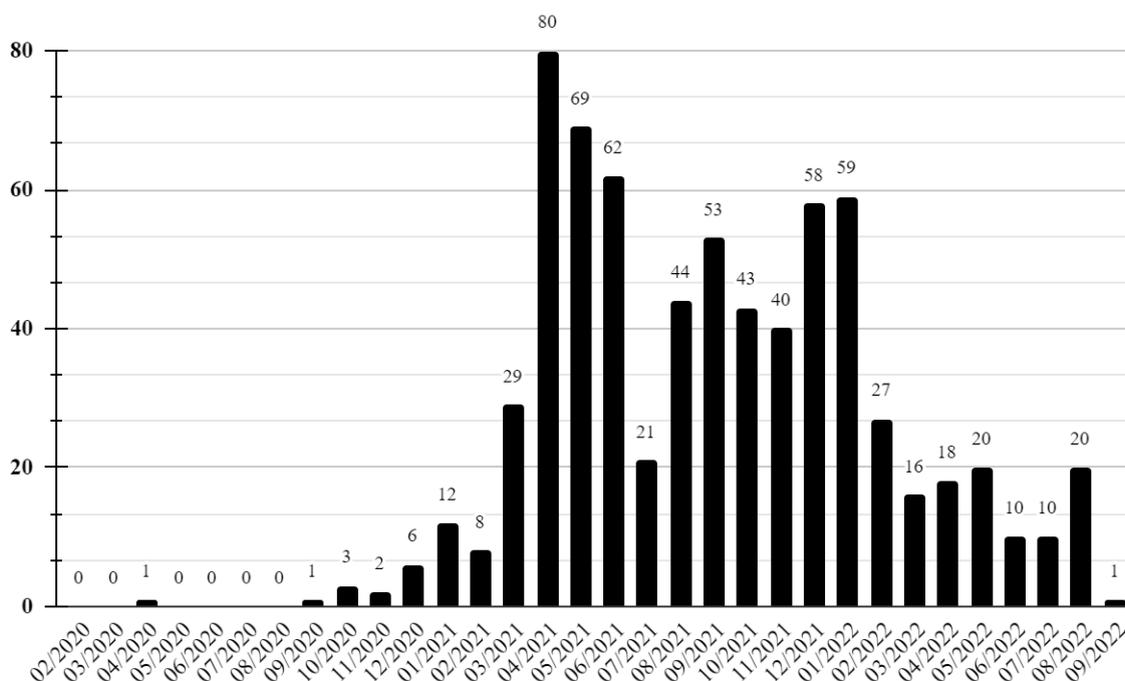
Nível de relação	Duração do relato (em meses)											
	1 a 3		4 a 6		7 a 9		10 a 12		+ 12		Total	
	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
<i>Família nuclear</i>	3	23,1	4	30,7	2	15,4	1	7,7	3	23,1	13	40,6
<i>Família extensa</i>	4	36,4	4	36,4	2	18,2	0	0	1	9	11	34,4
<i>Múltiplas perdas</i>	1	16,7	1	16,7	0	0	3	50	1	16,7	6	18,8
<i>Amigos e colegas</i>	2	100	0	0	0	0	0	0	0	0	2	6,2
<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>31,3</b>	<b>9</b>	<b>28,1</b>	<b>4</b>	<b>12,5</b>	<b>4</b>	<b>12,5</b>	<b>5</b>	<b>15,6</b>	<b>32</b>	<b>100</b>

A análise da frequência de tweets em relação ao período da coleta (Figura 6) aponta uma tendência de aumento das manifestações coincidentes aos picos da pandemia no território brasileiro. Vale lembrar que a segunda e a terceira onda tiveram seus momentos

mais críticos, respectivamente, por volta de março de 2021 e janeiro de 2022. Embora pareça uma conclusão lógica, considerando que um maior número de mortes resultaria conseqüentemente em um maior número de enlutados, cabe apontar que grande parte desse volume provinha de usuários já acompanhados anteriormente. Ou seja: pode-se concluir que o cenário social, político e sanitário do país ao longo da pandemia do novo coronavírus acionava elementos do processo de elaboração do luto – que deixou de ser individual para se tornar uma queixa coletiva pelo compartilhamento de vivências de perda semelhantes.

### Figura 6

*Frequência de tweets ao longo do tempo de coleta*



Em decorrência dessa percepção, a pesquisadora se dedicou na elaboração de uma linha do tempo dos principais eventos públicos que poderiam estar de alguma maneira relacionados à intensificação dos relatos dos usuários enlutados (Apêndice II) e, posteriormente, na identificação das correspondências observadas entre eventos públicos e manifestações privadas dos usuários enlutados (Apêndice III). Considerando que se tratam de análises baseadas meramente na observação de tendências, optou-se por não dar foco a estas hipóteses mas apresentá-las como complementação da pesquisa realizada.

É possível apontar discrepâncias marcantes no engajamento dos usuários em relatos de luto em decorrência da causa da morte. Aparentemente, o luto por vítimas de COVID-19 gerou maior comoção em comparação ao luto por pessoas que faleceram por causas diversas, embora as práticas sociais tradicionais diante da morte também tenham sido afetadas no último caso – por exemplo, pelas limitações estabelecidas aos rituais fúnebres.

Em estágios preliminares, os dados coletados também apontam para uma dimensão de gênero nos relatos publicados: pessoas que se identificam com o gênero feminino aparentemente relatam em maior profundidade os sentimentos associados ao processo de elaboração do luto, enquanto pessoas que se identificam com o gênero masculino se limitam a notificar o falecimento na maioria dos casos. Cabe dizer que ambas observações surgiram através da experiência ao longo dos meses da coleta de dados, ou seja, trata-se de hipóteses baseadas na familiarização da pesquisadora com o banco de dados. Nesse sentido, se faz necessário maior aprofundamento em pesquisas futuras.

#### **4.1 Estatísticas textuais, análise de especificidades e classificação hierárquica descendente**

O *software* IRaMuTeQ oferece uma série de alternativas para o processamento de análises textuais, cada qual com suas características específicas e possibilidades de reflexões distintas. Considerando o material do *corpus* definitivo da pesquisa, optou-se por utilizar: estatísticas textuais, análise de especificidades e classificação hierárquica descendente.

A análise das estatísticas textuais executa procedimentos estatísticos simples no *corpus* textual para identificar as unidades de texto, a quantidade de palavras, a frequência média de uso de cada palavra e as hápax (palavras mencionadas apenas uma vez), além de classificar as formas ativas e suplementares. Em suma, trata-se de um processamento geral do material para familiarização com as características quantitativas da análise lexical, não provendo resultados significativos sobre o conteúdo do texto propriamente dito.

#### **Quadro 4**

*Estatísticas textuais do corpus definitivo*

<b>Número de textos</b>	711
<b>Número de ocorrências</b>	43.629
<b>Número de formas</b>	3.259
<b>Número de hápax</b>	1.519 (3,48% das ocorrências, 46,61% das formas)
<b>Média de ocorrências por texto</b>	61,36

De acordo com o Quadro 4, o corpus definitivo é composto por 711 textos, representando os tweets originais devido à formatação adotada. O material totaliza 43.629 palavras e a média de palavras por texto é de 61,36 – número que pode ser relacionado à limitação de caracteres da plataforma. Dentre as hápax identificadas, observou-se certa predominância de números, de palavras em inglês em relatos que acionaram músicas para lembrar memórias e de hashtags de entretenimento (#tokyo2020, #devoltaaos15) ou de teor político (#vivasus, #lulaeoptbrasilquedacerto, #eusigodemascara, #bolsonaroladrão).

A análise de especificidade, por sua vez, associa textos com variáveis – ou seja, possibilita uma análise baseada na categorização temática realizada pelo pesquisador. Este procedimento permite comparações dos dados do material para além dos mundos lexicais propriamente ditos, abrindo um amplo leque de possibilidades interpretativas. Embora a análise tenha sido realizada sobre as três variáveis temáticas do corpus definitivo, optou-se por utilizar apenas os resultados concernentes aos conteúdos<sup>18</sup>. A Figura 7 representa as formas mais significativamente relacionadas com as modalidades da variável temática, de acordo com a análise da distribuição do qui-quadrado ( $\chi^2$ ).

### **Figura 7**

*Análise de especificidades da variável temática “conteúdo”*

---

<sup>18</sup> A variável de tempo refletiu o processo objetivo de enlutamento (adoecimento, morte, luto) com marcadores de datas comemorativas, como o Natal. A variável de relação, por sua vez, refletiu apenas o nível de proximidade da relação do enlutado com a vítima de COVID-19 (pai, mãe, tio, avô, entre outros parentescos).



adoecimento se distancia dos outros conteúdos – o que faz sentido, visto que se trata de um momento anterior ao da elaboração do luto propriamente dito.

A modalidade “luto” também se apresenta ligeiramente deslocada do polo central dos discursos, possivelmente pela grande diversidade de assuntos abordados e volume do material (particularidades que serão melhor descritas na análise de conteúdo propriamente dita). No entanto, percebe-se uma grande ênfase do eu – sentimentos como a saudade, a dor e o amor são elaborados por meio do compartilhamento de fotos e de memórias do falecido: “eu sinto tanto a sua falta, pai, eu queria poder sentir seu **abraço** de novo, escutar sua voz, me perdoa, pai, por favor, eu queria tanto você aqui comigo, não estou mais conseguindo suportar isso, eu não sei se eu aguento, estou com muita **saudade**” (Gardênia, 14/07/2021), “hoje eu não vou conseguir mas sei que está comigo, feliz aniversário, pai, eu te amo demais” (Lavanda, 18/10/2021).

A modalidade “política” ocupa outra extremidade do gráfico e apresenta grande concordância com a modalidade “morte” quando os textos se referem às vítimas do COVID-19: frequentemente, a notificação de falecimento se funde às demandas coletivas de ações governamentais para contenção da pandemia do novo coronavírus. Esta tendência pode ser observada em um dos tweets de Hortêncina, em relação à morte do ator Paulo Gustavo por COVID-19: “e o **governo** nos negou tudo, nos negou a prevenção, a vacina, tudo, a minha revolta é ver um homem partir sem ver seus filhos crescerem, são essas crianças órfãos tão cedo” (05/05/2021). Assim como no relato de Tagetes: “não bastou minha mãe morrer de **covid**, a porra da família burra do meu pai continua defendendo o lixo do **bolsonaro**, que **ódio**, simplesmente peguei minhas coisas e fui embora” (14/08/2022).

A modalidade “morte”, por sua vez, é composta principalmente pela notificação de perdas pessoais ou coletivas. No âmbito das perdas individuais, os enlutados refletem sobre o momento da perda e os sentimentos suscitados pelo falecimento: “minha avó era a melhor pessoa que eu já conheci na vida e ela teve a **morte** menos digna possível, ela **morreu** uma semana antes de ser vacinada, **sozinha**” (Amarilis, 18/03/2021). No âmbito da morte de figuras públicas, consideradas como perdas coletivas, há um acionamento da elaboração do luto individual: “desde que o meu pai se foi está ainda mais doloroso lidar com as redes sociais em dias de **luto** coletivo, não vejo a **morte** como um fim, nunca tive muitos problemas em lidar com isso” (Azaleia, 05/08/2022).

A modalidade “vacinação” diz respeito, ao mesmo tempo, sobre o sentimento de que as mortes de familiares eram evitáveis (“o ruim é saber que uma semana depois tinha sido liberado a **vacina** pra idade dela, lembro como se fosse hoje, você receber a notícia e não ter tempo pra ficar em choque, pra **chorar**” Cravina, 02/09/2021) e sobre a revolta pelos supostos atrasos na aquisição do imunizante pelo Governo Federal (“mas não foi, estamos perdendo muito rápido a nossa memória sobre a pandemia, sobre a resposta do governo e o atraso nas **vacinas**, esquecemos rápido que em janeiro já tinha **vacina** sendo aplicada em território nacional mas sendo inviabilizada pelo governo federal” Azaleia, 31/08/2022).

A modalidade “burocracias” se compõe de constatações acerca da dificuldade de lidar com procedimentos institucionais no momento da perda, sendo textos em que os enlutados compartilham dicas para tornar o processo do luto menos doloroso: “se eu pudesse dar uma dica a todo mundo, essa dica seria lembrem-se que somos mortais, se possível faça um **seguro** de vida, mesmo o mais simples que tiver, mas que cubra as despesas do funeral e **deixe** algum **valor** pra quem depende financeiramente de você” (Azaleia, 31/03/2022).

Por fim, a modalidade “rituais” contém elaborações de enlutados acerca das repercussões subjetivas dos velórios que utilizaram caixões fechados, limitaram a quantidade de familiares que poderiam estar presentes e restringiram o tempo de despedida: “pouco mais de um ano depois do meu pai ter morrido a minha mãe finalmente pôde visitar o **túmulo** dele e chorar o que não pôde chorar naquele 21 de abril de 2021” (Azaleia, 02/05/2022), “a cena nunca sairá da minha cabeça, lá se vão quase dois anos sem velório e caixão lacrado, que dor, tive que mentir pra minha mãe que tinham colocado roupa no meu pai” (Violeta, 16/03/2022)

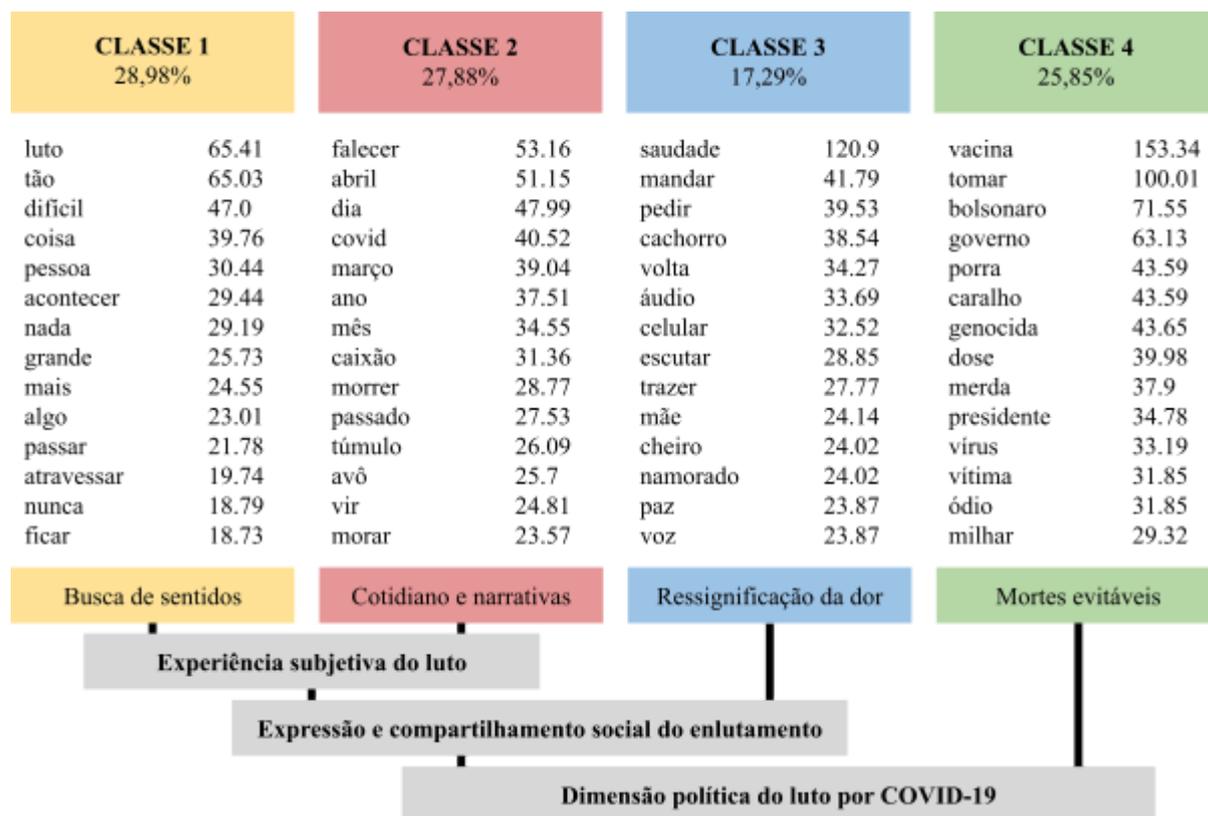
Nesse sentido, pode-se concluir que as modalidades “adoecimento”, “política” e “luto” (extremidades do gráfico) são as tensões que marcam o discurso dos enlutados. Os relatos, portanto, se configuram como uma tentativa de elaboração do nó constituído pelo entrelaçamento dessas temáticas. Ou seja, a “morte”, a “vacinação”, as “burocracias” e os “rituais” não podem ser compreendidos sem considerar as camadas de complexidade dos tensionamentos principais vivenciados pelo cenário pandêmico.

A classificação hierárquica descendente (CHD) visa obter classes de segmentos de textos, que podem ser compreendidas como “mundos lexicais” – ou seja, o vocabulário de cada classe apresenta simultaneamente homogeneidade interna e heterogeneidade em relação às outras classes elencadas pelo *software*. De acordo com Salviati (2017), esta é considerada uma das análises mais importantes do IRaMuTeQ devido à lógica de correlação aplicada para

apresentar um esquema hierárquico de classes a partir dos segmentos de textos, das formas reduzidas e do dicionário de vocabulários embutido.

**Figura 8**

*Dendrograma de classes sobre o processo de elaboração do luto por COVID-19<sup>20</sup>*



*Nota.* Os valores apresentados se referem ao qui-quadrado ( $\chi^2$ ), uma medida para sucessivas comparações entre a distribuição média de uma forma e a distribuição na classe para identificar vocabulários com características lexicais semelhantes no discurso. Importante notar que a significância se inicia a partir de  $\chi^2 = 2$ .

Conforme representação acima (Figura 8), a CHD do corpus definitivo apresenta três eixos que compõem os elementos da representação social do fenômeno investigado. Estes eixos, por sua vez, se dividem em quatro classes que podem ser compreendidas como as maneiras específicas de comunicação sobre tais elementos. As classes dentro de cada eixo apresentam maior semelhança entre si, visto que já fizeram parte de uma única classe antes de

<sup>20</sup> CHD obtida por meio da classificação simples sobre o segmento de texto, utilizando dez classes terminais na primeira fase devido ao maior aproveitamento dos dados (85,08%). Vale mencionar que outras configurações foram processadas, porém não apresentaram melhorias na análise do *software* (12 classes, 73,25%; 14 classes, 69,43%).

sua divisão pela análise do *software* – é provável, portanto, que exista algum tipo de relação semântica entre elas, não apenas lexical. Identificar as relações e contraposições entre eixos e classes é um exercício essencial para a interpretação da CHD. Cada um desses eixos, bem como as classes neles contidas, são nomeadas por meio de inferências baseadas tanto em seu conteúdo (distribuição das formas) quanto no aporte teórico do pesquisador.

O maior percentual do léxico é representado pela Classe 1 (28,98%) e pela Classe 2 (27,88%), que compõem o eixo “Experiência subjetiva do luto”. Esta estrutura se refere ao processo de elaboração do luto em si, por meio de tentativas de conceitualização do enlutamento (Classe 1) e da assimilação de fatos concretos relacionados à perda (Classe 2). As características desse eixo refletem, de certa maneira, a oscilação para o enfrentamento orientado para a restauração no modelo do processo dual do luto: os ajustamentos decorrentes da perda, que constituem fontes de estresse para enlutados, e a continuidade da vida apesar da ausência do ser amado.

Na Classe 1, “*Busca de sentidos*”, é enfatizado o esforço dos sujeitos enlutados para compreender o luto e as reações que ele suscita: “sempre dói mais, o **luto** parece um portal, você **atravessa** e **nunca** mais é o mesmo e ainda assim tenho um medo irracional de **passar** por ele de novo” (Rosa, 11/11/2021), “o tempo **passa** diferente para quem está de **luto** quando todo mundo espera que você já tenha superado geralmente é quando seu cérebro começou a processar” (Azaleia, 14/10/2021). Pode-se afirmar que os elementos dessa classe refletem o enlutamento, ou seja, a expressão e compartilhamento social do luto.

Na Classe 2, “*Cotidiano e narrativas*”, a experiência subjetiva do luto é representada com aspectos mais objetivos da perda – como o adoecimento, a notificação da morte, os rituais funerários e as burocracias após a morte: “a psicóloga já está nos preparando para o adeus ao **avô**, ele está internado há dezessete dias e com fibrose pulmonar, se vencer a **covid** vai precisar de oxigênio pelo resto da vida” (Amarílis, 29/03/2021).

O eixo “Expressão e compartilhamento social do enlutamento”, composto pela contraposição da Classe 3 (17,29%) ao primeiro eixo, reflete a dinâmica da instauração da demanda do compartilhamento social do enlutamento a partir da vivência subjetiva da perda. Ou seja, esta estrutura representa os aspectos coletivos do luto como a necessidade de uma rede de apoio adequada e a evocação de lembranças para suprir a ausência de um ente querido. As características deste eixo remetem ao enfrentamento orientado para a perda no

modelo do processo dual do luto, principalmente no que tange o anseio pela proximidade à pessoa perdida por meio de elementos associados a ela.

Na Classe 3, “*Ressignificação da dor*”, portanto, é possível identificar indícios de atravessamentos subjetivos e do acionamento de suportes de memória dos familiares vítimas da COVID-19 – como fotos, vídeos e histórias: “eu fico assistindo aos vídeos que tenho dele no celular pra só escutar a **voz**, sabe, um dos meus maiores medos é esquecer como era a voz dele” (Azaleia, 10/05/2021), “hoje ele deveria estar aqui cozinhando ou comprando cerveja, eu estou com **saudade da voz**, do **cheiro**, do abraço, de acordar com o café posto na mesa e ver ele chegando com o pão quente, queijo e presunto, está doendo tanto” (Lavanda, 29/05/2021).

O eixo “Dimensão política do luto por COVID-19”, composto pela contraposição da Classe 4 (25,85,29%) aos outros eixos, indica a característica específica do “luto pandêmico” – marcado por elementos de responsabilidade social, construção de cidadania, participação popular e saúde pública. Esta estrutura suscita reflexões sobre a responsabilidade governamental no gerenciamento da crise sanitária, ou seja, promove uma mobilização sobre o luto para além das esferas individuais e sociais, tornando-o uma questão política.

Na Classe 4, “*Mortes evitáveis*”, os usuários enlutados por familiares vítimas de COVID-19 responsabilizam as ações governamentais pelas perdas individuais e coletivas vivenciadas ao longo da pandemia: “eu perdi minha mãe para covid, para merda da covid, a vacina demorou para chegar, eu ainda fico inconformada com como a vida dela foi tirada, essa é a porra da vida” (Tagetes, 25/07/2022), “vamos tentar reconstruir sim, mas infelizmente perdemos mais de seiscentas mil vidas que não poderão ser reconstruídas, isso é lamentável em um nível que nem sei, Bolsonaro tem que pagar pela vida da minha tia” (Rosa, 04/12/2021), “hoje é mais um dia que eu vou evitar ver os depoimentos da cpi da covid porque sei exatamente o que cada pessoa passou com esse desgoverno irresponsável e genocida, senti na pele todo o absurdo descaso e indiferença, mas eles caisão, nem que leve anos, mas eles vão pagar” (Violeta, 18/10/2021)

#### **4.2 Categorias temáticas e redes de conteúdo**

A segunda etapa consistiu na análise de conteúdo temática dos relatos de enlutados por familiares vítimas de COVID-19, conforme procedimentos metodológicos descritos no

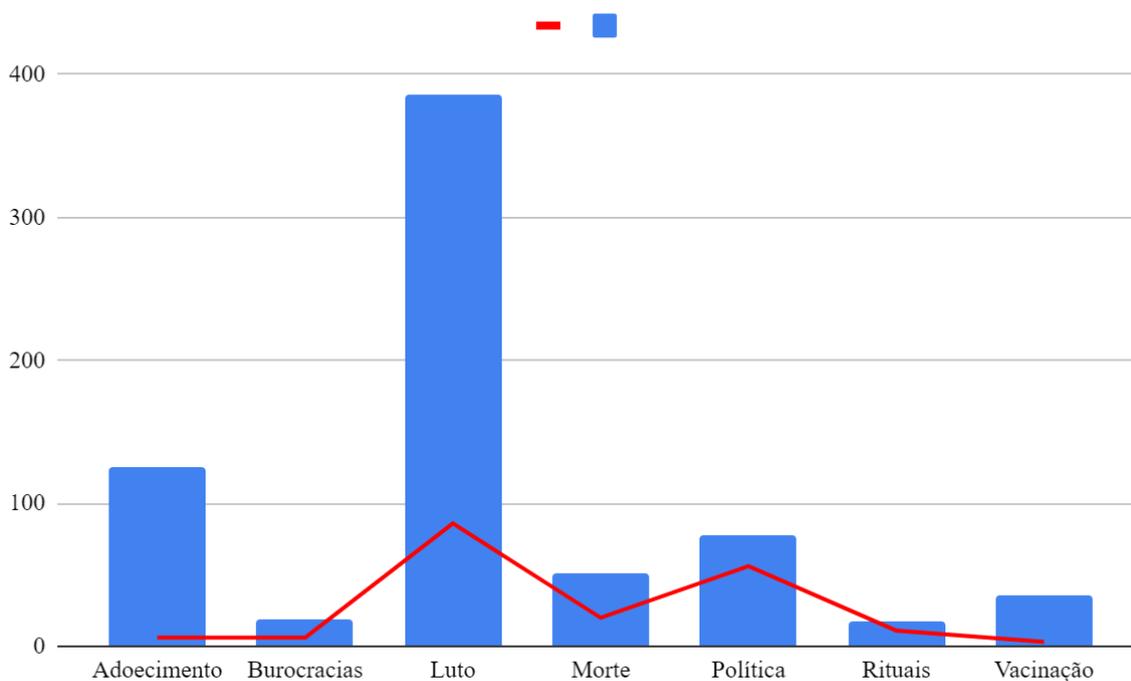
capítulo 3. Considerando que as análises ocorreram simultaneamente, as categorias identificadas na análise de conteúdo também foram utilizadas para a codificação do corpus definitivo da análise lexical (seção 4.1). Os resultados provenientes de cada uma das análises possuem suas particularidades e proporcionam maior aprofundamento nas discussões, motivo pelo qual foram utilizadas em conjunto nesta pesquisa.

Após leitura exaustiva do *corpus* definitivo, os textos foram categorizados de acordo com o tema predominante na mensagem, sendo que as categorias elencadas foram as seguintes: adoecimento, morte, luto, vacinação, burocracia, política e rituais. Para maior clareza na descrição do resultado, faz-se relevante o esclarecimento de algumas escolhas da pesquisadora em relação à categorização do material: a) as respostas não foram categorizadas, em consonância com a metodologia de acompanhamento longitudinal dos relatos de enlutamento; b) cada *tweet* foi associado a apenas uma categoria temática, levando em consideração o conteúdo principal da mensagem; c) apesar disso, admite-se a possibilidade da elaboração de diversos elementos em cada *tweet*, ou seja, a soma dos conteúdos elencados na descrição das categorias pode não corresponder ao número de textos pertencentes à categoria em si.

Além disso, para maior compreensão das reações suscitadas pelos relatos de enlutamento, a análise de conteúdo levou em consideração as respostas de outros usuários aos tweets originais: nesse sentido, o material analisado na próxima seção é composto de 899 entradas (sendo 711 tweets e 188 respostas). A frequência e a distribuição de cada uma dessas entradas podem ser observadas na Figura 9 – nota-se que a representação percentual das categorias temáticas não se mantém estável entre as entradas do tipo *tweet* e as entradas do tipo *reply*, ou seja, embora alguns temas sejam amplamente relatados não incentivam interação de outros usuários. Por exemplo: a categoria adoecimento totalizou 125 tweets (13,92%) porém invocou apenas 5 respostas (0,56%), enquanto a categoria política representou 78 tweets (8,69%), uma quantia significativamente menor, mas gerou impressionantes 56 respostas (6,24%).

### **Figura 9**

*Frequência de entradas (tweets e replies) por categoria temática*



*Nota.* As colunas em azul representam a frequência de *tweets*, enquanto as linhas vermelhas representam a frequência de *replies*.

A exposição dos resultados da análise de conteúdo foi desenvolvida a partir da seguinte estrutura: descrição geral da categoria, enumeração dos elementos que sustentam a definição do tema, exemplos de *tweets* representativos da categoria, análise das respostas e trecho representativo das interações suscitadas grafados em itálico para diferenciação. Importante destacar que os exemplos de respostas, diferente dos *tweets*, não possuem codinome identificador ou data de publicação visto que tais dados não compunham o escopo de dados de interesse para a coleta realizada (consultar seção 3.2).

A categoria “luto” apresenta a maior presença percentual (54,3%), somando 386 *tweets* de usuários enlutados. Os conteúdos desta categoria são diversificados, mas é possível perceber a predominância de entradas sobre as reações associadas ao luto (211), as sensações ocasionadas por datas comemorativas (33), a racionalização do processo de elaboração do luto (28), as dificuldades de adaptação da rotina após a perda (32) e as manifestações sobre a pandemia de COVID-19 (20) – que vão desde denúncias sobre pessoas burlando as indicações sanitárias até críticas ao governo do ex-presidente Jair Bolsonaro.

Poucos minutos para o dia vinte e quatro e o coração se apertando com a perspectiva desse primeiro natal em um mundo em que o meu pai não existe, em que ele foi arrancado de mim de forma tão triste. (...) Nada parece me preencher. Dói muito, muito mesmo. Eu sinto uma falta imensa. Não consigo fazer uma retrospectiva de “coisas boas de 2021” porque ele foi atravessado pelo luto solitário da COVID, o pior e mais cruel dos lutos que já experimentei. (Azaleia, 23/12/2021)

Uma das piores partes do luto é sentir que nada mudou pro resto do mundo e que nada parou por causa da tua perda, mesmo que pra ti tudo tenha mudado, que teu mundo tenha desabado. Tudo ao teu redor continua mesmo que tu sintas que não exista condição nenhuma de continuar. (...) É estranho e difícil aceitar que apesar de tudo a vida continua. (Lírio, 16/11/2021)

É meio louco porque o Dia de Finados costuma ser aquele em que as pessoas vão aos cemitérios prestar suas homenagens. E é mais um dia que lembra como essa pandemia não nos permitiu despedir das pessoas que amamos. E já são cento e sessenta mil pessoas. Minha maneira de homenagear meu pai foi, finalmente, conseguir escrever (ainda que pouco) sobre ele. Foi para o Inumeráveis. (...) Sempre tive orgulho do meu pai por tudo que ele conseguiu mudar na vida dele. Mas só hoje eu consigo entender que as coisas que ele não mudou talvez tenham sido as mais difíceis de superar. E agora eu tenho um tempo por aqui, sem ele, pra tentar ser um pouco assim também. (Torênia, 02/11/2020)

Ainda é muito difícil pra mim ver as pessoas voltando ao "normal". Não entra na minha cabeça. Algumas cenas estão me dando muitos gatilhos. Realmente não sei o que fazer. Ainda está morrendo UM AVIÃO de pessoas por dia. E isso para mim não é o fim da pandemia. Aí eu que sou a exagerada. CLARO que as vacinas estão ajudando E MUITO esses números baixarem cada vez mais. Mas... Ainda não consigo me ver em um bar cheio, sem distanciamento nenhum, sem máscara, comendo e bebendo com a galera. NÃO CONSIGO. Alguém me ajude a entender isso, por favor. Agora estou eu aqui, me culpando por ser tão exagerada. Que caralhos que essa porra de pandemia fez com a minha cabeça, puta que pariu. Até falando palavrão eu estou, merda. (Violeta, 21/11/2021)

Sobre a tendência dos enlutados de racionalizar o processo de elaboração do luto, percebe-se que isso se dá por meio de duas estratégias: compreender os sentimentos suscitados pela perda (22) e construir um conceito do enlutamento (11). Em relação às reações esperadas ao luto, foram identificados elementos relacionados a todas as esferas descritas por Worden (2013): sentimentos (141), cognições (28), sensações (17) e comportamentos (51).

**Sentimentos:** Eu estou um caos. Triste, desacreditada da vida, bagunçada, sem energia, tendo que dar conta das minhas responsabilidades desse jeito quando eu não

queria nem sair da cama. Pouco mais de um ano atrás eu estava tão feliz e eu não vislumbro mais nem um fio dessa paz. Só porrada da vida. Eu só queria minha mãe. Meu amor. Minha melhor amiga. Minha gata. Meu equilíbrio. Ouvir músicas felizes e suspirar aliviada. Hoje minha trilha sonora virou podcast porque música se tornou sofrimento também. Eu estou tão pesada que não sei seguir em frente. Mas é isso, as pessoas uma hora se vão, seja pela morte, por decisão própria ou por afastamentos naturais. Eu sei que não estou sozinha e que conto com pessoas massa. Mas a dor da perda me dá uma solidão tão grande que me cega. (Moréia, 08/05/2022)

**Cognições:** A dor gerada pela COVID nas famílias enlutadas é gigante. Meu avô, que faleceu em agosto, morava de frente para a praça da cidade, que tem um banco conhecido como o banco dele. Era lá que ele se sentava sempre, sob uma das tantas árvores que ele mesmo plantou. Hoje foi a primeira vez, desde a partida dele, que minha avó, com quem ele esteve casado por cinquenta e nove anos, conseguiu atravessar a rua e se sentar no tal banco. Sempre foi hábito da família se reunir no entorno desse banco para bater papo. Meu avô amava conversar. Do instante em que ela se sentou até o momento em que ela levantou, a sensação dela era uma só: "eu estou aqui, mas estou preocupada, achando que ele está sozinho lá dentro de casa e que alguém precisa ir lá avisar ele que estamos aqui". Doeu demais ouvir isso. (Narciso, 10/10/2021)

**Sensações:** Ano passado, no início da pandemia, eu acordava muito cedo, seis horas eu já tinha tomado meu café e estava sentada para estudar e era bem a hora que a minha mãe aparecia na cozinha. E é engraçado como eu lembro do cheiro que tinha a casa, do silêncio e do ar meio gelado das manhãs no momento exato que ela aparecia e de como a gente costumava conversar nessa hora, ela ouvia as minhas músicas e perguntava quem era que cantava aquela porque não parava de tocar na rádio também. Todas as vezes que eu penso muito sobre isso começa a parecer que tudo isso foi em outra vida, uma realidade muito muito distante quase como se tivesse acontecido com outra pessoa. Da mesma forma que um ano é tanto tempo também não é quase nada para uma vida inteira mudar assim. (Lírio, 29/05/2021)

**Comportamentos:** Sim, eu só uso a blusa que era do meu pai, quem reclamar leva um soco. Essa em específico não, mas ainda tem roupas dele que estão com o cheiro dele. Sempre que fico triste ou com saudade, eu gosto de ficar cheirando. (Gardênia, 27/11/2021)

As respostas à categoria “luto” (n = 86) consistiram em usuários oferecendo suas condolências e desejando forças aos enlutados, além de mensagens se identificando com a situação descrita e relatando seu próprio enlutamento: *“Eu sonho com meu pai todas as noites (ele morreu em março). Em alguns ele está vivo, outros está morrendo. Acabei de acordar de um sonho com ele. Tem dias e sonhos que me destroem. Então um abraço em você, sei como isso afeta a gente”*.

Embora em menor grau, também houve a presença de usuários engajando na tentativa de conceitualização do processo de elaboração do luto em uma construção coletiva de sentidos, como nos exemplos a seguir: *“A gente não entende o luto, não respeita o luto, não compreende que luto não tem data limite nem protocolo para sentir. A gente não sabe lidar com a morte, e não sabe lidar com a dor de quem sofre com a morte de alguém que ama. Que tu possa viver teu luto, do teu jeito”* e *“A sensação que tenho é que ultimamente o que tem nos unido é a dor da perda. Todo mundo está perdendo alguém por isso a gente se identifica. E a cada perda do outro parece que um dedo entra na nossa ferida e dói tudo de novo. A dor nos une, nos iguala”*.

A categoria “adoecimento” concentra 17,6% do material, somando 125 *tweets* de enlutados. Os conteúdos são representativos do que identificamos como a *via crucis* do adoecimento, passando desde o momento do diagnóstico por todas as notícias recebidas pela equipe médica durante os casos de internação. Os principais elementos contidos na categoria são o sofrimento decorrente do adoecimento de familiares (61), o acompanhamento do estado de saúde dos familiares contaminados (31), os conflitos familiares decorrentes da situação (9), as defesas contra culpabilização da vítima (7), as discussões acerca do preparo ou despreparo da rede de saúde pública (7), o luto antecipatório (7), a notificação de intubação (7), a notificação do diagnóstico (6), a notificação da internação (5), a descrição dos sentimentos suscitados pela contaminação de figuras públicas (4), as sequelas da doença no sobreviventes (4) e a descrição dos sintomas iniciais (3).

Cabe dizer que foram consideradas como “luto antecipatório” as manifestações que se referiam à falta de esperança no prognóstico do familiar. Interessante notar, acerca do elemento “defesa contra culpabilização da vítima”, a tendência de usuários da plataforma em culpabilizarem os comportamentos das vítimas pelo seu adoecimento: diversos usuários enlutados sentiram a necessidade de repudiar os questionamentos acerca do isolamento social, posicionamento político e negacionismo científico dos contaminados.

A psicóloga já está nos preparando para o adeus ao avô. Ele está internado há dezessete dias e com fibrose pulmonar. Se vencer a covid, vai precisar de oxigênio pelo resto da vida. Vamos gravar áudios para que a psicóloga toque para ele. Que seja uma partida de paz. (Amarilis, 29/03/2021)

Não faz diferença onde e como eu e meus pais fomos infectados, porque não é um problema individual. Meu pai trabalha em hospital, no administrativo, indo

diariamente pro trabalho de ônibus sem janelas. Não é só uma questão de quem se cuida ou não, passou disso faz tempo. Eu sei que a gente tem tendência a querer achar explicações e também pensar que tem controle sobre as coisas, mas a gente não tem. Novo governo não oferece o mínimo de suporte pro trabalhador e os casos só aumentam. Qualquer um que precise sair está sujeito a se contaminar. (Azaleia, 13/04/2021)

Única tranquilidade que tenho é colocar a cabeça no travesseiro e saber que meus pais estão recebendo o melhor tratamento possível no momento, assistidos pelo SUS. Já é uma situação complicadíssima, imaginem se tivesse que me preocupar com pagar hospital. (Azaleia, 16/04/2021)

É um vírus traiçoeiro, uma doença que não faz sentido. Você não consegue comemorar uma notícia boa porque a próxima pode ser ruim. Eu fico consternada de imaginar os mais de cinquenta dias de aflição que a família do Paulo Gustavo viveu. Que o tempo os ajude com a dor. (Torênia, 04/05/2021)

As respostas a categoria “adoecimento” (n = 5) consistiram em mensagens incentivando os usuários enlutados a terem força para suportar a situação, além do compartilhamento de suas próprias experiências com o adoecimento de familiares contaminados: *“Não te conheço, mas te desejo toda força do mundo. Eu sei como é difícil, minha mãe está entubada desde sábado e eu estou tirando forças de Deus mesmo. Torço muito pela recuperação dos dois e sei que já já nossos pais vão vencer essa luta!”*.

A categoria “morte” constitui 7,2% do corpus definitivo, englobando 51 *tweets* dos usuários enlutados. Os conteúdos se resumem a notificação da morte de familiares (27) e comentários sobre morte de figuras públicas (11). Além disso, contém elementos como: o sentimento de que as mortes por COVID-19 eram evitáveis (7), os relatos do momento de despedida ou ausência dele (6), as queixas públicas sobre o gerenciamento da pandemia (5), a necessidade de isolamento após a perda (3), os relatos sobre medo da morte (4) e a impressão de banalização da morte (2).

Cabe ressaltar, sobre os elementos listados, que o sentimento de morte evitável está fortemente relacionado às denúncias acerca do atraso na campanha de vacinação e ataques à omissão do Governo Federal enquanto a banalização da morte se refere ao que denominamos como “tabu no cotidiano” (consultar seção 4.3) – o que antes não era discutido, tornou-se um assunto corriqueiro pelos altos índices de ocorrências e exploração midiática.

Minha mãe acabou de morrer. Eu estou completamente em choque. Eu não consigo nem chorar. Vinte dias atrás foi minha avó. Em menos de um mês eu perdi as duas. Socorro. Mano. Um mês atrás estavam todos bem, hoje sobrou apenas o meu avô intubado. Agora somos eu e meu irmão. (Amarílis, 06/04/2021)

Eu estou pensando muito no filho da Marília. Perdi meu pai esse ano e a dor foi imensurável, mas eu posso recorrer a milhões de lembranças sobre ele. O Léo não vai ter lembranças próprias da mãe, vai ser sempre o que viu e ouviu. É uma outra dor tão terrível quanto. Penso muito na dor de perder quem você sabe que te amou mas você não teve como formar memórias. A morte é um processo que a gente tem que viver, mas perder uma mãe amorosa e presente sem ter tempo de sequer lembrar dela é algo que me deixa doida das ideias. (Azaleia, 05/11/2021)

As respostas da categoria “morte” (n = 20) consistem, majoritariamente, em usuários prestando suas condolências e relatando sua própria perda, além dos sentimentos suscitados pelo luto por COVID-19: *“Sentimentos. Entendo um pouco da sua dor. Faz um mês que perdi a minha mãe quase na mesma situação, não é fácil e no momento nada vai te ajudar, não consigo chorar e me sinto muito culpado por isso o que vira uma bolha horrível”*.

A categoria “vacinação” representa 4,9% dos *tweets* selecionados, ou seja, é composta por 35 entradas dos relatos de enlutamento. Os conteúdos abrangem principalmente os sentimentos suscitados pela campanha de vacinação (20), incluindo as reações sobre a liberação dos imunizantes e o momento da aplicação – no qual chama atenção o uso constante de hashtags (como #vivasus, #vivaciência, #vacinasim e #forabolsonaro), provavelmente em uma estratégia para ampliar a mobilização. Além disso, estão presentes nos relatos elementos como a culpabilização do governo pelas vidas perdidas em decorrência do atraso na aquisição de vacinas (9), o compartilhamento de sentimentos gerados pela iminência da imunização (6) e de sentimentos suscitados pela vacinação da faixa etária do familiar falecido (4).

Que sensação inexplicável deve ser. Como eu queria que meu pai tivesse tido a chance de ser vacinado. Essa semana eu e a minha mãe tomamos a segunda dose e é um sentimento total de incompletude. Chegamos ao “ponto final” sem uma parte da nossa família. (Azaleia, 18/08/2021)

Pensei na minha sogra, que morreu em maio, em decorrência da Covid. Tomar as duas doses da vacina tem um sentido especial para quem perdeu alguém próximo nesses quase dois anos de pandemia. (Gerânio, 15/09/2021)

MAMÃE ESTÁ VACINADA, NEM ESTOU CHORANDO! Ela acabou de me mandar a foto e eu automaticamente abri um belíssimo de um berreiro aqui. Perdi meu pai para o covid em outubro e meu desespero e angústia era pensar que a mesma coisa poderia acontecer com a minha mãe. Essa imagem tirou um caminhão de dor das minhas costas (Hortência, 07/04/2021)

Às vezes lembro que já tomei a primeira dose da vacina e o choro fica preso na garganta. Perdi tanta gente. Quando a gente para pra pensar, é traumatizante demais o que estamos vivendo. Só um desabafo mesmo (Jacinto, 14/08/2021)

É um misto de sensações muito grande para quem perdeu alguém por COVID, gente. Tem muito alívio e felicidade, um pouco de dor e raiva também por não ter dado tempo, mas principalmente emoção em pensar que estamos mais perto de estarmos seguros e não passar por outra perda. (Torênia, 17/01/2021)

Essas notícias sobre vacinação me dão uma sensação esquisita que eu achava que já não conhecia mais... acho que chama esperança. E dá um medo, não dá? Ter esperança dá medo. Que tempos. (Torênia, 13/06/2021)

Se meu pai tivesse tido a chance de se vacinar igual a esse homem, ainda estaria aqui. Ele tinha sessenta anos e a vacina para a faixa etária dele chegou duas semanas depois. (Violeta, 10/01/2021)

As respostas da categoria “vacinação” (n = 3) consistiram na identificação com os sentimentos intensos relatados pelos usuários enlutados no momento da vacinação: *“a sensação que tive é que não sou merecedora de estar viva quando ela não está”*.

A categoria “burocracias” concentra 2,7% do material, somando 19 *tweets* de enlutados. Os conteúdos dizem respeito tanto às pendências propriamente ditas quanto ao sofrimento ocasionado por reviver os sentimentos da perda (5). Os elementos identificados no âmbito objetivo foram a dificuldades na distribuição de pertences pessoais (4), as reclamações sobre o processo de inventário (3), as dívidas deixadas pelo ente falecido (3) e os conflitos familiares decorrentes da perda (3) – dificuldade de comunicação entre dois membros que não possuem um relacionamento saudável, decisões sobre a tutela de animais de estimação, por exemplo – , as recomendações sobre organização de documentos (4) e seguro de vida (2) ou questionamento da pensão por morte (1).

Vai fazer um ano que meu pai morreu e toda vez que a gente precisa resolver qualquer coisa em relação à morte dele, a sensação é de que ele continua morrendo todos os

dias. Causa exaustão, atrito, cansaço e tristeza. A morte é uma constante que nos atravessa. (Azaleia, 29/03/2022)

Estou há semanas me preparando pra ir aos bancos resolver problemas do inventário do meu pai. Algo extremamente incômodo. Já faz mais de um ano, mas o luto é sorrateiro porque dói como se tivesse sido ontem quando você não espera que ainda doa. Tipo no dia que você precisa ir ao banco. (ID32, 22/06/2021)

As respostas da categoria “burocracias” (n = 6) são majoritariamente de usuários que se identificam com as dificuldades objetivas relatadas sobre as burocracias ocasionadas pela morte de um familiar, sem maior elaboração sobre os aspectos subjetivos dessa experiência: *“parece se ter a ideia que falar sobre morte é desejar que a pessoa morra, é um tabu”*.

A categoria “rituais” apresenta a menor presença percentual (2,4%), somando apenas 17 *tweets* de usuários enlutados. Os conteúdos se referem tanto a aspectos objetivos dos rituais fúnebres quanto a aspectos subjetivos das práticas diante da morte. Dentre os aspectos objetivos, enumeram-se elementos como o sepultamento (5), a visita ao túmulo (3), a preparação do corpo (1) e os custos funerários (1). Dentre os aspectos subjetivos, surgem questões como a solidão do enterro (2), a sensação de direito negado (2) e o sentimento de irrealidade (2).

Ver as fotos do velório lotado da Marília me lembra que COVID tirou da minha família até o direito de se despedir do meu pai. Que eu não tinha nem minha mãe pra me abraçar, que éramos só quatro pessoas, que não pude olhar pra ele e dizer adeus... Faz muita muita muita falta poder ter alguém em quem se segurar ou ter o mínimo de tempo para dizer adeus em um momento como esse. Ainda bem que aquelas pessoas puderam estar juntas, apesar de toda a dor. (Azaleia, 06/11/2021)

Me sinto assim. Como a avó morreu por COVID ainda por cima e nós não pudemos fazer um enterro eu acabo sempre esquecendo que ela morreu, sempre acabo ligando para o número da casa dela, ou vou até lá no automático e sempre que eu lembro que ela não está mais ali dói demais (Prímula, 28/02/2022)

As respostas da categoria “rituais” (n = 11) se referem majoritariamente aos aspectos subjetivos das práticas diante da morte. Os usuários descrevem suas próprias experiências de sepultamento, reafirmando a sensação de solidão devido ao número reduzido de familiares presentes e o sentimento de que nada daquilo poderia ser real: *“Ai, amiga, eu penso nisso*

*direto. Foi tão rápido e só tinha a gente... E eu ainda estava doente, fiquei a mais de um metro de todo mundo... Não tem um dia que eu não pense que ela merecia mais, sabe?”.*

A distribuição de categorias temáticas nos *tweets* dos relatos de usuários enlutados ao longo do processo de elaboração de luto foi representada abaixo (Tabela 5). Vale ressaltar que a temporalidade indicada leva em consideração a perda do familiar (ou da primeira morte, no caso de múltiplas perdas), não os meses da coleta de dados. A análise desses dados, aliada à análise de conteúdo clássica realizada sob o corpus definitivo, possibilita certa compreensão sobre os temas predominantes em cada momento do luto por COVID-19. Pode-se notar que as categorias “luto”, “política”, “vacinação” e “burocracias” apresentam certa constância a partir do falecimento – outros temas, no entanto, exibem picos de acionamento em determinados períodos de tempo.

Considerando que a categoria “adoecimento” se refere principalmente às notificações de diagnóstico e ao acompanhamento do estado de saúde de familiares contaminados, faz sentido que sua maior predominância seja no período antes do falecimento (81,4%). Apesar disso, os usuários ainda se manifestam sobre o tema no decorrer do tempo – principalmente ao reviver os momentos vivenciados. Pode-se aplicar a mesma lógica de temporalidade à categoria “morte”. A presença do tema é preeminente no primeiro trimestre do luto (49%), visto que compreende as notificações de falecimento. No entanto, o tema apresenta um aumento significativo em relatos de enlutamento que duram mais de um ano (51,6%). A análise de conteúdo revela que a característica das entradas nessa categoria mudam drasticamente na comparação de um período para o outro, visto que aqueles realizados em relatos mais duradouros tomam um aspecto mais político (queixas sobre o gerenciamento da pandemia, reflexões sobre mortes evitáveis, entre outros).

Os rituais fúnebres representam 29,4% das entradas no primeiro trimestre do processo de elaboração do luto – demonstrando a necessidade dos sujeitos de discutir sobre a limitação ou ausência de momentos de despedidas. Importante notar que a análise de conteúdo aponta uma característica diferencial entre os relatos de rituais neste período e em períodos posteriores: no primeiro trimestre, os *tweets* tratam principalmente dos aspectos subjetivos da despedida, sendo que os sujeitos descrevem com mais detalhes o cenário objetivo que causou tal comoção apenas depois de alguns meses – caixão fechado, poucas pessoas no velório, identificação do corpo. A predominância deste segundo momento pode ser observada, na tabela, em relatos que duraram mais de um ano (35,3%).

**Tabela 5***Distribuição percentual de conteúdos ao longo do tempo por categoria temática*

Categorias temáticas	Duração do relato (em meses)													
	Antes da morte		De 1 a 3 meses		De 4 a 6 meses		De 7 a 9 meses		De 10 a 12 meses		Após 12 meses		Total (por categoria)	
	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
<i>Luto</i>	0	0	100	25,9	92	23,8	81	21	42	10,9	71	18,4	<b>386</b>	<b>54,3</b>
<i>Adoecimento</i>	103	82,4	13	10,4	2	1,6	1	0,8	4	3,5	2	1,6	<b>125</b>	<b>17,6</b>
<i>Política</i>	1	1,3	16	20,5	24	30,8	15	19,2	5	6,4	17	21,8	<b>78</b>	<b>11</b>
<i>Morte</i>	2	3,9	25	49	6	11,8	6	11,8	1	1,9	11	51,6	<b>51</b>	<b>7,2</b>
<i>Vacinação</i>	1	2,8	4	11,4	13	37,1	10	28,6	2	5,7	5	14,3	<b>35</b>	<b>4,9</b>
<i>Burocracias</i>	0	0	4	21	5	26,3	4	21	3	15,8	3	15,8	<b>19</b>	<b>2,7</b>
<i>Rituais</i>	0	0	5	29,4	2	11,8	3	17,6	1	5,9	6	35,3	<b>17</b>	<b>2,4</b>
<b>Total (por tempo)</b>	<b>107</b>	<b>15</b>	<b>169</b>	<b>23,8</b>	<b>144</b>	<b>20,2</b>	<b>120</b>	<b>16,9</b>	<b>58</b>	<b>8,1</b>	<b>115</b>	<b>16,2</b>	<b>711</b>	<b>100</b>

Embora a escolha da pesquisadora tenha sido por limitar cada tweet original a apenas uma categoria para a análise de conteúdo, cabe ressaltar que diversos tweets abordaram duas categorias ou mais – indicando certa correlação entre os temas, que pode ser representada pelo diagrama abaixo (Figura 10). O diagrama foi elaborado levando em consideração, simultaneamente, a frequência total de manifestação de temas e a distribuição percentual dos conteúdos ao longo do tempo de enlutamento.

**Figura 10**

*Diagrama de relações entre categorias temáticas*



### 4.3 O processo de elaboração do luto por familiares das vítimas de COVID-19

A forte correlação entre os conteúdos acionados nos relatos aponta para a impossibilidade de considerar os temas individualmente: existem conexões intrínsecas que não poderiam ser compreendidas em toda sua complexidade ao analisar separadamente cada um dos elementos que constitui as especificidades do luto pandêmico – ou da “dupla morte”, como denominada por parte da população afetada. Nesse sentido, a partir da construção teórica e dos resultados exploratórios apresentados, elencou-se as principais camadas que constituem as especificidades do luto por familiares vítimas de COVID-19:

#### *a) A compreensão do luto*

O luto é uma forma cruel de aprendizado. Você aprende como ele pode ser pouco suave, raivoso. Aprende como os pêssames podem soar rasos. Aprende quanto do luto tem a ver com palavras, com a derrota das palavras e com a busca das palavras. (Adichie, 2021, p. 12)<sup>21</sup>

Embora o luto seja vivenciado diversas vezes ao longo da vida, seja pela perda real de alguém ou pela perda ideal de algo, sua experiência ainda constitui uma incógnita visto que inúmeros fatores influenciam no modo como cada sujeito lidará com o processo de elaboração da perda: “Nada muda a gente tão profundamente quanto o luto” (Azaleia, 08/09/2021).

Em busca de sentidos para o desconhecido representado pelo luto, os enlutados se dedicam às tentativas de conceitualizar o luto por meio da racionalização dos sentimentos que ele suscita e da busca por uma materialização do processo. Nesse sentido, os enlutados frequentemente recorrem ao uso de metáforas: alguns representaram o luto como um portal, pois acelera todas as resoluções de pendências interpessoais, enquanto outros descreveram a experiência como uma bola dentro de uma caixa, que dói sempre que a primeira encontra os

---

<sup>21</sup> “Notas sobre o luto”, publicado em meados de 2021, é um relato pessoal da consagrada Chimamanda Ngozi Adichie sobre a sua experiência de luto com a morte do pai. Embora não tenha sido uma vítima de COVID-19, o enlutamento foi atravessado por questões relacionadas à pandemia – como a impossibilidade de despedida devido ao fechamento de aeroportos, as limitações de rituais fúnebres tradicionais da cultura, entre outros. A pesquisadora optou por utilizar trechos do livro para ilustrar cada aspecto elencado acerca do luto por familiares vítimas do novo coronavírus, pois a obra foi citada por três usuários participantes da pesquisa como algo que auxiliou na compreensão de suas vivências pessoais.

limites da segunda. Independentemente da representação imagética, é comum que enlutados associem o processo de elaboração do luto à aprendizagem.

Eu aprendi muito com o luto. De verdade. Eu quase gosto da pessoa que me tornei depois dele, porque mudou tudo aqui dentro. Eu digo que é "um portal". O luto acelera tudo. Acelerou tantas resoluções na minha relação com meu pai. Mas o que importa se ele não está mais aqui? Não sei. (Torênia, 19/06/2021)

Tenho a impressão que o luto te deixa mais resignado. Quando você entende que não tem nada a fazer além de aceitar a partida de quem você ama, todas as outras coisas que você não consegue evitar ou mudar parecem menores. Tem coisa que é assim mesmo e está tudo bem, sofrer não adianta. Com o luto eu também parei de querer superar toda e qualquer dor. Mania besta essa de achar que a gente tem que superar tudo. Tem coisa que não se supera e é isso. Tem dores que a gente aprende a conviver, que a gente ressignifica. A vida não é uma competição pra superar tudo. (Torênia, 29/01/2022)

As reações esperadas ao luto são identificadas na maioria dos relatos, sendo frequentemente acompanhadas de reflexões sobre as expectativas sociais em relação ao enlutamento: “Eu não superei o luto. Dói sempre. Uns dias mais que outros. Todos seguiram a vida e eu estou presa numa dor que não passa” (Rosa, 11/11/2021). Os enlutados destacam a sensação de que o tempo passa diferente para aqueles que vivenciam o luto, pois “quando todo mundo espera que você já tenha superado geralmente é quando seu cérebro começou a processar” (Azaleia, 14/10/2021). Além disso, os relatos indicam que as manifestações de luto nem sempre são suportadas pelos familiares mais distantes ou por amigos – críticas ao apego por objetos do falecido ou preocupação pelo tempo de pesar pela morte são algumas das situações mencionadas.

#### *b) Esquecer e lembrar*

Preciso perguntar ao papai quem é. (...) Então sinto um engulho terrível e torno a me lembrar. Esse esquecimento momentâneo parece ao mesmo tempo uma traição e uma benção. (Adichie, 2021, p. 24)

Considerada uma morte repentina, devido ao rápido avanço dos sintomas da doença, o luto por familiares vítimas de COVID-19 apresenta diversos complicadores como a

inadequação do luto antecipatório e a ausência de rituais de despedida tradicionais. Os relatos corroboram com os desafios previstos nesse cenário, ao ressaltar a ocorrência de situações em que os enlutados acreditam que a perda se trata de um erro médico ou de um engano institucional: “que sensação de merda, já vai fazer um ano e eu ainda acho que foi apenas um erro médico e minha mãe vai voltar” (Tagetes, 18/05/2022).

Em alguns relatos, foi possível identificar que os enlutados procuravam manter uma sensação ilusória de contato com seus familiares mortos por meio de aplicativos de mensagens instantâneas, respondidas pelo próprio enlutado, em um “diálogo” solitário para preencher o vazio da perda. Essa sensação de irrealidade que permeia as mortes pelo novo coronavírus também contribui para dolorosos episódios em que o sujeito esquece, por um momento, sobre a morte do ente querido – sendo em seguida “esmagado” pelo peso da realidade:

Acho que uma das piores coisas de perder alguém é aquele instante em que você esquece que a pessoa se foi e depois lembra. (Azaleia, 14/05/2021)

Tenho um sobrinho de oito anos. Quando minha tia morreu de covid, ele tinha sete. Hoje meu sobrinho começou a chorar de saudade da minha tia. Meu sobrinho não lembra da voz dela e se desesperou por causa disso. Eu nunca vou perdoar quem banalizou a pandemia. NUNCA! (Rosa, 30/01/2022)

Além do processo de elaboração do luto, os usuários constantemente narravam lembranças de momentos vividos com o falecido e compartilhavam publicamente mídias pessoais, como fotos e vídeos. Nesse sentido, embora poucos usuários tenham mencionado os memoriais digitais para vítimas do novo coronavírus, é possível afirmar que a própria publicização do enlutamento cumpre a função de manutenção da memória do ente querido.

### *c) As burocracias do além-vida*

Mas nem sempre posso correr, e todas as vezes em que sou forçada a encarar de frente a minha dor – ao ler o atestado de óbito, ao escrever o rascunho de um anúncio fúnebre – sinto um formigamento de pânico. (Adichie, 2021, p. 19)

As limitações dos rituais fúnebres tradicionais constam como um dos fatores de risco para o desenvolvimento do luto complicado. A pandemia do novo coronavírus, considerada uma situação de desastre, implica desafios ainda maiores para os enlutados por vítimas de COVID-19 visto que a crise sanitária exige objetividade na gestão dos corpos mortos: “A COVID me tirou o direito de velar meu pai, chorar a perda dele com outras pessoas que estivessem sofrendo também.” (Azaleia, 30/05/2022).

Os relatos são atravessados pela impossibilidade de velar pelo ente querido, que atravanca as despedidas finais e a realização da materialidade da perda, e pelo isolamento social, que impede a reunião de uma rede de apoio apropriada e gera uma sensação sufocante de solidão.

Ai, nos dias seguintes ao enterro eu tinha a sensação constante de que era coisa da minha cabeça, porque nem pudemos velar o corpo, foi só chegar lá, assinar a papelada do cemitério, uma correria pra poderem cobrir o túmulo porque estava com muito sepultamento no dia. (Azaleia, 06/11/2021)

Embora não sejam tão predominantes, é importante apontar a presença de outras medidas burocráticas relacionadas à morte – como o processo do inventário, a contratação de seguro de dívida e a herança de dívidas. Esses temas surgem em momentos mais avançados do enlutamento, geralmente com uma característica de conselho para possíveis leitores do relato: “As burocracias da morte parecem eternas” (Azaleia, 22/06/2021). Os usuários recomendam que as pessoas conversem sobre a possibilidade sempre presente da morte e, mais do que tudo, se preparem para ela de forma a evitar mais sofrimento para os que permanecem.

#### *d) O tabu no cotidiano*

O vírus tornou mais próxima a possibilidade da morte, seu caráter corriqueiro (...) A morte podia simplesmente surgir desabalada na sua direção a qualquer dia e a qualquer momento, como havia acontecido com ela. (Adichie, 2021, p. 66)

A intensa exploração midiática acerca dos números da pandemia, aliada ao temor diante de uma doença desconhecida, tornou o tema da morte uma constante no cenário pandêmico. Os estudiosos da morte apontam que, em decorrência do interdito da morte, a

morte do outro serve como um lembre da própria mortalidade – sendo possível observar este fenômeno em algumas respostas dos relatos publicados: “*Eu nunca senti tanto medo de morrer quanto no último ano. Não dormi nada essa noite*”. Ademais, os usuários registram o incômodo com a sensação de banalização e a naturalização da morte por COVID-19:

Agora as conversas com familiares se resumem a "Sabe o fulano? Morreu de COVID", "Sabe o Beltrano? Morreu também, de COVID". E é complicado porque a gente não tem nem reação, vira coisa banal. Morreu alguém e parece nada. (Azaleia, 11/04/2021)

No começo da pandemia os números pegavam a gente de surpresa. Hoje a gente acorda na terça pensando em como se preparar emocionalmente para o recorde que deve vir à noite. A semana vai ser (de novo) bem difícil. (ID 32, 23/03/2021)

Embora a pandemia do novo coronavírus tenha afetado de maneiras diferentes a população brasileira, levando em consideração a desigualdade social e econômica que marca o país, se configura como um fenômeno vivenciado coletivamente. Nesse sentido, outro fato interessante no luto por COVID-19 é a identificação gerada pelo adoecimento e a morte de figuras públicas. Pode-se citar como exemplo o caso de Paulo Gustavo, que contraiu a doença e veio a óbito após mais de cinquenta dias de internação.

Eu não era público do Paulo Gustavo. Nunca vi seus filmes, seus programas de TV, só conhecia pelas notícias. O que me revolta não é a morte de um artista. É a morte de um homem jovem, nascido no mesmo ano que eu, que tinha recursos para se tratar e ainda assim sucumbiu diante de uma doença que tem vacina. Que com um pacto coletivo de saúde e sanitarismo é possível controlar. E o governo nos negou tudo, nos negou a prevenção, a vacina, tudo. A minha revolta é ver um homem partir sem ver seus filhos crescerem. São essas crianças órfãos tão cedo. É uma mãe que vai ter que passar por cima da dor, porque os netos vão precisar do seu amor. É um homem que perde o amado, que vê todos os seus planos de vida serem destruídos. O Paulo Gustavo tinha a minha idade, tinha recursos e morreu. Ele e mais três mil e tantos, só ontem. Mais de quatrocentas mil nesse Brasil de omissão. Vidas interrompidas do nada, bestamente e que deixam um rastro de dor, de traumas e de dívidas atrás de si. Tem centenas de milhares de lares vazios e sonhos destruídos por uma doença controlável com políticas públicas e vacina. Que dor. (ID13, 05/05/2021)

Desde que o meu pai se foi, está ainda mais doloroso lidar com as redes sociais em dias de “luto coletivo”. Não vejo a morte como um fim, nunca tive muitos problemas em lidar com isso, mas acho que a perda do meu pai é difícil de compreender porque não tive os rituais de luto. Demorei muito para entender que o meu pai tinha morrido, porque só vi o caixão fechado, porque na hora do sepultamento estava só com meu tio

e dois pastores, porque ele não foi velado, porque não pude visitar ele no hospital e outras coisas que tornam o luto de COVID tão particular. Jô Soares tinha trinta e três anos a mais do que o meu pai. É mais do que a minha própria idade. Isso também me dá a dimensão do quão jovem meu pai morreu. E torna ainda mais doloroso saber que ele não precisava ter morrido. Que a morte dele era evitável. E a de muitos outros. (Azaleia, 05/08/2022)

O “luto coletivo” por figuras públicas, mesmo nos casos de mortes por outros motivos que não complicações da doença, frequentemente acionaram novos elementos nos relatos de enlutamento. Ou seja, a comoção geral expressada sobre essas mortes possibilita que os enlutados elaborem questões que ainda não haviam sido abordadas publicamente – provavelmente em decorrência da segurança obtida pela vivência de um sentimento compartilhado de luto.

*e) O que se perde além da vida*

A rapidez com que minha vida se tornou outra vida, como essa mudança é implacável e como, apesar disso, sou lenta para me adaptar. (Adichie, 2021, p. 24)

A realização sobre a realidade da perda aparece de diversas formas nos relatos. Contudo, chama atenção a predominância de menções a momentos importantes da vida que não poderão ser presenciados pelo familiar falecido – como o casamento, a formatura, o nascimento e criação de filhos, entre outros. Estas ocasiões podem ser consideradas como rituais de passagem de um estado social para outro e, nesse ínterim, a ausência do ser amado causa certo desequilíbrio que precisa ser compensado de alguma maneira.

Se eu disser que minha maior tristeza é algo bem bobo: meu pai nunca vai me ver de noiva. Eu nem sei se um dia vou me casar, mas esse sempre foi um sonho muito grande que tive e meu pai falava muito sobre isso. (Azaleia, 21/04/2021)

Em geral, estas mensagens geram intensa mobilização de outros usuários que se identificam com o sentimento e buscam apaziguar o sofrimento compartilhando estratégias: *“A homenagem que prestei foi colocar os óculos na mesa da cerimônia, assim ele estaria, de algum modo, também fisicamente ali. No dia, você também vai encontrar sua homenagem”*.

A dor da ausência também se torna especialmente presente em datas comemorativas de caráter familiar (Natal, Dia das Mães, Dia dos Pais), de caráter festivo (Ano Novo) ou de caráter religioso (Dia de Finados). Pode-se perceber um aumento da frequência de manifestação dos usuários nessas datas, o que indica que são circunstâncias em que os enlutados buscam uma rede de apoio para compartilhamento dos sentimentos suscitados por vivenciar aquele dia sem a pessoa falecida: “vou passar o dia inteiro olhando o twitter porque aqui tem a maior concentração de gente sem pai do mundo” (Lavanda, 08/08/2021).

Todo dia dos pais é dia de revisitar isso aqui. Amem os seus em voz alta, com todo coração, como se amam pessoas, e não super-heróis. Um abraço em todos aqueles que sentem saudades hoje. Deixem as pessoas amarem vocês do jeito que elas podem, como elas conseguem. Parem de se ressentir por desejar que elas amem como vocês idealizaram. Não estou falando de aceitar menos do que merece, mas de respeitar o limite do outro. O que pra você parece pouco pode ser muito pro outro. (Torênia, 08/08/2021)

Minha família é uma delas. Embora eu não comemore o Natal, o Ano Novo era uma oportunidade de celebrar e juntar todo mundo. A partir de agora, uma pessoa está faltando. Não há o que celebrar. (Violeta, 24/12/2021)

*f) A linha tênue entre o público e o privado*

Minha raiva me assusta, meu medo me assusta, e em algum lugar há também vergonha? Por que estou sentindo tanta raiva e tanto medo? Tenho medo de ir para a cama e acordar; tenho medo do amanhã e de todos os amanhãs que virão depois. (Adichie, 2021, p. 17)

A relação intrínseca entre o luto individual e o luto coletivo pode ser percebida por diversos ângulos – alguns já mencionados, como as mortes de figuras públicas e as datas comemorativas. Esta relação também pode ser percebida na relação entre o enlutamento e os eventos políticos ao longo da pandemia do COVID-19 (Apêndice III). A instauração da CPI da COVID, em 27 de abril de 2021, torna-se um exemplo claro das manifestações privadas de luto suscitadas por contingências públicas:

Ouvi a música "Aos nossos filhos", tocada ao final dos trabalhos da CPI hoje. Ouvi, também, um "nos perdoem" do Randolfê Rodrigues. Só que eu não perdo a falta de ar que matou meus tios, que tirou a alegria do meu pai. Eu não perdo Bolsonaro. Não perdo seu governo da morte. (Magnólia, 18/12/2021)

Hoje é mais um dia que vou evitar ver os depoimentos da CPI da COVID. Porque sei EXATAMENTE o que cada pessoa passou com esse desgoverno irresponsável e genocida. Senti na pele todo o absurdo, descaso e indiferença. Mas eles cairão, nem que leve anos, mas eles vão pagar. (Violeta, 18/10/2021)

Considerando que o reconhecimento da própria dor e a valorização da dor do outro constitui um dos fatores de proteção e de risco para o desenvolvimento do luto complicado (consultar seção 2.2), torna-se imprescindível discutir o papel das ações governamentais no processo de elaboração do luto de familiares vítimas do novo coronavírus. As diversas denúncias de descaso da autoridade máxima do país, aliado à comprovação do atraso da aquisição de imunizantes em decorrência de corrupção dos membros do governo, se configuram como um desrespeito à perda de centenas de milhares de sobreviventes.

*g) O sofrimento de mortes evitáveis*

“Nunca mais” veio para ficar. “Nunca mais” parece muito injusto e punitivo. Eu vou passar o resto da vida com as mãos estendidas tentando alcançar coisas que não estão mais ali.” (Adichie, 2021, p. 45)

A experiência do luto por familiares vítimas de COVID-19 apresenta, em sua elaboração, uma particularidade que possivelmente não se faz presente em outras modalidades de luto: o sentimento de injustiça por mortes consideradas evitáveis, pela responsabilização da omissão governamental. Poucos relatos analisados nessa pesquisa se referiram ao sentimento de culpa e, quando citada, se referia à culpa por não ter aproveitado mais os momentos com a pessoa falecida. Esta observação foi uma surpresa, considerando que a literatura científica aponta de maneira contundente a premência dessas sensações em situações de enlutamento. Pode-se inferir que o contexto de uma pandemia de abrangência global, ainda pouco conhecida, tenha apaziguado a possibilidade de culpabilização dos sobreviventes – considerando que a situação não estava sob controle da população.

Quando meu pai estava internado uma das poucas coisas que me davam esperança era pensar que era o início da pandemia, havia leitos, o sistema de saúde não estava em colapso. Não consigo imaginar o desespero dessas famílias em Manaus. Eu perdi meu pai, mas realmente não consigo. Perdi meu pai pro inevitável, o imponderável, o imprevisível. Perder meu pai pra incompetência de autoridades públicas seria um

trauma sem fim, uma dor sem fim. É criminoso, é ultrajante, é inaceitável. (Torênia, 15/01/2021)

Por outro lado, a culpabilização das ações governamentais diante da pandemia também pode ter servido como mecanismo de defesa contra a própria responsabilidade individual no cenário de uma doença altamente contagiosa, visto que alguns usuários relatam não terem levado as indicações sanitárias de distanciamento social à risca na época em que seus familiares adoeceram.

Outra especificidade relevante do luto pela COVID-19 se caracteriza pela possibilidade do compartilhamento do sofrimento da perda em grande escala. Em outras palavras, visto que os acontecimentos do contexto pandêmico são coletivos (como os recordes de mortes por dia e o início da campanha de vacinação) acabam por incentivar não apenas as manifestações dos enlutados como também a empatia de usuários que têm acesso a essas declarações. Dessa forma, os relatos publicados espontaneamente pelos enlutados parecem adquirir características semelhantes às de um grupo de apoio virtual – o que pode justificar a permanência da publicização por um longo período de tempo.

## 5 Considerações finais

Para fins de encerramento do presente estudo, cabe retomar brevemente as discussões abordadas pela pesquisadora na dissertação. Em termos de perspectivas teórico-conceituais, aportou-se principalmente nas atitudes diante da morte da sociedade ocidental e suas alterações no decorrer do tempo, o que possibilita inferir que eventos históricos exercem um papel relevante no modo de lidar com a morte e o morrer.

Considerando que as características da atitude diante da morte de uma sociedade influenciam o processo de elaboração do luto dos sujeitos e tendo em vista que a vivência da morte na contemporaneidade é atravessada pela morte interdita, é possível compreender de forma contextualizada os aspectos socioculturais do luto – que está fortemente relacionado com a construção do corpo social, com a manutenção da memória e a realização dos rituais de morte.

Esta percepção da relação intrínseca entre o cenário macrossocial e a subjetividade é essencial para identificar as implicações possíveis do contexto pandêmico no enlutamento, visto que o gerenciamento da crise sanitária exige a tomada de ações que influenciam diretamente nas práticas sociais diante da morte do sujeito ocidental – particularmente (mas não apenas) da população brasileira, devido aos altos índices de influência da religião cristã nas representações e práticas diante da morte no país.

Portanto, esta pesquisa buscou compreender as singularidades do luto por COVID-19 por meio dos relatos de luto publicados espontaneamente por sujeitos que perderam familiares vítimas do novo coronavírus. A plataforma escolhida, a rede social digital do Twitter, possui características que permitem o compartilhamento constante de sentimentos e pensamentos vivenciados pelos usuários – sendo, portanto, um *locus* frutífero para investigações sobre assuntos que não são abordados com tamanha naturalidade no dia-a-dia.

Os procedimentos metodológicos consistiram na coleta de dados de acesso público no ambiente virtual e no tratamento minucioso desses materiais, sendo caracterizados detalhadamente para contextualizar as possibilidades e limitações dos resultados descritos. Em termos analíticos, optou-se pela realização conjunta da análise lexical e da análise de conteúdo – incluindo, por conseguinte, estatísticas textuais, análise de especificidades, classificação hierárquica descendente e categorizações temáticas. A interpretação dos

resultados gerou as “redes de conteúdo” discutidas, de forma geral, como as singularidades do processo de elaboração do luto pelo novo coronavírus propriamente dito.

O luto, embora seja vivenciado de forma singular por cada sujeito, não pode ser considerado como um fenômeno meramente individual na medida em que sua experiência é indissociável de aspectos culturais e sociais do contexto em que ocorre. Nesse sentido, é possível afirmar que a política – como um marcador da esfera pública que influencia no âmbito da vida privada – também deve ser considerada como uma das influências possíveis no enlutamento, principalmente em situações de emergência e desastre em que os indivíduos devem ser acolhidos pelo poder estatal.

Embora não seja possível afirmar que a pandemia do novo coronavírus alterou as representações sociais da morte, visto que o núcleo das representações são relativamente rígidos para a manutenção da coerência do conhecimento de senso comum, é possível afirmar que houve implicações na estrutura dessas representações devido à presença constante de uma temática que não era discutida no cotidiano. As práticas sociais, por sua vez, foram afetadas de forma mais drástica devido às mudanças nos rituais fúnebres tradicionais, desde o momento da despedida até o sepultamento propriamente dito. Contudo, estudos posteriores se fazem necessários para aferir se as alterações terão caráter temporário como adaptação ao contexto pandêmico ou se podem ter alterado permanentemente as atividades diante da morte na contemporaneidade da sociedade ocidental.

Em termos do processo de elaboração do luto, foram identificados uma série de implicações da pandemia de COVID-19 nas reações descritas pelos usuários enlutados. Levando em consideração o alto número de vítimas do vírus, pode-se afirmar que existem centenas de milhares de brasileiros lidando com as implicações de uma perda que possui altos fatores de risco para desenvolvimento de luto complicado. Nesse sentido, torna-se crucial a elaboração e aplicação de políticas públicas de longo prazo em saúde mental para acolhimento clínico e social das demandas geradas por esse enlutamento atravessado por peculiaridades advindas do contexto pandêmico.

Pode-se dizer que os aspectos de interatividade e sociabilidade desterritorializadas possibilitados pela cibercultura constituíram um suporte para a construção da memória social – na vida, através do compartilhamento de sentimentos e pensamentos; na morte, devido à manutenção dos rastros digitais de forma mais precisa do que as comunicações orais.

Esta pesquisa, como qualquer outra, possui suas limitações – principalmente em termos de recursos e tempo disponível para realização. Nesse sentido, vale mencionar alguns pontos que não puderam ser aprofundados ao longo do texto mas não devem ser ignorados em discussões posteriores sobre a temática.

Em primeiro lugar: o processo de elaboração do luto é vivenciado de maneira singular por cada indivíduo e adquire novas camadas de complexidade nos casos em que os sujeitos se encontram em situações de vulnerabilidade. Considerando que o território brasileiro é marcado por extremas desigualdades econômicas e culturais, não é possível discutir sobre um único enlutamento pelas mortes causadas pelo novo coronavírus – mas sobre “enlutamentos” diversos segundo tais marcadores sociais. De acordo com Lupion (2021), “as diferentes formas como a saúde é gerida no país bem como as posturas díspares adotadas pelas autoridades governamentais e políticas deixam a geografia da pandemia no Brasil marcada pelas singularidades nas formas de combater o vírus” (p. 238).

Em segundo lugar: embora muitas estratégias para contornar as limitações nos rituais fúnebres tradicionais tenham sido elaboradas na literatura científica, é preciso ter em mente que estas não abrangem uma série de grupos marginalizados – como pessoas que não possuem acesso à internet ou pessoas que não se adequam à tecnologia para acesso dos recursos fornecidos. Cabe questionar: quais foram as características do luto por familiares vítimas da COVID-19 nesses casos, em que os sobreviventes não puderem recorrer sequer às estratégias alternativas de despedida?

Além disso, devido às limitações metodológicas apresentadas pelo contexto pandêmico, não foi possível aprofundar em diversos conteúdos identificados nos relatos dos usuários enlutados. Nesse sentido, considera-se relevante a realização de investigações posteriores que busquem esclarecer as representações e práticas sociais produzidas por esses sujeitos ao lidar com a morte por uma doença desconhecida à época – assim como os sentidos atrelados à vivência desse luto específico em comparação com outras vivências de perdas significativas.

## Referências

- Abric, Jean-Claude. (2000). *Prácticas sociales, representaciones sociales*. Em J.-C. Abric (Ed.), *Prácticas sociales y representaciones* (pp. 195-214). Coyocán: Ediciones Coyoacán.
- Adichie, Chimamanda N. (2021). *Notas sobre o luto*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Almeida, Angela M. O., Santos, Maria F. S., & Trindade, Zeide A. (2000). Representações e práticas sociais: contribuições teóricas e dificuldades metodológicas. *Temas em Psicologia*, 8(3), 257-267. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v8n3/v8n3a05.pdf>
- Alvarenga, Darlan; Gerbelli, Luiz G.; Martins, Raphael. (2020). *Como a pandemia “bagunçou” a economia brasileira em 2020*. G1 Globo. <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/12/12/como-a-pandemia-baguncou-a-economia-brasileira-em-2020.ghtml>.
- American Psychiatric Association. (1994). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders (DSM-IV)* (4. ed.). Washington: APA.
- American Psychiatric Association. (2013). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders (DSM-V)* (5. ed.). Arlington: APA.
- Appelbaum, Paul. (2022). *Why the title of the DSM-5-TR and not DSM-6?*. American Psychiatric Association. <https://www.youtube.com/watch?v=751nJIXJL60>.
- Aquino, Estela M. L.; Silveira, Ismael H.; Pescarini, Julia M.; Aquino, Rosana; Souza-Filho, Jaime A.; Rocha, Aline S.; Ferreira, Andrea; Victor, Audêncio; Teixeira, Camila; Machado, Daiane B.; Paixão, Enny; Alves, Flávia J. O.; Pilecco, Flávia; Menezes, Greice; Gabrielli, Ligia; Leite, Luciana; Almeida, Maria C. C.; Ortelan, Naiá; Fernandes, Qeren H. R. F.; ... Lima, Raíza T. R. S. (2020). Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(supl.1), 2423-2446. <http://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.10502020>
- Araújo, Mateus. (2020, 01 abr). *Covid-19 e a ‘dupla morte’: como lidar com a dor de um luto sem despedida*. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. <https://www.ip.usp.br/site/noticia/covid-19-e-a-dupla-morte-como-lidar-com-a-dor-de-um-luto-sem-despedida/>.
- Ariès, Philippe (2003). *História da morte no Ocidente* (P. V. Siqueira, Trad.). Rio de Janeiro: Ediouro. (Obra original publicada em 1975)
- Ariès, Philippe (2014). *O homem diante da morte* (L. Ribeiro, Trad.). São Paulo: Editora UNESP. (Obra original publicada em 1977)
- Bardin, Laurence. (2009). *Análise de conteúdo* (L. A. Reto & A. Pinheiro, Trads.; ed. rev.). Lisboa: Edições 70. (Obra original publicada em 1977)

- Bauer, Martin W., & Gaskell, George. (2008). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (7. ed., P. A. Guareschi, Trad.). Rio de Janeiro: Vozes.
- Bell, Catherine. (2009). *Ritual theory, ritual practice*. New York: Oxford University Press. (Obra original publicada em 1992)
- Braz, Mariana S. & Franco, Maria H. P. (2017). Profissionais paliativistas e suas contribuições na prevenção de luto complicado. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37(1), 90-105. <https://doi.org/10.1590/1982-3703001702016>
- Breugelmans, Janaina C. F. (2016). *Guardiões da memória, herdeiros da luta: identidade e memória nas publicações dos websites do grupo Hijos por la Identidad y la Justicia contra el Olvido y el Silencio* (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais). Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG. <https://www.fafich.ufmg.br/pospsicologia/wp-content/plugins/download-attachments/includes/download.php?id=1850>
- Brum, Eliane. (2020). Mães Yanomami imploram pelos corpos de seus bebês. *El País*. <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-24/maes-yanomami-imploram-pelos-corpos-de-seus-bebes.html>
- Cabecinhas, Rosa. (2009). Investigar representações sociais: metodologias e níveis de análise. Em M. Batista (Ed.), *Cultura: Metodologias e Investigação* (51-66). Lisboa: Grácio Editor. <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9644/1/rosacabecinhas-cultura2009.pdf>.
- Campos, Pedro H. F. C. (2017). O estudo das relações entre práticas sociais e representações: retomando questões. *Psicologia e saber social*, 6(1), 42-46. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/psi-sabersocial/article/view/30664/2181>.
- Castells, Manuel. (2007). *A Galáxia Internet: reflexões sobre a Internet, Negócios e a Sociedade* (R. Espanha, Trad.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Chizzotti, Antonio. (2000). *Pesquisa em ciências humanas e sociais* (4. ed). São Paulo: Cortez.
- Cintra, José C. & Kiel, Greicy. (2013). Tanatopraxia sob a ótica da família enlutada. *Revista Thêma et Scientia*, 3(2), 54-58. <http://themaetscientia.fag.edu.br/index.php/RTES/article/view/567/658>
- Cruz, Márcia M. (2021). *Mulheres ganham canal de denúncia após aumento de violência na pandemia*. Estado de Minas. <https://www.em.com.br/app/noticia/diversidade/2021/09/01/noticia-diversidade,1300719/mulheres-ganham-canal-de-denuncia-apos-aumento-de-violencia-na-pandemia.shtml>

- Echer, Isabel C. (2001). A revisão da literatura na construção do trabalho científico. *R. gaúcha Enferm.*, 22(2), 5-20.  
<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/23470/000326312.pdf>.
- Elias, Norbert. (1994). *A sociedade dos indivíduos* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1987)
- Elias, Norbert (2001). *A solidão dos moribundos, seguido de “Envelhecer e morrer”* (P. Dentzien, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1982)
- Estrela, Fernanda M.; Silva, Andrey F.; Oliveira, Ana C. B.; Magalhães, Júlia R. F.; Soares, Caroline F. S.; Peixoto, Thais M.; Oliveira, Milena A. S. (2021). Enfrentamento do luto por perda familiar pela COVID-19: estratégias de curto e longo prazo. *Persona y bioética*, 25(1), 1- 11. <https://doi.org/10.5294/pebi.2021.25.1.3>
- Faleiro, Letícia T. R. (2018). *Transtornos alimentares em adolescentes e jovens adultos: uma compreensão à luz das representações sociais* (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais). Repositório Institucional UFMG.  
[https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-B46KSZ/1/disserta\\_\\_o\\_\\_let\\_\\_cia\\_\\_tatie\\_\\_ne\\_\\_rezende\\_\\_faleiro.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-B46KSZ/1/disserta__o__let__cia__tatie__ne__rezende__faleiro.pdf)
- Ferreira, Daphne R. (2020). *Processo de Luto no Contexto da COVID-19*. Saúde Mental e Atenção Psicossocial na COVID-19 (Módulo 7).  
<https://www.youtube.com/watch?v=YaEE2k3-5xI>
- Figueiredo, Dora. (1990). Da importância dos artigos de revisão da literatura. *R. bras. Bibliotecon. e Doc.*, 23(1/4), 131-135.  
[https://brapci.inf.br/\\_repositorio/2011/09/pdf\\_6245ece57c\\_0018790.pdf](https://brapci.inf.br/_repositorio/2011/09/pdf_6245ece57c_0018790.pdf)
- Franco, Maria H. P. (2012). Crises e desastres: a resposta psicológica do luto. *O Mundo da Saúde*, 36(1), 54-58. [http://www.saocamilo-sp.br/pdf/mundo\\_saude/90/06.pdf](http://www.saocamilo-sp.br/pdf/mundo_saude/90/06.pdf)
- Freitas, André R. R., Napimoga, Marcelo; Donalisio, Maria R. (2020). Análise da gravidade da pandemia de Covid-19. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 29(2). 1-5.  
<http://www.scielo.br/pdf/ress/v29n2/2237-9622-ress-29-02-e2020119.pdf>
- Freud, Sigmund. (2011). *Luto e melancolia*. São Paulo: Cosac Naify. (Obra original publicada em 1917)
- Gehart, Diane R. (2022). *Overview of Major Changes in the DSM-5 TR*. Diane R. Gehart, Ph.D. <https://www.youtube.com/watch?v=UDDtHJ5EDxw>.
- Giamatney, Maria E. P.; Frutuoso, Joselma T.; Bellaguarda, Maria L. R.; Luna, Ivânia J. (2022). Rituais fúnebres na pandemia de COVID-19 e luto: possíveis reverberações. *Escola Anna Nery*, 26(spe), 1-9. <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2021-0208>
- Gonzaga, Ludymilla Z. M. & Peres, Rodrigo S. (2012). Entre o rompimento concreto e a manutenção simbólica do vínculo: particularidades do luto de cuidadores familiares de portadores de doenças crônico-degenerativas. *Vínculo – Revista do NESME*, 9(1), 10-17. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/vinculo/v9n1/a03.pdf>

- Gorer, Geoffrey. (1955). The pornography of death. *Encounter*, 5(4), 49-52.  
<https://www.romolocapitano.com/wp-content/uploads/2013/08/Gorer.pdf>
- Hortélio, Marina. (2020). Associação pede proibição de cremação de seguidores do Candomblé. *Jornal Correio 24 Horas*.  
<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/associacao-pede-proibicao-de-cremacao-de-seguidores-do-candomble/>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2010). *Censo demográfico*.  
<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/9662-censo-demografico-2010.html>
- Jiménez, Carla. (2020). *Cemitério em São Paulo: a foto que jamais gostaríamos de publicar*. El País.  
<https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-04-03/cemiterio-em-sao-paulo-a-foto-que-jamais-gostaríamos-de-publicar.html>
- Jodelet, Denise. (2005). *Loucuras e Representações Sociais*. Petrópolis: Editora Vozes. (Obra original publicada em 1989)
- Kemp, Simon. (2022). *Global Overview Report*. Data Reportal.  
<https://datareportal.com/reports/digital-2022-global-overview-report>
- Kovács, Maria J. (1992). *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kovács, Maria J. (2003). *Educação para a morte: temas e reflexões*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kovács, Maria J. (2011). Instituições de saúde e a morte: do interdito à comunicação. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31(3), 482-503.  
<https://doi.org/10.1590/S1414-98932011000300005>
- Kripka, Rosana M. L., Scheller, Morgana, Bonotto, Danusa L. (2015). Pesquisa documental na pesquisa qualitativa: conceitos e caracterização. *Revista de investigaciones UNAD Bogotá - Colômbia*, 14, 55-73.  
<https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2015/article/view/252/248>.
- Kübler-Ross, Elisabeth. (1996). *Sobre a morte e o morrer* (7. ed.; P. Menezes, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1969)
- Le Goff, Jacques. (1996). *História e memória*. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas. (Obra original publicada em 1988)
- Lemos, André. (2007). *Ciberespaço e Tecnologias Móveis: processos de Territorialização e Desterritorialização na Cibercultura*. Em A. S. Médola, D. Araújo & F. Bruno. (Orgs.). *Imagem, Visibilidade e Cultura Midiática* (pp. 277-293). Porto Alegre: Sulina.

- Lemos, André. (2008). *Cibercultura* (4. ed.). Editora Sulina.
- Lévy, Pierre. (2010). *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. (2. ed., C. I. Costa, Trad.). Rio de Janeiro: Editora 34. (Obra publicada originalmente em 1993)
- Lévy, Pierre. (2010). *Cibercultura* (3. ed., C. I. Costa, Trad.). Editora 34. (Obra publicada originalmente em 1999)
- Lima, Rossano C. (2020). Distanciamento e isolamento sociais pela Covid-19 no Brasil: impactos na saúde mental. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 30(2), 1-10.  
<https://doi.org/10.1590/S0103-73312020300214>
- Lima, Bernardo. (2021). *Fama de negacionista prejudica entrada de brasileiros em outros países*. Estado de Minas.  
[https://www.em.com.br/app/noticia/turismo/2021/09/01/interna\\_turismo,1301336/fama-de-negacionista-prejudica-entrada-de-brasileiros-em-outros-paises.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/turismo/2021/09/01/interna_turismo,1301336/fama-de-negacionista-prejudica-entrada-de-brasileiros-em-outros-paises.shtml).
- Lopes, Fernanda G.; Lima, Maria J. V.; Arrais, Rebecca H.; Amaral, Natália D. (2021). A dor que não pode calar: reflexões sobre o luto em tempos de Covid-19. *Psicologia USP*, 32, 1-13. <http://dx.doi.org/10.1590/0103-6564e210112>
- Luna, Ivânia J. (2014). *Histórias de perdas: uma proposta de (re)leitura da experiência de luto*. (Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina). Repositório Institucional UFSC. <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/129248>
- Lupion, Marcia. (2021). A Covid-19, o luto e a gestão do corpo morto pela prefeitura de Maringá-PR. *Revista NUPEM*, 13(30), 235-250.  
<https://doi.org/10.33871/nupem.2021.13.30.235-250>
- Mazorra, Luciana. (2009). *A construção de significados atribuídos à morte de um ente querido e o processo de luto*. (Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Repositório PUCSP. <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15837>
- Mazzotti, Alda J. A. & Campos, Pedro H. F. (2011). *Cibercultura: uma nova “era das representações sociais”?*. Em A. M. O. Almeida, M. F. S. Santos, & Z. A. Trindade. *Teoria das Representações Sociais: 50 anos* (pp. 457-488). Brasília: TechnoPolitik Editora.
- Meira, Marina M. & Fensterseifer, Liza. (2020). Death Cafe: um convite para falar sobre a morte em tempos de interdição. *Pretextos – Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, 5(9), 275-291.  
<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/22461/17079>.
- Minayo, Maria C. S. & Sanches, O. (1993). Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade. *Cadernos de Saúde Pública*, 9(3), 239-262.  
<https://www.scielo.br/pdf/csp/v9n3/02.pdf>

- Moreira, Walter. (2004). Revisão de Literatura e Desenvolvimento Científico: conceitos e estratégias para confecção. *Janus*, 1(1), 21-30.  
<http://fatea.br/seer3/index.php/Janus/article/view/102/92>.
- Moreira, Aline H. (2017). *Ser mulher e usar drogas: possibilidade de ruptura da norma de gênero* (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais).
- Moscovici, Serge. (2009). *Representações sociais: investigações em psicologia social* (6a ed., P. A. Guareschi, Trad.). Rio de Janeiro: Vozes. (Obra original publicada em 2000)
- Nascimento, Adriano R. A. & Menandro, Paulo R. M. (2006). Análise lexical e análise de conteúdo: uma proposta de utilização conjugada. *Estudos e pesquisas em psicologia*, 6(2), 72-88. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v6n2/v6n2a07.pdf>.
- Nascimento, Luciana C. N., Souza, Tania V., Oliveira, Isabel C. S., Moraes, Juliana R. M. M., Aguiar, Rosane C. B., Silva, Liliane F. (2018). Saturação teórica em pesquisa qualitativa: relato de experiência na entrevista com escolares. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 71(1), 243-246. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0616>
- Negrini, Michele. (2011). A morte em destaque: reflexões sobre o telejornalismo. *Biblioteca on-line de ciências de comunicação*, 1-13.  
<http://www.bocc.ubi.pt/pag/negrini-michele-a-morte-em-destaque.pdf>
- Nogueira, Eder L., & Nascimento, Adriano R. A. (2014). Maternidade e Identidade em Mulheres que Perderam Filhos: Aspectos Psicossociais. *Interação em Psicologia*, 18(1), 25-36. <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v18i1.28387>
- Noronha, Daisy P. & Ferreira, Sueli M. S. P. (2000). Revisões de literatura. Em B. V. Cendón, B. S. Campelio, J. M. Kremer. (Orgs.). *Fontes de informação para pesquisadores e profissionais* (pp. 191-198). Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Nunes, Denise B.; Simeão, Elmira; Pereira, Ondina. (2020). A prática da pesquisa documental em Psicologia. *Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação*, 13(1), 339-359. <https://doi.org/10.26512/rici.v13.n1.2020.29608>
- Oliveira, Flaviane C. (2013). *"Pau neles, não nos nossos": as Representações Sociais de tráfico de drogas na revista Veja (1968-2010) e suas articulações com a dinâmica identitária* (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais). Repositório Institucional da UFMG.  
[https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-9NSGE6/1/oliveira.\\_f\\_pau\\_neles\\_\\_n\\_o\\_nos\\_nossos.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-9NSGE6/1/oliveira._f_pau_neles__n_o_nos_nossos.pdf)
- Oliveira, Flaviane C. (2019). *Batalhas virtuais na cibercultura: uma análise psicossocial da memória e das representações sociais dos governos militares no Brasil (1964-1985)*. (Tese de Doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais).
- Oliveira, Flaviane C.; Rocha, Jaíza P. D. C.; Gianordoli-Nascimento, Ingrid; F., Naiff, Luciene A. M.; Ávila, Raphael F. (2017). Novas páginas de pesquisa em Psicologia Social: o fazer pesquisa na/da internet. *Psicologia e Saber Social*, 6(2), 186-204.  
<https://doi.org/10.12957/psi.saber.soc.2017.33558>.

- Organização Mundial de Saúde. (2020a). *Manejo de cadáveres no contexto do novo coronavírus (COVID-19). Recomendações provisórias, 18 de março de 2020.* <https://iris.paho.org/handle/10665.2/51957>.
- Organização Mundial de Saúde. (2020b). *Prevenção e controle de infecção para manejo de cadáveres no contexto da COVID-19. Orientação provisória, 24 de março de 2020.* <https://iris.paho.org/handle/10665.2/51981>.
- Organização Mundial de Saúde. (2020c). *Prevenção e controle de infecção para manejo seguro de cadáveres no contexto da COVID-19. Orientação provisória. 4 de setembro de 2020.* <https://iris.paho.org/handle/10665.2/52914>.
- Pandey, Geeta. (2021, 19 mai). *Covid-19 na Índia: rio Ganges vira 'cemitério' com corpos flutuantes ou enterrados às margens.* BBC News Brasil. <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-57173639>
- Parker, Gordon., & Brotchie, Heather. (2009). Depressão maior suscita questionamento maior. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 31(Supl I), S3-6. <https://doi.org/10.1590/S1516-44462009000500002>
- Pereira, Iranilton M., & Bezerra, Josenildo S. (2014). Do riso ao fúnebre: a publicidade dos planos funerários no Cemitério Morada da Paz. *QUIPUS*, 3(1), 69-81. <https://repositorio.unp.br/index.php/quipus/article/view/618>.
- Pereira, Mara D., Oliveira, Leonita C., Costa, Cleberson F. T., Bezerra, Cláudia, M. O., Pereira, Miria D., Santos, Cristiane K. A., Dantas, Estélio H. M. (2020). A pandemia de COVID-19, o isolamento social, consequências na saúde mental e estratégias de enfrentamento: uma revisão integrativa. *Research, Society and Development*, 9(7), 1-31. <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i7.4548>
- Portaria nº 188, de 3 de fevereiro de 2020. (2020). <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-188-de-3-de-fevereiro-de-2020-241408388>
- Póvoa, Jordana M. (2017). Os sentidos da dor do parto no contexto de humanização no Brasil (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais).
- Prestes, Monica. (2021). *Com avanço de casos de Covid-19, oxigênio falta em cinco cidades do interior do Amazonas.* Folha de São Paulo. <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/01/com-avanco-de-casos-de-covid-19-oxigenio-falta-em-quatro-cidades-do-interior-do-amazonas.shtml>
- Rabelo, Elizabeth A., & Mahfoud, Miguel. (2020). Entre o aquém e o além: análise fenomenológica de vivências de coveiros diante numinoso. *Memorandum*, 37, 1-21. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/14930/19583>.
- Ramos, Hugo. (2015). Além-túmulo no Facebook: vida após a morte e luto na era digital. *Observatorio Journal*, 9(4), 31-50. <https://doi.org/10.15847/obsOBS942015705>

- Rezende, Joffre M. As grandes epidemias da história. (2009). Em J. M. Rezende. *À sombra do plátano: crônicas de história da medicina* [online] (pp. 73-82). São Paulo: Editora Unifesp. <http://books.scielo.org/id/8kf92/pdf/rezende-9788561673635-08.pdf>
- Ribeiro, José C. S. (2001). *Um breve olhar sobre a sociabilidade no ciberespaço*. Em M. Palácios & A. Lemos (Orgs.). *As Janelas do Ciberespaço* (pp. 138-150). Porto Alegre: Sulina.
- Rodrigues, Denise S.; & França, Maria P. S. G. S. A. (2010). A pesquisa documental sócio-histórica. Em M. I. Marcondes; E. Teixeira; I. A. Oliveira. (Orgs.). *Metodologias e técnicas de pesquisa em educação* (pp. 55-74). Belém: EDUEPA. [https://ccse.uepa.br/ppged/wp-content/uploads/bibliografias/metodologias\\_e\\_tecnicas\\_de\\_pesquisas\\_em\\_educacao.pdf](https://ccse.uepa.br/ppged/wp-content/uploads/bibliografias/metodologias_e_tecnicas_de_pesquisas_em_educacao.pdf).
- Rouquette, Michel-Louis. (1998). Representações e práticas sociais: alguns elementos teóricos. Em A. S. P. Moreira e D. C. Oliveira (Orgs.), *Estudos interdisciplinares de representação social* (pp. 39-49). Goiânia: AB Editora.
- Sá, Celso P. (1998). *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Salviati, Maria E. (2017). *Manual do Aplicativo Iramuteq*. <http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/manual-do-aplicativo-iramuteq-par-maria-elisabeth-salviati>.
- Santaella, Lucia. (2003). *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus.
- Santaella, Lucia. (2005). *Por que as comunicações e as artes estão convergindo?*. São Paulo: Paulus.
- Santana, Regina O. (2010). *Depois da perda: desafios e possibilidades da vivência do luto na hipermodernidade*. (Dissertação de Mestrado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro). Biblioteca Digital de Teses e Dissertações UERJ. <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/15280>
- Secretaria de Vigilância em Saúde. (2020). *Manejo de corpos no contexto do novo coronavírus COVID-19*. Brasília: Ministério da Saúde. [https://www.saude.sc.gov.br/coronavirus/arquivos/manejo\\_corpos\\_coronavirus\\_versao1\\_25mar20\\_rev3.pdf](https://www.saude.sc.gov.br/coronavirus/arquivos/manejo_corpos_coronavirus_versao1_25mar20_rev3.pdf)
- Silva, Ivandilson M. (2020). O governo Bolsonaro, a crise política e as narrativas sobre a pandemia. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, 5(16), 1478-1488. <http://dx.doi.org/10.31892/rbpab2525-426X.2020.v5.n16.p1478-1488>
- Silva, Lúcia O. (2001). *A Internet – A Geração de um novo espaço antropológico*. Em M. Palácios & A. Lemos (Orgs.). *As Janelas do Ciberespaço* (pp. 151-171). Porto Alegre: Sulina.

- Silva, Caíque S., Martins, Gean C., & Bragança, Pedro L. (2017). A utilização dos memes como estratégia de marketing digital do cemitério Jardim da Ressurreição. *Puça*, 3(3), 264-287. <http://revistaadmmade.estacio.br/index.php/puca/article/viewFile/4635/2136>
- Silva, Andreia V.; Rodrigues, Claudia; Aisengart, Rachel. (2021). Morte, ritos fúnebres e luto na pandemia de Covid-19 no Brasil. *Revista NUPEM*, 13(30), 214-234. <http://dx.doi.org/10.33871/nupem.2021.13.30.214-234>
- Silva, Marcelo M. & Estellita-Lins, Carlos. (2021). A *xawara* e os mortos: os Yanomami, luto e luta na pandemia da Covid-19. *Horizontes antropológicos*, 27(59), 267-285. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832021000100014>
- Simionato, Deborah M. (2011). *Sobre a melancolia em Freud*. Projeto Wikipedia Psicopatologia. [https://www.ufrgs.br/psicopatologia/wiki/index.php?title=Sobre\\_a\\_Melancolia\\_em\\_Freud](https://www.ufrgs.br/psicopatologia/wiki/index.php?title=Sobre_a_Melancolia_em_Freud)
- Sousa, Yuri S. O. (2021). *Minicurso IRaMuTeQ* [Webinar]. Universidade Federal da Bahia.
- Sousa, Yuri S. O. (no prelo). O uso do software Iramuteq. Fundamento da lexicometria para pesquisas qualitativas. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*.
- Stroebe, Margaret & Schut, Henk. (1999). The Dual Process Model of bereavement: rationale and description. *Death Studies*, 23(3), 197-224. <https://doi.org/10.1080/074811899201046>
- Van Gennep, Arnold; (2011). *Os ritos de passagem* (3. ed.; M. Ferreira, Trad.). Petrópolis: Vozes. (Obra original publicada em 1909)
- Vala, Jorge. (2004). Representações sociais e psicologia social do conhecimento quotidiano. In J. Vala, M. B. Monteiro (Coords.), *Psicologia Social* (6a ed., 457-502). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Veras, Lana. (2014). *Aqui se jaz, aqui se paga: p mercado da morte e do morrer em “tempos de imortalidade”*. (Tese de Doutorado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro). Biblioteca de Teses e Dissertações CAPES. [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=648936](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=648936)
- Vidale, Giulia. (2021). *Pandemia afetou a saúde mental de 79% das pessoas, em especial jovens*. Revista Veja. <https://veja.abril.com.br/saude/pandemia-afetou-saude-mental-de-79-das-pessoas-em-especial-jovens/>.
- Vinhal, Luiz P. R. (2019). *Disputas de gênero no ambiente virtual do jogo League of Legends* (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais). Repositório Institucional da UFMG. <http://hdl.handle.net/1843/47086>

Werlang, Rosangela, & Mendes, Jussara M. R. (2014). Death over time: brief notes about death and dying in the West. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 31(3), 437-449. <https://doi.org/10.1590/0103-166X2014000300012>

Worden, J. William. (2013). *Aconselhamento do luto e terapia do luto: um manual para profissionais da saúde mental* (4. ed.; A. Zilberman, L. Bertuzzi, S. Smidt, Trans.). São Paulo: Roca.

## **Apêndice I. Revisão de literatura em luto pela COVID-19**

### **Aspectos psicológicos, sociais e culturais do luto por COVID no Brasil: uma revisão da produção bibliográfica recente (2020-2022)**

A revisão da literatura é uma pesquisa de caráter teórico que busca fundamentar um determinado objetivo de investigação a partir de fontes bibliográficas produzidas por outros autores. Noronha e Ferreira (2000, p. 191) definem os trabalhos de revisão como

estudos que analisam a produção bibliográfica em determinada temática, dentro de um recorte de tempo, fornecendo uma visão geral ou um relatório do estado-da-arte sobre um tópico específico, evidenciando novas ideias, métodos, subtemas que têm recebido maior ou menor ênfase na literatura selecionada.

Pelo potencial de síntese e análise do elevado volume de materiais difusamente publicados em meios analógicos e digitais, as revisões da literatura são produções de extrema relevância para a comunidade científica na medida em que permitem aos leitores um vislumbre do panorama atual dos conhecimentos acerca de determinado tema. No entanto, Moreira (2004) aponta que o reconhecimento desse tipo de estudo é controverso nos círculos acadêmicos, principalmente devido à concepção errônea de que não agregam prestígio significativo aos currículos – visto que não produzem resultados primários, alguns pesquisadores tendem a considerar que a revisão da literatura não pode ser classificada como uma pesquisa em si. O autor argumenta a favor do caráter investigativo dos estudos de revisão da literatura em casos específicos, como aqueles em que o problema de pesquisa constitui uma lacuna no conhecimento ou quando as produções acerca de um determinado tema são amplas e/ou densas em demasia.

De acordo com Figueiredo (1990, pp. 132-133), é possível considerar que as revisões de literatura cumprem simultaneamente duas funções, sendo elas: a função histórica e a função de atualização. A função histórica da revisão da literatura consiste na comparação de fontes diferentes, na compactação do conhecimento existente, na substituição dos trabalhos originais como registro escrito, na identificação de especializações emergentes e no direcionamento da pesquisa para novas áreas. A função de atualização, por sua vez, se baseia na notificação informativa sobre a literatura publicada, no alerta para campos correlatos, no

suporte à busca bibliográfica, na orientação inicial para uma nova área e no auxílio da aprendizagem acadêmica.

Considerando a amplitude de aplicações possíveis, a revisão de literatura pode ser classificada em diferentes tipos – utilizando como principal critério a função que cumpre no escopo da pesquisa em questão. Ao longo do tempo, diversas classificações foram propostas por autores que se debruçaram sobre a temática (Cf. Moreira, 2004). No entanto, os textos metodológicos recentes adotam a existência de apenas duas categorias de revisões da literatura: as revisões sistemáticas e as revisões narrativas. Cada um desses modelos pretende alcançar diferentes objetivos a partir de procedimentos metodológicos distintos para a recuperação e a análise de materiais, cujos dados são descritos e apresentados de forma a atender aos critérios pressupostos ao método.

De maneira sucinta, é possível descrever as revisões sistemáticas como estudos que, com o objetivo de responder a uma pergunta bem delimitada, analisam sistematicamente as produções científicas sobre determinado tema com alto nível de rigor metodológico. Também são consideradas sistemáticas as revisões integrativas e as meta-análises, que se diferenciam principalmente no que diz respeito às características dos materiais recuperados e às análises estatísticas aplicadas ao banco de dados.

Por outro lado, as revisões narrativas são estudos que pretendem descrever e discutir o estado da arte do objeto da pesquisa, sem intenção de exaurir o assunto ou mesmo de responder alguma pergunta específica. Ou seja, o principal objetivo deste método é discutir temas, evidenciar elementos ou apresentar contextos de questões amplas de pesquisa. A coleta de materiais é deliberadamente arbitrária, levando em consideração os vieses estabelecidos pelo autor a partir da abordagem teórica elencada para a apresentação dos resultados, e apresenta ao pesquisador a possibilidade de recorrer a diversos recursos para análise (produções científicas, como artigos ou monografia, conteúdos jornalísticos, matérias de revistas, entre outros).

Além de divergência significativa entre revisões sistemáticas e revisões narrativas, esta última característica configura uma das maiores críticas direcionadas ao método não-sistematizado de revisão da literatura, por não atender aos critérios de replicabilidade considerados indispensáveis para a investigação científica. Embora menos rigorosas do que as revisões sistemáticas, as revisões narrativas também são produções valiosas no meio acadêmico visto que possibilitam a abertura de espaço para debate.

Nesse sentido, optou-se pela realização de revisão narrativa conceitual da literatura para localizar temas e elementos relacionados com o processo do luto por vítimas do novo coronavírus, considerando a necessidade de construção coletiva sobre um fenômeno ainda em elaboração. Elenca-se como objetivo o mapeamento e a análise das produções acadêmicas recentes na área das humanidades que abordem o luto em decorrência do avanço da COVID-19 em território nacional. Além de proporcionar uma ampla visão do que foi produzido sobre o assunto, o estudo visa identificar possíveis singularidades na abordagem do tema em diferentes fases da pandemia.

Para a composição da revisão da literatura, será utilizado o esquema proposto por Moreira (2004, pp. 27-28) exposto brevemente a seguir:

- 1. Escolha do assunto e estabelecimento dos objetivos.** O pesquisador deve, independentemente do tipo de revisão de literatura que pretende realizar, delinear de forma precisa uma questão norteadora para identificar materiais condizentes com o objetivo da pesquisa. – desta forma, é possível manter a coerência e coesão das análises realizadas.
- 2. Levantamento bibliográfico.** O autor indica que este momento seja o mais compreensivo possível, abrangendo grande diversidade de fontes e materiais. Ciente da importância de esclarecer aos leitores as justificativas que sustentam as escolhas realizadas ao longo da pesquisa e os vieses consequentemente adotados, os procedimentos de pesquisa adotados devem ser descritos minuciosamente para garantir certo nível de sistematização mesmo à revisões do tipo narrativa.
- 3. Leitura inspeccional.** Identificar os textos relevantes para a investigação proposta, assim como o nível de prioridade para leitura. A leitura parcial inicial contribui tanto para o gerenciamento de tempo quanto para uma compreensão geral do assunto de interesse.
- 4. Estabelecimento e aplicação de roteiro de leitura.** Leitura dos materiais selecionados a partir de um roteiro de perguntas orientadoras, com o objetivo de confirmar a relação dos textos revisados aos objetivos da revisão proposta. O autor indica iniciar a leitura pelos textos mais recentes, a fim de localizar obras cujo índice de citação indique grande relevância no campo de estudo.
- 5. Organização das pesquisas relevantes segundo um critério lógico.** Existem diversos critérios possíveis para organização do material (cronológica, conceitual, relevância dos autores, entre outros).

6. **Avaliação crítica.** Nesta fase, os materiais tematicamente agrupados e cronologicamente organizados serão comparados com o objetivo de identificar concordâncias e discordâncias entre os autores (concordância interpesquisadores). O autor indica outras possibilidades de análise, que serão consideradas a partir do contato com as potencialidades dos materiais coletados.
7. **Conclusão.** Costura entre os conhecimentos contidos nos materiais analisados e os novos conhecimentos produzidos por meio da análise destes materiais. É indicado que o autor seja capaz, neste momento, de traçar uma “nova agenda de pesquisa” ao indicar temas que necessitam de investigações posteriores.

Os resultados obtidos pela revisão da literatura serão apresentados de duas maneiras distintas: os conteúdos dos artigos serão utilizados para a composição dos capítulos teóricos da dissertação, enquanto as análises da caracterização sócio-institucional e metodológica dos materiais serão apresentadas neste apêndice. Esta proposta de apresentação dos dados converge com as considerações de Echer (2001), que afirma que “um trabalho de pesquisa deixa de ter sentido se este for apenas uma coletânea de ideias de vários autores, isto é, a opinião de diferentes autores sem uma crítica ou exposição das ideias do pesquisador” (p. 17). Além disso, aponta o processo criativo do autor como essencial para a redação de um texto que seja capaz de indicar convergências e divergências das produções científicas anteriores sem perder de vista a originalidade da contribuição intelectual de sua investigação.

Em referência à primeira etapa apontada por Moreira (2004), utilizou-se a estratégia População (enlutados por vítimas do novo coronavírus), Conceito (luto) e Contexto (COVID-19 no Brasil) para delineamento da questão norteadora da revisão da literatura. Ou seja, a investigação considerou a seguinte pergunta: Quais as características do processo de elaboração do luto de brasileiros que perderam entes queridos vítimas do novo coronavírus? Além disso, cabe dizer que a revisão da literatura será inserida no corpo da pesquisa como suporte para a análise dos dados empíricos coletados – logo, torna-se imprescindível cuidar para que se sustente como referencial teórico e seja convergente para os objetivos elencados.

Para elaboração do estudo, foram recuperados artigos científicos disponibilizados em bancos de dados digitais no período de janeiro de 2020 a janeiro de 2022 – abrangendo, portanto, dois anos da pandemia do novo coronavírus. A princípio, os bancos de dados escolhidos foram “Periódicos CAPES”, “SciELO” e “PePSIC” – sendo que, posteriormente, a

pesquisadora optou por acrescentar resultados compilados pelo “Google Acadêmico”<sup>22</sup>. Considerando os objetivos gerais e específicos, foram elencados como descritores da pesquisa os descritores “*luto*” AND “*covid*”. O levantamento foi realizado de fevereiro a maio de 2022. No “Google Acadêmico” utilizou o critério do ponto de saturação<sup>23</sup> devido ao elevado número de resultados apontados (7850 ocorrências no total), enquanto o levantamento em outros bancos de dados foi realizado de maneira exaustiva, ou seja, considerando todos os resultados obtidos por meio dos descritores selecionados.

A busca realizada nos bancos de dados identificou 149 registros, dos quais 24 foram removidos por serem duplicados. Os materiais coletados foram analisados segundo os seguintes critérios preliminares de inclusão: a) texto completo disponível; b) idioma português; c) publicação dentro do período de interesse; d) material no formato de artigo; e) participação de pelo menos uma instituição de ensino nacional. A conferência individual dos 125 resultados únicos obtidos pelo levantamento resultaram na eliminação de 49 materiais por não atenderem aos critérios de inclusão elencados: sete estavam indisponíveis na íntegra, trinta e sete possuíam formatos incompatíveis, um dos materiais não possui edição em português e quatro não continham participação de pesquisadores e/ou instituições de ensino brasileiros.

O conjunto de materiais, composto por 76 artigos após a aplicação dos critérios preliminares, foi sujeito a leitura inspeccional para avaliação da elegibilidade em relação ao escopo delineado para a investigação. Este processo consistiu em duas etapas distintas, conforme descrito a seguir: 1) leitura de resumos, na qual foram descartados os artigos que não contivessem os elementos centrais da pesquisa – sistematizados pela estratégia de População, Conceito e Contexto; 2) leitura parcial de textos, na qual foram identificados e descartados artigos que não respondiam à questão norteadora estabelecida para a revisão da literatura. Na primeira etapa, foram eliminados 36 resultados devido a inadequações ao recorte delineado pela pesquisadora, enquanto na segunda 5 estudos foram considerados

---

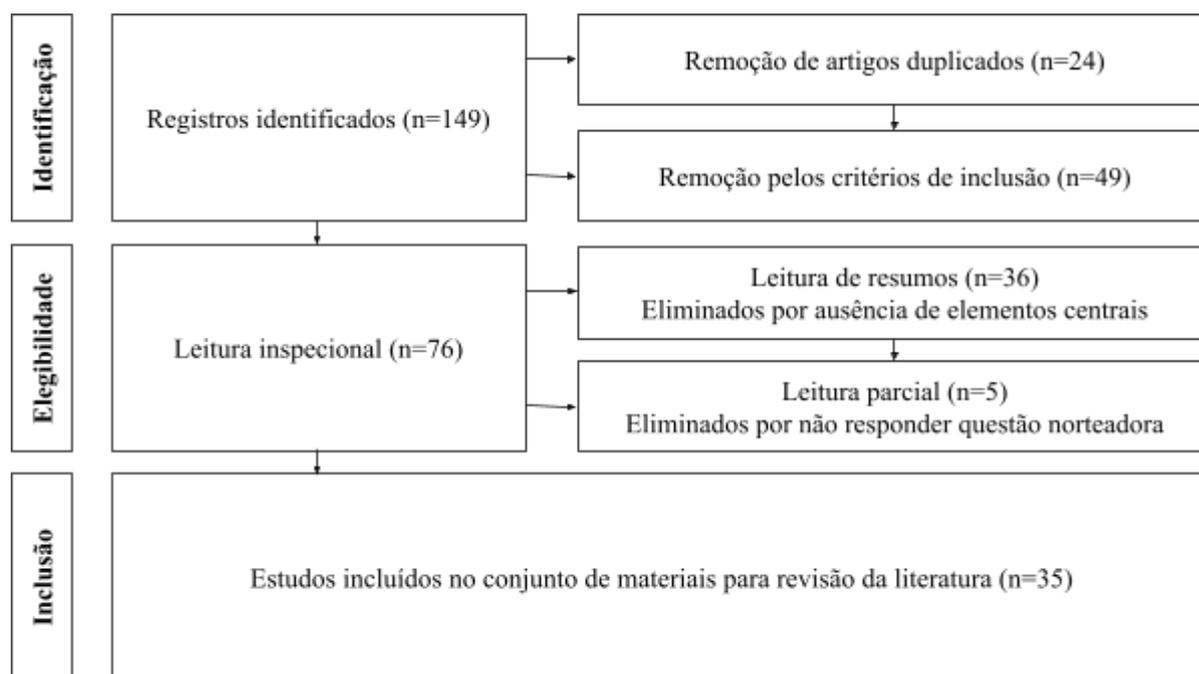
<sup>22</sup> Os bancos de dados elencados para a realização da pesquisa podem ser acessados por meio de endereços eletrônicos, que serão listados a seguir: 1) Periódicos CAPES: [www.periodicos.capes.gov.br](http://www.periodicos.capes.gov.br); 2) SciELO: <https://www.scielo.org>; 3) PePSIC: <http://pepsic.bvsalud.org>; 4) Google Acadêmico: <https://scholar.google.com.br>.

<sup>23</sup> De acordo com Nascimento et al. (2018) “considera-se saturada a coleta de dados quando nenhum novo elemento é encontrado e o acréscimo de novas informações deixa de ser necessário, pois não altera a compreensão do fenômeno estudado” (p. 244). No levantamento em questão, o ponto de saturação foi constatado por meio da diminuição e eventual ausência de ocorrências conjuntas dos descritores “*luto*” e “*COVID-19*” – o que ocorreu após a coleta de materiais em mais de vinte e cinco páginas da busca.

irrelevantes para a temática de interesse desta pesquisa – totalizando, por fim, 35 artigos relevantes para a revisão da literatura proposta.

**Figura 11**

*Processo de levantamento e avaliação de artigos para revisão de literatura*



O conjunto de materiais selecionados (Quadro 5) abordavam aspectos psicológicos, sociais e culturais do luto no contexto da COVID-19. Ou seja, independente do embasamento teórico ou campo de atuação profissional dos autores para o desenvolvimento da temática, apresentavam direta ou indiretamente elementos analíticos relacionados a conhecimentos, crenças, atitudes, significados, cultura e experiências dos sujeitos diante da morte de um ente querido.

Após triagem, os artigos foram compilados em uma planilha para identificar as seguintes informações: autoria; ano de publicação; título completo; instituição de vinculação dos autores e sua natureza; área de atuação dos autores e outras temáticas abordadas. Estas categorias se mostraram suficientes para organizar as informações dos materiais coletados, possibilitando a caracterização do banco de dados obtido após o levantamento bibliográfico. Em consonância com os objetivos do estudo, utilizou-se o critério temático para organização do material e, conseqüentemente, da apresentação dos resultados obtidos nos respectivos capítulos teóricos (seções 2.2 e 2.3).

**Quadro 5***Estudos selecionados para revisão de literatura em luto por COVID-19*

<b>ID</b>	<b>Autor(es)</b>	<b>Ano</b>	<b>Título</b>
01	Silva, Andreia V.; Rodrigues, Claudia; Aisengart, Rachel	2021	Morte, ritos fúnebres e luto na pandemia de Covid-19 no Brasil
02	Lupion, Marcia R. O.	2021	A Covid-19, o luto e a gestão do corpo morto pela prefeitura de Maringá-PR
03	Giamattey, Maria E. P.; Frutuoso, Joselma T.; Bellaguarda, Maria L. R.; Luna, Ivânia J.	2022	Rituais fúnebres na pandemia de COVID-19 e luto: possíveis reverberações
04	Estrela, Fernanda M.; Silva, Andrey F.; Oliveira, Ana C. B.; Magalhães, Júlia R. F.; Soares, Caroline F. S.; Peixoto, Thais M.; Oliveira, Milena A. S.	2021	Enfrentamento do luto por perda familiar pela COVID-19: estratégias de curto e longo prazo
05	Silva, Marcelo M.; Estellita-Lins, Carlos.	2021	A xawara e os mortos: os Yanomami, luto e luta na pandemia da Covid-19
06	Lopes, Fernanda G.; Lima, Maria J. V.; Arrais, Rebecca H.; Amaral, Natália D.	2021	A dor que não pode calar: reflexões sobre o luto em tempos de Covid-19
07	Dantas, Clarissa R.; Azevedo, Renata C.; Vieira, Laura C.; Côrtes, Maria T. F.; Federmann, Ana L. P.; Cucco, Lucas M.; Rodrigues, Leticia R.; Domingues, Jennyfer F. R.; Dantas, Juliana E.; Portella, Iuri P.; Cassorla, Roosevelt M. S.	2020	O luto nos tempos da COVID-19: desafios do cuidado durante a pandemia
08	Florêncio, Raquel S.; Cestari, Virna R. F.; Souza, Lorena C.; Flor, Amanda C.; Nogueira, Vitória P.; Moreira, Thereza M. M.; Salvetti, Marina G.; Pessoa, Vera L. M. P.	2020	Cuidados paliativos no contexto da pandemia de COVID-19: desafios e contribuições

09	Bianco, Anna C. L.; Costa-Moura, Fernanda	2020	Covid-19: Luto, Morte e a Sustentação do Laço Social
10	Rente, Maria A. M.; Merhy, Emerson E.	2020	Luto e não-violência em tempos de pandemia
11	Cardoso, Érika A. O.; Silva, Breno C. A.; Santos, Jorge H.; Lotério, Lucas S.; Accoroni, Aline G.; Santos, Manoel A.	2020	Efeitos da supressão de rituais fúnebres durante a pandemia de COVID-19 em familiares enlutados
12	Crepaldi, Maria A.; Schmidt, Beatriz; Noal, Débora S.; Bolze, Simone D. A.; Gabarra, Letícia M.	2020	Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas
13	Rangel, Camila B.; Loures, José M.	2021	Por uma erótica do fim: luto no contexto da pandemia de COVID-19
14	Poletto, Adriana A. A.	2021	Quando um morre e o outro sobra em vida: reflexões sobre a morte em tempos de pandemia de covid-19
15	Peixoto, Thais T.; Servo, Maria L. S.; Fontoura, Elaine G.; Oliveira, Marluce A.N.; Coelho, Maira M. P.; Andrade, Juliana N.	2021	Estratégias de enfrentamento ao luto por COVID-19 para familiares que vivenciam conflitos e dilemas éticos
16	Oliveira, Eliany N.; Ximenes Neto, Francisco R. G.; Moreira, Roberta M. M.; Lima, Gleisson F.; Santos, Francisco D.; Freire, Magda A.; Viana, Lorenna S.; Campos, Marcos P.	2020	"Aquele adeus, não pude dar": luto e sofrimento em tempos de COVID-19
17	Silva, Isabella N.; Miranda, Amanda C. H.; Silva, Lucas T. P.; Szylit, Regina	2020	Ajudando as crianças a enfrentarem o luto pela perda de pessoas significativas por COVID-19
18	Oliveira, Dhiene S. A.; Bisconcini, Karen P.; Gutierrez, Beatriz A. O.	2020	Processo de luto diante da pandemia: repercussões frente à COVID-19 no Brasil
19	Magalhães, Julia R. F.; Soares, Caroline F. S.; Peixoto, Thaís M.; Estrela, Fernanda M.; Oliveira, Ana C. B.; Silva, Andrey F.; Gomes, Nadirlene P.	2020	Implicações sociais e de saúde que acometem pessoas enlutadas pela morte de familiares por COVID-19

20	Hortegas, Monica G.; Santos, Cristiane C.	2020	COVID-19 e o luto: sem poder dizer o último adeus
21	Lima, Thaina J. A.; Lima, Maria V. C.; Ferreira, Lauana C. C.; Sales, Leticya G.; Oliveira, Kalyane K. D.	2021	Expressões de luto no início da pandemia de COVID-19 veiculadas em jornais do Brasil
22	Feitoza, Thalysen B. M.; Cordeiro, Yáskara L.; Belmino, Marcus C. B.	2020	Processo de luto no contexto da COVID-19 à luz da Gestalt-terapia: estratégias possíveis de enfrentamento
23	Ferreira, Carlina L. A. P.	2021	Processo de luto e a humanização da morte: a importância dos cuidados paliativos no contexto da COVID-19
24	Crivelini, Bárbara M.; Dionísio, Gustavo H.; Oliveira, Juliana F.	2021	Luto em tempos de COVID-19 ou da impossibilidade de velar os mortos na pandemia
25	Oleques, Geisson; Pereira, Vanessa G.; Halpern, Silvia C.; Bandinelli, Lucas P.; Bastos, Tamires M.; Ornell, Felipe	2021	Aspectos do luto em familiares de mortos em decorrência da COVID-19
26	Teixeira, Paulo T. F.	2021	Pandemia COVID-19: reflexões sobre o enlutamento
27	Fontes, Wendney H. A.; Assis, Pamela C. P.; Santos, Emanuelle P.; Maranhão, Thércia L. G.; Júnior, Joel L.; Gadelha, Maria S. V.	2020	Perdas, mortes e luto durante a pandemia de COVID-19: uma revisão da literatura
28	Nascimento, Adriana R.; Silva, Bruna K. B.; Abrahão, Bárbara A. R.; Swerts, Leticia S.; Gomes, Loyane E. S.; Alves, Mariana T. L.; Silva, Nara L. R.	2020	Rituais de despedida no contexto da pandemia da COVID-19
29	Cabral, Hideliza L. T. B.; Robles-Lessa, Moyana M.; Cruz, Raiza S.; Monteiro, Juliana R.; Guimarães, Danielle N.	2020	Consequências do adeus negado às vítimas da COVID-19
30	Biasus, Christine L. B.; Rohenkohl, Lia M. I. A.'	2021	O luto em tempos de pandemia: observações de manifestações nas redes sociais

31	Alvim, Fabiane C. S.	2020	Sobre a morte e o morrer: aspectos históricos e o contexto da pandemia COVID-19
32	Neto, Olavo M. S.; Reis, Maria L. A.; Alexandrino, Arthur; Agra, Glenda	2020	Ensaio narrativo sobre processo de enlutamento frente a COVID-19
33	Foresti, Taimara; Hodecker, Máisa; Bousfield, Andréa B. S.	2021	A concepção de morte na história e a COVID-19: uma retrospectiva teórica
34	Kind, Luciana; Cordeiro, Rosineide	2020	Narrativas sobre a morte: a gripe espanhola e a COVID-19 no Brasil
35	Simonetti, Marcella R. S.; Gomes, Giovanna C.; Nunes, Karla G.	2021	Entre lutos e pandemias: uma revisão narrativa

No que se refere ao número de artigos publicados, é possível perceber uma certa consistência das produções científicas no período de interesse: 51,4% (n = 18) foram publicados em 2020 e 45,7% (n = 16) em 2021. Embora exista apenas uma publicação no ano de 2022, representando 2,9% do conjunto de dados, não há diminuição aparente no interesse pela temática em comparação com o número de publicações no mesmo período de anos anteriores.

### **Tabela 6**

*Distribuição cronológica de artigos publicados sobre o luto pela COVID-19*

<b>Ano de publicação</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>
2020	18	51,
2021	16	45,7
2022	1	2,9
<b>Total</b>	<b>35</b>	<b>100</b>

A distribuição segundo a região do país foi realizada por meio da identificação do local de origem das instituições de ensino superior as quais os pesquisadores declararam estar vinculados. Apenas três regiões foram representadas no conjunto de artigos selecionados: a maior prevalência de estudos foi estabelecida na região Sudeste (50%), seguida das regiões Nordeste (31%) e Sul (19%). Esta distribuição pode estar relacionada com uma maior concentração geográfica de recursos financeiros na região Sudeste, o que culmina em uma maior disponibilidade de institutos de ensino e pesquisa. Levando em consideração que alguns artigos foram desenvolvidos por meio de parcerias entre instituições de regiões diferentes (nordeste/sudeste = 2; sul/sudeste = 2), a frequência total da regionalização é maior que o número total da amostra original.

### **Tabela 7**

*Distribuição geográfica de artigos publicados sobre o luto pela COVID-19*

<b>Região</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>
Sudeste	21	50
Nordeste	13	31
Sul	8	19
<b>Total</b>	<b>42</b>	<b>100</b>

O mapeamento das instituições de ensino considerou todas as instituições de vinculação apontadas pelos autores, totalizando 43 ocorrências desconsiderando as repetições. A caracterização foi realizada por meio de dois critérios: tipificação da instituição de ensino (universidade, centro universitário, faculdade ou instituto de pesquisa e desenvolvimento)<sup>24</sup> e natureza de atuação (pública ou privada).

Pode-se perceber que, dentre as instituições listadas, houve grande predominância de universidades públicas (58,1%) – reflexo do incentivo oferecido às instituições públicas para o desenvolvimento de pesquisas e as políticas de produtividade vigentes nos programas de pós-graduação para obtenção de classificações relevantes. Por outro lado, percebe-se uma distribuição equilibrada entre os tipos de instituição de natureza privada: foram declarados seis centros universitários (14%), cinco faculdades e cinco universidades (11,6%, cada).

Além das instituições de ensino superior, foi observada a contribuição de institutos dedicados à pesquisa e desenvolvimento (4,3%) como a Fundação Oswaldo Cruz, cuja atuação é de natureza pública, e o Instituto Escutha, de natureza privada. Nesta amostra, não foi identificada a participação de nenhuma instituição estrangeira de ensino.

---

<sup>24</sup> Esta categorização levou em consideração os critérios de diversidade disciplinar e curricular das instituições de ensino superior; exigências de dedicação do corpo docente; autonomia perante o Ministério da Educação (MEC) para disponibilizar cursos e emitir diplomas; e, por último, obrigações de atendimento devidas à sociedade. Nesse sentido, pode-se sintetizar: as universidades são instituições pluridisciplinares, que possuem autonomia e responsabilidades sociais; por sua vez, os centros universitários devem solicitar autorização para disponibilização de cursos e dependem de uma universidade para validação de diplomas; enquanto isso, as faculdades (além dos pontos já mencionados sobre os centros universitários) são pluricurriculares dentro de áreas específicas do conhecimento. Os institutos de pesquisa e desenvolvimento são aqueles cujo foco se concentra na formação contínua por meio de especializações e investimento em pesquisa, o objetivo não é a formação em nível superior.

**Tabela 8**

*Natureza da atuação das instituições vinculadas aos autores de artigos publicados sobre o luto pela COVID-19*

<b>Natureza de atuação</b>	<b>Tipo de Instituição</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>
<b>Pública</b>	Universidade	25	58,1
	Pesquisa e desenvolvimento	1	2,3
	<i>Total parcial</i>	26	60,5
<b>Privada</b>	Centro universitário	6	14
	Faculdade	5	11,6
	Universidade	5	11,6
	Pesquisa e desenvolvimento	1	2,3
	<i>Total parcial</i>	17	39,5
<b>Total</b>		16	100

Em relação à área de atuação dos pesquisadores, observou-se o vínculo institucional declarado pelos autores em cada artigo – as informações que compõem o mapeamento foram baseadas no departamento de pertencimento em instituições de ensino ou no setor de atuação em serviços de saúde ou órgãos de administração pública. Nos casos em que o autor apresentava mais de uma área de filiação, foi considerada a área menos específica visto que o objetivo deste dado era fornecer uma distribuição das grandes áreas do conhecimento interessadas no tema do luto pelo novo coronavírus.

No conjunto de materiais selecionados foram contabilizadas 46 vinculações, desconsiderando repetições de áreas no mesmo artigo. Os diferentes campos de atuação identificados foram contabilizados e agrupados nas áreas de conhecimento: Ciências Humanas e Sociais (71,7%) e Ciências da Saúde e Biológicas (28,3%). Na amostra coletada não houve representatividade em Ciências Exatas. Dentre os campos de conhecimento identificados, a Psicologia (52,2%) e a Enfermagem (19,6) destacaram-se na predominância de estudos publicados.

**Tabela 9**

*Distribuição das áreas de conhecimento dos autores de artigos publicados sobre o luto pela COVID-19*

<b>Área do conhecimento</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>	
<b>Ciências Humanas e Sociais</b>	Psicologia	24	52,2
	Antropologia	2	4,3
	História	2	4,3
	Letras	2	4,3
	Ciências Sociais	1	2,2
	Educação	1	2,2
	Direito	1	2,2
	<i>Total parcial</i>	33	71,7
<b>Ciências da Saúde e Biológicas</b>	Enfermagem	9	19,6
	Farmácia	1	2,2
	Biologia	1	2,2
	Medicina	1	2,2
	Psiquiatria	1	2,2
	<i>Total parcial</i>	13	28,3
<b>Total</b>	<b>46</b>	<b>100</b>	

Importante ressaltar que, uma vez que a pesquisa não envolveu seres humanos e os dados foram coletados em um site de acesso livre e gratuito, dispensou-se a necessidade de apreciação do estudo pelo Comitê de Ética em Pesquisa (COEP). Ressalta-se, no entanto, que se respeitou o direito autoral, preservando a devida identificação de autoria (Quadro 5).

## Apêndice II. Linha do tempo de eventos públicos

Para elaboração deste material foram consultados artigos jornalísticos e menções dos próprios usuários enlutados. Os eventos públicos são categorizados da seguinte forma: a) estatísticas: dados objetivos sobre a pandemia de COVID-19 no Brasil, como número de mortos ou recorde de mortes diárias; b) política: eventos relacionados ao contexto macropolítico, como ações governamentais relacionadas à pandemia, origem da subcategoria “CPI COVID”; c) data comemorativa: feriados de forte cunho familiar constantemente promoviam manifestações socialmente compartilhadas sobre o luto; d) morte de figura pública: a notícia do falecimento de celebridade, seja vítimas do novo coronavírus ou de outras causas, suscitaram reflexões sobre a morte e o morrer.

### Quadro 6

*Principais eventos públicos relacionados à COVID-19 (2020-2022)*

<b>DATA</b>	<b>EVENTO</b>	<b>DETALHAMENTO</b>
26/02/2020	Estatísticas	Primeiro caso de COVID no Brasil
11/03/2020	Estatísticas	OMS decreta pandemia
17/03/2020	Estatísticas	Primeiro óbito em decorrência da COVID
24/03/2020	Política	Bolsonaro minimiza pandemia: "gripezinha" e "histórico de atleta"
09/05/2020	Estatísticas	10 mil mortes
24/07/2020	Política	Bolsonaro faz apologia ao uso da hidroxicloroquina, mesmo sem comprovação científica de benefícios para COVID
25/07/2020	Estatísticas	Pico da primeira onda (7677 óbitos em uma semana)
08/08/2020	Estatísticas	100 mil mortes
21/10/2020	Política	Bolsonaro desautoriza compra da Coronovac após disputa política com o governador de SP, João Doria
02/11/2020	Data comemorativa	Dia de Finados

07/12/2020	Morte de figura pública	Eduardo Galvão, ator brasileiro (COVID)
17/12/2020	Política	Bolsonaro questiona vacinas: "Vai virar jacaré"
25/12/2020	Data comemorativa	Natal
01/01/2021	Data comemorativa	Ano Novo
07/01/2021	Estatísticas	200 mil mortes
14/01/2021	Política	Estoque de oxigênio em Manaus se esgota e sistema de saúde colapsa
17/01/2021	Política	Brasil inicia vacinação
13/02/2021	Estatísticas	Pico da segunda onda (7520 óbitos em uma semana)
10/03/2021	Estatísticas	Brasil ultrapassa recorde de 2.000 mortes diárias
18/03/2021	Morte de figura pública	Major Olímpio, senador brasileiro (COVID)
23/03/2021	Estatísticas	Brasil ultrapassa recorde de 3.000 mortes diárias
24/03/2021	Estatísticas	300 mil mortes
04/04/2021	Data comemorativa	Páscoa
08/04/2021	Estatísticas	Brasil ultrapassa recorde de 4.000 mortes diárias
27/04/2021	CPI COVID	Instalação
04/05/2021	Morte de figura pública	Paulo Gustavo, ator brasileiro (COVID)
09/05/2021	Data comemorativa	Dia das mães
15/05/2021	CPI COVID	Depoimento Carlos Murillo (ausência de resposta às propostas da Pfizer)
16/05/2021	Morte de figura pública	Bruno Covas, prefeito brasileiro (câncer)
18/05/2021	CPI COVID	Depoimento Ernesto Araújo (atraso nas entregas dos insumos farmacêuticos ativos)
19/05/2021	CPI COVID	Depoimento Eduardo Pazuello (recusa de doações de oxigênio para Amazonas)
20/05/2021	CPI COVID	Depoimento Eduardo Pazuello (recusa de aquisição de doses da Coronavac)
27/05/2021	CPI COVID	Depoimento Dimas Covas (atrasos na negociação de doses da Coronavac)

20/06/2021	Estatísticas	500 mil mortes
20/06/2021	Morte de figura pública	André Russo, professor brasileiro de jornalismo (COVID)
24/06/2021	CPI COVID	Depoimento Jurema Werneck e Pedro Hallal (descontinuidade da pesquisa Epicovid pelo Governo Federal)
25/06/2021	CPI COVID	Depoimento Irmãos Miranda (pressão para aquisição irregular de doses da Covaxin)
01/07/2021	CPI COVID	Depoimento Luiz Paulo Domingueti Pereira (escândalo do suposto pedido de propina na negociação de doses da AstraZeneca)
06/08/2021	Estatísticas	50% da população vacinada com ao menos uma dose da vacina contra Covid
08/08/2021	Data comemorativa	Dia dos pais
11/08/2021	CPI COVID	Depoimento Jailton Batista (confissão sobre campanhas publicitárias de ivermectina e lucros exorbitantes sobre o medicamento)
12/08/2021	Morte de figura pública	Tarcísio Meira, ator brasileiro (COVID)
17/08/2021	CPI COVID	Depoimento Alexandre Costa Marques (confissão de autoria de estudo falso sobre super notificação de mortes por COVID)
22/09/2021	CPI COVID	Depoimento Pedro Benedito Batista Júnior (subnotificação de casos de COVID pela Prevent Junior)
24/09/2021	CPI COVID	Depoimento Emanuel Catori (negou a conclusão de negociações entre a Belcher Farmacêutica e o Ministério da Saúde)
28/09/2021	CPI COVID	Depoimento Bruna Morato (acusação sobre o escândalo da Prevent Senior, envolvendo testes com pacientes e conluio de médicos acerca do kit COVID)
30/09/2021	CPI COVID	Depoimento Otávio Fakhoury (confissão sobre o financiamento de notícias fraudulentas sobre a pandemia)
07/10/2021	CPI COVID	Depoimento Walter Correa de Souza Netto e Tadeu Frederico Andrade (ex-funcionário e ex-paciente revelam detalhes da atuação da Present Senior)

08/10/2021	Estatísticas	600 mil mortes
18/10/2021	CPI COVID	Audiência pública com depoimentos de enlutados por vítimas de COVID
20/10/2021	CPI COVID	Desfecho
05/11/2021	Morte de figura pública	Marília Mendonça, cantora brasileira (acidente)
23/12/2021	Morte de figura pública	Joan Didion, escritora americana (doença)
25/12/2021	Data comemorativa	Natal
28/12/2021	Estatísticas	80% da população vacinada com as duas doses da vacina contra Covid
01/01/2022	Data comemorativa	Ano Novo
20/01/2022	Morte de figura pública	Elza Soares, cantora (causas naturais)
07/04/2022	Data comemorativa	Páscoa
08/05/2022	Data comemorativa	Dia das mães
05/08/2022	Morte de figura pública	Jô Soares, humorista brasileiro (doença)
14/08/2022	Data comemorativa	Dia dos pais

### **Apêndice III. Correspondências entre eventos públicos e manifestações privadas**

Na pesquisa qualitativa, de acordo com Chizzotti (2000), pressupõe-se que todas as pessoas que participam da pesquisa “têm um conhecimento prático, de senso comum e representações relativamente elaboradas que formam uma concepção de vida e orientam as suas ações individuais” (p. 83). Ou seja, todos os sujeitos são considerados produtores de conhecimentos práticos sobre sua experiência individual – sendo papel do pesquisador, portanto, relacionar as singularidades da vivência diária com o contexto geral da sociedade em busca da produção de um conhecimento crítico sobre a realidade de um problema. O produto final da pesquisa reflete uma obra coletiva produzida na relação dinâmica estabelecida, revelando as compreensões construídas histórica e culturalmente por pessoas vivas (e não por objetos de estudo).

A linha do tempo dinâmica abaixo foi produzida por meio da correlação entre os principais eventos públicos ao longo da pandemia do novo coronavírus (Apêndice II) e da frequência das manifestações privadas no relatos de luto (Figura 12). Estes dados se tornam relevantes na medida em que indicam a relação indissociável entre a esfera privada e a esfera pública no que tange o processo de elaboração do luto, fator relevante para a compreensão das peculiaridades do luto por COVID-19.

Seu potencial de atuar como articulador e catalisador no campo político demonstra o aspecto social e coletivo do luto. A partilha da perda e da dor, bem como a necessidade de advogar pelo valor e dignidade de seus mortos ou mesmo pela visibilidade e reconhecimento legal das perdas e das circunstâncias em que ocorreram, desempenha importante papel em diversos movimentos sociais de grupos marginalizados. Quando o luto partilhado impulsiona ações de ordem política, a participação política também participa em seu processo de elaboração. (Lopes et al., 2021, p. 4)

#### **Figura 12**

*Correspondências entre eventos públicos e manifestações privadas de luto*

